

## 1932 - 1933

Terminou em 4 de Novembro o nosso ano jacksoniano. E desta vez comemorávamos o primeiro lustro da morte de Jackson. Cinco anos já! E parece que poucos dias apenas nos separam daquela noite tragica de domingo, quando estalou na cidade, como um raio destruidor, a noticia de que á tardinha, lá pelas bandas da Barra da Tijuca, o nosso Jackson fôra tragado pelas ondas, quando pescava, com um filhinho de 8 anos e alguns amigos intimos. Conservamos todos ainda fresca na memoria a dôr fulgurante que a todos traspassou naquela hora sombria, em que não podiamos crer no que ouviamos e os sentidos ainda guardavam, presente, viva, inapagavel, a figura do nosso amigo. Era preciso, porém, aceitar a realidade, prosseguir caminho e ser fiel, não por meio de lamentações inuteis ou comemorações exteriores, mas continuando a sua obra e guardando vivo o seu ensinamento e o seu espirito na era agitadissima que já então viviamos.

Desde 1922 que o ambiente brasileiro se tornava dia a dia mais irrespiravel. Jackson, melhor que nenhum outro, previu os acontecimentos. Sua intuição dramatica das coisas não o enganava. Ele via aproximar-se a onda e o seu sentido da nacionalidade o mantinha sempre em contáto com as previsões mais subtis das modificações sociais. Católico de verdade, como raramente se vira no Brasil com tal ardor e tal compreensão das repercussões sociais da doutrina da Igreja; patriota, como ninguem com mais ardor e espirito de sacrificio poderia ser; alma de fogo e de convicções, que sabia dominar com violencia os impetos mais reconditos de um temperamento de artista e de apaixonado, em beneficio da sua atuação no

cenário político e social, — foi Jackson um precursor, um abridor de picadas, um descobridor de regiões inexploradas, um caçador de almas.

Nas palavras pronunciadas na sessão comemorativa do dia 4 de Novembro, algumas considerações sobre a ação de Jackson sobre a nossa geração e sobre o momento social brasileiro, de nossos dias, talvez convenham ficar aqui registadas, em suas linhas gerais. (Nós, seus amigos mais íntimos, temos a obrigação estrita de reviver sempre a sua memória, pois a capacidade incrível de indiferença da nossa gente, também se estende ao passado.) Se a ação dos vivos já pouco interesse desperta, entre nós, que fará a dos mortos, que têm contra si as sombras naturais que o tempo e o silêncio estendem sobre a sua memória! Nas duas reuniões que tivemos no dia 4 de Novembro, a do cemitério á tarde e a da nossa séde, á noite, observámos com mágua que quasi só nos encontrávamos ali, os seus amigos mais chegados, aqueles que de perto o conheceram. A nova geração, quasi ausente. Outros, da mesma fórma. Esse católico que tudo deu á Igreja, de sua alma ardente e de sua intelligencia vivíssima; esse *moço* que indicou novos rumos á mocidade brasileira; esse *doutrinário político* que revelára horizontes, hoje explorados como seus por outros, que em seu tempo talvez dele escarnecessem ou se afastassem, — vinha ser comemorado, cinco anos depois de morto, pela fidelidade dos *amigos* e nada mais. Triste condição de quem se sacrifica, no Brasil, pelas causas mais generosas e belas! O premio é o esquecimento, a indiferença ou mesmo a malquerença que nem as cinzas respeita. E o zelo dos amigos certamente ainda é comentado como exagero ou romantismo, simplesmente porque procura reagir contra a ingratição e o olvido da mediocridade satisfeita e modorrenta.

E' preciso, pois, que não cansemos em nosso rebate continuo e que façamos, por sua memória, o que a justiça mais estrita exija que se faça, para defendermos o catholicismo e em geral a alma brasileira dos entorpecentes e das confusões, aos quais se contrapoz, sereno e puro,

o martirio de D. Vital, e contra os quais clamou, sem cessar, a voz até hoje sacrificada de Jackson de Figueiredo.

O que este fez, por sua geração, foi obra de *conquista* e não de *coincidencia*. A influencia que exerceu foi obtida pela luta, a principio comsigo mesmo e, em seguida, com o espirito que animava tambem os seus companheiros de idade. Foi uma influencia belicosa e reacionaria e não uma sintonização natural.

E tres modalidades assumiu essa influencia de Jackson:

a que exerceu sobre *nossa alma*;

a que exerceu sobre *nosso pensamento*;

a que exerceu sobre *nossa ação*.

(De varios modos se manifestou essa penetração de Jackson de Figueiredo sobre *a alma* de sua geração)

Primeiramente encarando a vida *com gravidade* e não com displicencia, como todos nós em nossa adolescencia. Jackson foi o primeiro que se levantou contra o cepticismo "fin de siècle", que envenenára a geração post-simbolista no Brasil. Vinha do Norte, onde difficilmente e em raros espiritos penetrára a infiltração decadente. A alma ardente do Norte não se coaduna com essa attitude requintada que importáramos de civilizações cançadas. E Jackson veio trazer, a nós do Sul, o calor nordestino do seu sangue e o exemplo chocante de suas atitudes peremptorias. Foi o mestre de anti-cepticismo em nossa geração.

E assim sendo, vinha tambem insurgir-se contra a mediania, a moderação mediocre, a indiferença. (Foi um *negador*, a principio, e mesmo um *demolidor*, um impio, que atacou sem piedade a piedade do seu povo. E depois, convertido, convencido, cristianisado em sua inteligencia e em sua vontade, — como sempre o fôra, no fundo, em seu coração — tornou-se um afirmador, um construtor, um homem que transportou para a obra de renovação religiosa do Brasil, o mesmo impeto combativo, que geralmente só se encontra nos que se lançam contra o passado ou contra a Fé e não nos que defendem a Lei, seja a de Deus

seja a dos homens. O *anti-indiferentismo*, foi a segunda lição que ele deu á nossa alma e que tão necessaria continúa a ser hoje em dia, quando os proprios meios católicos se mostram tão indiferentes á ação renovadora dessa grande alma sofredora e até hoje injustiçada.

(A terceira das lições que deu ás nossas almas Jackson de Figueiredo foi a do *patriotismo*. Amou intensamente o Brasil.) E não de um amor convencional ou lirico e sim de um sentimento que lhe vinha das fibras mais profundas de sua raça. Dizia as verdades mais duras ao Brasil e aos brasileiros. Via, sem ilusões, os nossos defeitos, o nosso atrazo, os nossos males raciais, psicológicos e politicos. (E não silenciava deante dessas verdades a proclamar, como diante dos remedios mais amargos a recomendar, pouco lhe importando o escandalo que causava na pacatez amedrontada do nosso liberalismo, burguês ou católico.) Amava, pois, o Brasil sem nenhum sentimentalismo. Mas por isso mesmo com um sentimento profundo e grave capaz de todos os sacrificios.

Outra lição com que marcou as nossas almas, foi a firmeza com que soube subordinar sempre a sua vida ás suas convicções. Vivendo no mais difficil dos meios, o do jornalismo carioca, escola de oportunismo e de transigencias, sempre pobre e com responsabilidades de familia, não cedeu nunca ás circunstancias e soube manter ilibado o seu carater em face das situações mais dificeis.

Nunca as recusou. Viveu sempre perigosamente e na primeira linha de todas as campanhas que empreendeu. (Ensinou a sua geração a respeitar a atividade politica e, nisso veio reagir contra todo o estado de espirito então dominante entre os moços. Se hoje em dia, com as transformações revolucionarias da civilização, a mocidade se lançou á politica, como á mais nobre das atividades sociais, e com isso está impedindo a dissolução dos valores culturais que representamos, — não era assim ha 15 anos e Jackson foi nesse sentido um verdadeiro precursor.)

Finalmente, outro traço de sua psicologia que distinguiu a sua ação sobre as nossas almas, foi o respeito

que sempre manteve pela dignidade das letras. Na época em que a anarquia, a aventura individualista, ou a comercialização das letras, traziam a confusão aos espíritos, soube Jackson de Figueiredo guardar o amor pela literatura sadia que desejava ver transfigurada pela elevação cristã de sentimentos. Foi esse um dos ideais que o animaram a fundar o Centro D. Vital.

A escassez de espaço, porém, nos obriga a abreviar estas considerações. Limitamo-nos, portanto, a uma quasi enumeração dos pontos em que parece se ter caracterizado a ação de Jackson, já não agora sobre as nossas almas, mas sobre as nossas *inteligencias e vontades*.

Antes de tudo, colocou em fóco o problema religioso, que estava relegado a segundo plano, nas cogitações da intelectualidade e da mocidade de então. Jackson mostrou que, ao contrario, o problema era central e da sua solução dependiam todas as demais posições em face da vida.

Não se limitou, porém, a defender esse ponto de vista, téoricamente. Mostrou que o erro do catolicismo brasileiro era confinar-se e não ousar sair do ambito restrito em que era tolerado pelo liberalismo ambiente. Defendeu a combatividade do catolicismo e mostrou que a grande luta se estava travando.

Jackson, como disse o nosso grande Amigo e Chefe, o Cardeal D. Sebastião Leme, podia enganar-se em pontos particulares de doutrina, mas possuía um senso católico que nunca o enganou. E viu, perfeitamente claro, as deficiencias e necessidades do nosso catolicismo, tão penetrado de liberalismo e de optimismo descuidado.

Esse *liberalismo*, dentro e fóra dos meios católicos, invadira de tal modo o ambiente que ha quinze ou vinte anos não se conhecia, em geral, e muito menos se sentia que era uma *doutrina* como outras e, demais, tão contrária ao catolicismo como o socialismo. (Julgava-se o liberalismo um ideal *incontestavel* a atingir e que só os espíritos atrasados podiam desconhecer. Jackson foi dos primeiros que investiu contra esses preconceitos, antes que os acontecimentos historicos de hoje em dia viessem mostrar

ao vivo a posição real da democracia liberal, em face de outras doutrinas sociais, inclusive a democracia cristã. Se hoje a nova geração, sobretudo, é quasi completamente anti-liberal, ignora em geral que foi Jackson de Figueiredo o primeiro que lhe abriu os olhos para os erros sociais do liberalismo.

(Ao mesmo tempo que nos mostrava os erros e sofismas do liberalismo, fazia Jackson a defesa da *Autoridade*, em materia politica, em opposição tambem a tudo o que receberamos, como doutrina e estado de espirito, da geração que nos precedera.

Soube tambem mostrar a força da *tradição*, e a necessidade de não rompermos com o passado, como queria o espirito revolucionario que dominava o ambiente de sua geração.)

Mostrou o papel coordenador da Monarquia, na historia do Brasil, sem lhe esconder os erros provenientes do seu conluio intimo com a Maçonaria e a doutrina liberal — (em ligação com movimentos de idéas analogas, em outros paizes, principalmente o integralismo de Antonio Sardinha, em Portugal, renovou, entre nós, o conceito doutrinário do sistema monarchico.)

E finalmente, combateu, sem temor das acusações de anacronismo ou incompreensão, tudo o que em literatura lhe pareceu artificial e insincero, modernismo de fachada sem raizes humanas e puras.

Em todas essas atitudes, teve naturalmente de ultrapassar, muitas vezes, os limites do razoavel indo a extremos que pareciam exagerados e que só o eram em virtude das proprias necessidades da luta, em que se encontrava, contra o ambiente e as idéas recebidas.

O fáto, porém, é que investindo contra os erros do seu tempo, contra a incompreensão da imensa maioria e com isso sacrificando todas as vantagens de uma popularidade que lhe teria sido tão facil adquirir e de posições que sacrificou com a coragem de suas atitudes reacionarais, — deu Jackson não só um extraordinario exemplo de carater mas influiu de tal modo sobre os seus contemporaneos, que hoje vemos em fatos positivos e indis-

cutiveis os resultados de suas lutas e de seu sacrificio incompreendido.

No piano da religião, da politica e da literatura, são as idéas que Jackson defendeu, *contra o seu ambiente*, que hoje dominam o nosso.

Em religião, a ação católica levada a todos os terrenos, a arregimentação da mocidade, as afirmações publicas, as reivindicações em materia social, tanto economica como politica, as repercussões doutrinarias em todos os terrenos, toda a vitalidade que vemos, graças a Deus, no campo católico foi o que Jackson sempre pediu, desde que saudou, com palavras de entusiasmo, a famosa Pastoral de D. Sebastião Leme em Pernambuco.

Em politica, os movimentos que hoje vemos dominantes receberam influxo visivel das idéas de Jackson. A idéa monarquica parecia tão morta, em seu tempo, que Jackson se dizia, "o ultimo dos monarquistas brasileiros". Hoje, entretanto, vemos figuras de primeiro plano intelectual, como Contreiras Rodrigues, Luiz Delgado, Camara Cascudo e outros que se declaram partidarios do IIIº Imperio do Brasil, e o movimento Patrianovista, iniciado em S. Paulo por Arlindo Veiga dos Santos, mesmo que fique sempre no plano doutrinario, já hoje se estende pelo Brasil inteiro.)

Q *integralismo*, por seu lado, é um movimento social-politico em plena ascensão. Na hora em que o fascismo italiano, o racismo alemão, o integralismo e corporativismo, em Portugal, e na America mesmo, no Chile, no Perú, na Colombia e até nos Estados Unidos, com o National Recovery Act, uma reação de vitalidade disciplinada e autoritaria se processa, contra o liberalismo e o comunismo, Plinio Salgado, no Sul, Severino Sombra, no Norte lançam movimentos, cujas bases estão todas nas doutrinas politicas defendidas por Jackson.)

É na propria feição *nacionalista* que assumiu a Revolução de Outubro, abandonando de certo modo o seu liberalismo inicial, — podemos encontrar vestigios da repercussão doutrinária das campanhas politico-sociais de Jackson.)

(Em terrenos tão diversos, como esses, portanto, vemos Jackson influir poderosamente, por meio de idéas, que, a principio, chocaram o ambiente e hoje se encontram espalhadas e em plena efervescencia.)

Isso é que é preciso dizer e repetir para que se faça justiça á sua memoria e se mostre a sua ação poderosa e profunda, se bem que até hoje silenciada, a não ser por seus amigos mais intimos ou por alguns espiritos independentes que souberam avaliar do seu merito, mesmo sem participar de suas convicções.

A necessidade de repetir aqui, mais uma vez, tudo aquilo que nós outros estamos fartos de saber, mas que precisamos repisar para que os demais tambem conheçam — quasi nos impede, para não alongar demais estas considerações, de mencionar tambem aqui as contas que fomos, ao cemiterio, prestar a Jackson, dos trabalhos do ano encerrado a 4 de Novembro.

O ano que passou não foi um ano de creações de obras e associações, como fôra o anterior. Mil novecentos e trinta e tres foi um ano de consolidação, de organização e de concentração de esforços.

Uma menção especial, precisa entretanto ser feita aos trabalhos da (Liga Eleitoral Católica). Aqui mesmo, depois das eleições de 3 de Maio já dissemos o suficiente para que baste agora uma referencia sumaria.

A Liga tem despertado os mais desencontrados comentarios, desde os dos chefes de partidos que nos queriam ver patrocinando integralmente a sua causa, porque incluíram em seus programas as nossas reivindicações minimas ou assumiram compromisso de votar as mesmas, na Assembléa, — até os dos católicos que nos queriam formando um partido nosso.

Esquecem-se os primeiros de que essas reivindicações não são da L E C e sim do proprio povo brasileiro, em sua esmagadora maioria, e nós exigimos apenas que se torne explicito o que está na consciencia de todos. O bom senso, a tradição e a feição nacional que, em boa hora, se pretende dar á nova Constituição, é que justificam a aceitação desses pontos minimos e não o interesse



eleitoral em jogo. Por outro lado, não podia a Liga fugir á sua natureza, previamente conhecida e expressa em seus estatutos, que a isentavam naturalmente de toda aliança meramente politica.) Era impossivel, pois, á Liga agir diferentemente.

Quanto á formação de um partido católico, tudo indica que é prematuru em nosso meio. Ainda ha poucos dias, um companheiro nosso, estando em Montevideo em conversa com um dos fundadores da "Union Civica", que é o partido católico uruguáio e conseguiu eleger 11 deputados para a Assembléa Constituinte, lá tambem reunida neste momento, ouvia dessa grande figura do catolicismo e da intellectualidade uruguáia o seguinte: "Diga a seus companheiros que os felicito vivamente pelo modo com que delinearam e organizaram a Liga Eleitoral. Nossa experiencia aqui tem sido eloquente, contra a formação de um partido católico em paizes como os nossos")

Entre essas criticas desencontradas, tem a Liga Eleitoral levado avante a (sua tarefa) e está hoje empenhada em um dos passos mais dificeis de sua atuação, que (é a aprovação das reivindicações minimas, em parte, incluídas no Ante-Projéto.) Esperamos, com a graça de Deus, vencer mais esta passagem arriscada, afim de podermos legar a nossos filhos uma legislação constitucional menos eivada do desastroso laicismo dissociador.

Quanto ás associações do nosso grupo, podemos afirmar que, em sua maioria, consolidaram a sua existencia e estenderam o seu ambito de ação, no ano que para nós findou.

○ Centro D. Vital está com 225 socios e tem realizado, sem interrupção o seu programa cultural, de conferencias semanais, inclusive as duas series do P. Leonel Franca S. J., e do P. João Gualberto.) Aumentou de mais tres, durante o ano, os Centros dos Estados, achando-se atualmente em funcionamento em todo o Brasil, os seguintes: Rio, Recife, S. Paulo, Aracajú, S. João d'El-Rey, Belo-Horizonte, Baía, Juiz de Fóra, Porto-Alegre, Fortaleza e Itajubá. (Publicou mais tres folhetos da coleção Jackson de Figueiredo a saber: "Lutéro e o sr. Frederico

Hansen" do P. Leonel Franca, S. J.; "As seduções do comunismo" do Dr. Eyerardo Backheuser e "Freud" do Dr. Hamilton Nogueira.

A (A. U. C.) teve um ano de intensa atividade. Tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista social, foi um ano de grandes realizações. (Organizaram-se, durante o mesmo, tres <sup>torneios</sup> torneios intelectuais, em que, de cada vez, discorreram alguns dos seus membros sobre temas como — "Qual o dever da mocidade em nossos dias"; "Como impedir, no Brasil, a descristianização do proletariado"; "Devemos ou não seguir as idéas do nosso seculo". Esses torneios, presididos um pelo Reitor da Universidade, dr. Fernando de Magalhães, outro pelo ex-Ministro da Fazenda e ex-lider da Constituinte, Dr. Oswaldo Aranha e outro pelo ex-interventor em Minas Gerais, Dr. Gustavo Capanema, vieram colocar os universitarios católicos em contáto com o grande publico) revelando apesar do seu numero ainda pequeno em proporção ao que póde e deve ser, a sua capacidade e a sua força de idealidade e realização. Os "circulos de estudo" tambem prosperam, em sua tarefa de preparação cultural da mocidade. (Quanto aos trabalhos sociais da A. U. C. uma palavra resume a grande obra do ano: "equipes").

(A vinda de Robert Garric ao Brasil, foi providencial.

Durante os mezes que aqui passou, pode-se afirmar que foi ele o centro de nossa vida intelectual e social. Alma grande, generosa e boa, inteiramente irmanada ao nosso temperamento brasileiro, conseguiu Garric naturalisar-se brasileiro durante os mezes que aqui passou e fazer, pela nossa mocidade e pela nossa intelectualidade, uma obra como *nenhum* outro estrangeiro até hoje conseguiu fazer. Os nossos aucistas foram os primeiros beneficiados.) Pois, grande católico como é, á mocidade católica devia, naturalmente, o melhor dos seus esforços. E esta soube corresponder ao que Garric lhe trouxe. (Depois de quatro mezes de estudo e de pratica social intensa, estão hoje os nossos rapazes em plena atividade

cultural nos meios operarios e populares, tendo fundado 7 ou 8 equipes, em funcionamento, nos bairros mais abandonados da Capital, além dos nucleos de pre-equipes em alguns collegios.)

Foi um ano cheio, portanto, e que precisa agora ser completado no seguinte que se inicia, pela publicação da revista *Lucifer*. "Vida" virá trazer, aos nossos meios universitarios, — cada vez mais asfixiados pela tirania da camarilha materialista, — a voz da verdadeira mocidade, de uma geração que repele o sectarismo de mestres anacrônicos e forasteiros em nosso meio, vindo policiar um pouco os escandalos culturais dos nossos "catedraticos" (vermelhos ou côr de rosa...) como está fazendo em S. Paulo, o órgão da A. U. C. de lá.

(Quanto ao Instituto de Estudos Superiores, manteve e aumentou os seus cursos, com os de pedagogia do Dr. Everardo Backheuser e de D. Xavier de Mattos, O. S. B., contando com 212 alunos matriculados durante o ano.)

Temos firmes esperanças de que o interesse despertado pelo "Instituto" e a feição alarmante que vão assumindo os nossos cursos officiais superiores, cada vez mais monopolizados pelos marxistas e oportunistas, sejam o sinal de Providencia de que souu a hora da Universidade Católica.

Outra de nossas associações que tambem se desenvolveu este ano foi (a A. B. C. (Associação de Bibliotecas Católicas) que abriu em nossa séde uma seção de vendas (Biblioteca Anchieta) e começou a importação de livros europeus.)

(Quanto á Confederação de Operarios) e á Confederação de Imprensa, por circunstancias particulares, não tiveram durante o ano o desenvolvimento que deviam ter e que contamos dar-lhe no decorrer do proximo exercicio. E' de notar, entretanto, a realização, com a presença de mais de 600 trabalhadores católicos, (sic), a 1º de Maio findo,) a 1ª Pascoa dos Operarios, em Sant'Ana, organizada pela nossa Confederação e celebrada pelo proprio Cardeal Leme.

Eis aí, em palavras já por demais alongadas, o que foram no periodo 1932-1933 as linhas gerais de nossas atividades.

Terminando, devemos mencionar a (formação da “Coligação Católica Brasileira”, para a coordenação e aliança de todas as nossas associações e outras que, conservando a sua autonomia, venham juntar os seus esforços para o fim comum da ação social católica. Esta será brevemente unificada para todo o Brasil, conforme o plano assentado no Congresso Eucarístico da Baía. E o mesmo pensamento unificador anima a nossa C. C. B., que já apresenta um Secretariado organizado com eficiência pratica e sob a direção de tres pessoas, cujos nomes não podemos aqui silenciar, tais os serviços, abnegadamente prestados a esse nosso movimento: o Dr. Fabio Goulart, secretario geral da C. C. B., o Dr. Fabricio de Barros, diretor do Secretariado e o Sr. Wagner Antunes Dutra, secretario da presidencia.)

Se a tarefa realizada nada é em proporção ao que nos resta fazer, devemos entretanto agradecer ardentemente á Divina Providencia que já nos permitiu realizar alguma coisa e nos conserva, no coração, a chama viva da esperança com que contamos prosseguir alegremente no serviço de Jesus Cristo, e do Brasil, durante o novo ano jacksoniano iniciado a 5 de Novembro de 1933.

# A QUEM PERTENCE A EDUCAÇÃO (1)

Mons. PEDRO ANISIO

(Reitor do Seminario da Parahyba)

A FAMÍLIA, O ESTADO,  
A IGREJA

Tres sociedades, no meio das quaes nasce o homem, attribuem-se direitos sobre a educação: a Família, o Estado e a Igreja. Para procedermos com ordem e methodo em assumpto tão delicado, faz-se mistér, antes de tudo, revocar á mente os principios fundamentaes que dominam a materia.

EM BUSCA DA SOLUÇÃO  
DO PROBLEMA

Um ponto que deve ficar bem assente e fóra de toda a contestação é que a escola tem por principal escopo, não communicar apenas aos meninos uma determinada somma de conhecimento, tanto de arithmetica, tanto de geographia, tanto de historia, etc., mas formar o espirito, desenvolver a personalidade, abrir na alma firmes e amplos fundamentos que possam sustentar o character e a vida moral do educando.

A escola, para ser escola, para corresponder á sua finalidade, deve ter valor educativo; deve servir-se do ensino das differentes disciplinas, dos objectos e circumstancias que se offerecem ao mestre em suas relações

(1) Capitulo da obra inédita, a sahir: — “Tratado de Pedagogia”, no prelo.

com os alumnos para os conduzir á pratica do bem, ao cumprimento do dever, de sorte que, no dia de amanhã, possam, com animo forte e varonil, fazer face ás emergencias da vida.

O grande dever do homem é servir a Deus, na vocação propria que a Divina Providencia lhe destinou para, assim, alcançar a sua felicidade eterna.

A escola, pois, deve suscitar todas as forças e energias que se acham latentes no espirito, attender ás aptidões e capacidades do menino e preparal-o para a vida publica.

### SOLUÇÕES ERRONEAS. A ESCOLA LAICA

tra, para deixar aos paes o direito de educar e, ao Estado, o de instruir.

Destas simples considerações resulta que não é possível separar a instrucção da educação, oppôr uma á outra,

A escola, concebida como exclusivo estabelecimento de instrucção, a escola neutra, leiga, não satisfaz, de maneira alguma, ás aspirações da Pedagogia; quebranta a indefectivel harmonia que deve reinar na educação; destróe as relações entre mestres e discipulos, lesa os direitos dos paes, os direitos do filho, os direitos da Igreja e torna-se inutil e esteril para o proprio Estado, sem nenhum proveito, sem nenhum valor para a sociedade.

Esta escola não póde considerar-se como um ideal pedagogico, porque aparta, de caso pensado, as varias influencias educativas, scindindo os aspectos da alma do menino e rompendo-lhe a harmonia do character.

A uniformidade do plano de ensino fica por igual prejudicada pelo facto de banir-se delle a religião que deveria, ao invés, occupar uma posição central e ser o fulcro de todo o ensinamento, o laço de união entre os diversos elementos educativos.

Faltarã a unidade nos conhecimentos adquiridos pelos discipulos; em vez de uma perfeita assimilação, noções disparatadas, desconnexas, á maneira de um amontoado de pedras, sem a necessaria ligação. Faltarã a uni-

dade no magisterio, indispensavel ao progresso dos estudos: o que um edifica, o outro destróe; o alumno estará em frente de concepções do mundo oppostas entre si, sem saber como conduzir-se na vida. Faltarão a unidade de meio educativo, abrindo-se vala profunda entre a familia e a escola, supprimindo-se todo contacto entre paes e mestres. Estes já não são mandatarios daquelles, senão do Estado, e só do Estado recebem ordens e orientação. Não é mais facultado aos genitores determinar a educação e a instrucção para seus filhos.

Finalmente o proprio direito da próle não escapa á tremenda devastação da escola, informada nos principios do laicismo. Restringe no alumno a liberdade de apprender; não lhe dá o conhecimento adequado ás aptidões, aos talentos, ao gosto e vocação; suffoca-lhe a vitalidade do espirito com pesados programmas e ordenações tyranicas.

Sob o pretexto especioso de vencer o analphabetismo, multiplicam-se indefinidamente as noções accessorias, deixando-se de lado a educação moral. Nas aulas do Estado atheu não se fala de Deus e da Providencia, despreza-se o seu nome, e tem-se como sobrecarga o ensino da Religião.

E' a oppressão das consciencias juvenis.

Em lugar de cultivar nos jovens os sentimentos de virtude, de amor de Deus, de piedade filial, de amor da Patria, de abnegação e sacrificio, a escola neutra transforma-se em seminario de descrença e de dissolução moral.

Dahi a sua inefficacia educativa; é um campo sáfaro, esteril. Não aproveita ao Estado, porque não forma cidadãos perfectos, dignos, cumpridores de seus deveres.

## A LIBERDADE DE ENSINO

Outro ponto que apenas requer ser elucidado é a liberdade de ensino. Esta não é de simples utilidade publica; mas pertence á categoria desses direitos autenticos, inalienaveis, intangiveis da pessoa humana.

A liberdade de ensino, e, do mesmo modo, a liberdade religiosa, deve ser reconhecida pelo Estado como um direito absoluto, imprescriptível. Ella não é coisa que se deva admittir por méra conveniencia ou tolerancia; impõe-se ao respeito do legislador (1).

Atacal-a seria atacar a mesma liberdade de opinião e de crença.

E como judiciosamente observa o illustre constitucionalista francez Duguit (2), os proprios adversarios da liberdade de ensino reconhecem ao pae de familia o direito de instruir por si mesmo os seus filhos; devem então logicamente reconhecer-lhe o direito de escolher livremente os mestres aos quaes os confia.

Aclarados estes pontos, tratemos de conciliar os direitos que tocam respectivamente a estas sociedades, pois todas têm interesses reaes na Escola.

## OS DIREITOS DA FAMILIA

Aos paes, que são os autores da vida de seus filhos, pertence o direito, e, bem assim, a obrigação de educal-os e instruil-os em tudo aquillo que é necessario á consecução do seu fim.

O filho, diz Aristoteles, é um prolongamento do pae, a nenhum outro, por tanto, póde pertencer senão ao pae, de cujos cuidados precisa, durante o tempo da adolescencia.

E' este um direito *inalienavel*, porque se funda em rigoroso dever; são os paes que, pela procreação, assumem os encargos de prover ás necessidades da próle, de nutril-a, sustental-a, vestil-a, prestar-lhe apoio, cuidados e sollicitudes constantes, até attingir a idade de homem.

E' um direito *necessario* porque dimana da propria

---

(1) Cf. Lucien Brun — *Une conception moderne du droit*, pg. 81 e segs.

---

(2) Apud Lucien Brun, *ibidem*.



natureza e é de todo ponto indispensavel para que o homem possa chegar á felicidade eterna.

Em summa, é um direito *anterior* a qualquer direito do Estado.

“O poder dos paes, diz Leão XIII, é de tal natureza que não póde ser supprimido nem absorvido pelo Estado, porque tem o mesmo principio commum com a mesma vida dos homens” (1).

Este direito da familia tem por si a consagração dos seculos. Em todas as nações, sob todos os climas, ainda antes do advento do Christianismo, entre os povos mais ciosos da autoridade, como o povo romano, encontramos a familia no exercicio deste direito sagrado e inviolavel.

A ella cabia educar a próle, instruil-a, escolher os mestres a quem a confiava.

A escola era, pois, em toda a parte, succursal da familia (2).

E, como o nota o Santo Padre Pio XI, todas as nações, que se prezam de respeitar o direito natural, têm reconhecido, por vezes, a missão educativa da familia; assim, por exemplo, o fez a Suprema Côrte da Republica Americana em decisão de importante controversia, declarando que o Estado não tem nenhum poder geral de estabelecer um typo uniforme de educação para a juventude com o fim de obrigar-a a receber instrucção sómente nas escolas publicas, pois “a criança não é méra criatura do Estado; aquelles que a sustentam e dirigem têm o direito, unido ao alto dever, de a educar e preparar para o cumprimento de seus deveres”.

Accresce que só os paes, para quem os filhos são attrahidos por instincto natural, são talhados para esta obra educativa, onerosa, diuturna, que reclama dedicação, amor, bondade, sacrificios incalculaveis, zelo inexcedivel, e, sobretudo, completo desinteresse.

---

(1) Enc. *Reiurum Novarum*, citada por Pio XI na Enc. sobre a Educação da Juventude, ed. port. pg. 13.

(2) Sobre o reñimen escolar no passado, consultar Cerini — *Le Dottrine Pedagogiche*, passim; Castelein, *Droit naturel*, pg. 656.

Este direito, porém, não é despotico; os paes não pôdem exercel-o discricionariamente, segundo seus caprichos.

Tem limites. Deve ser subordinado ao fim ultimo a que se destina a próle, ás normas prescriptas pela moral e a Religião.

## OS DIREITOS DA IGREJA

### MISSÃO EDUCATIVA DA IGREJA

A missão educativa da familia, diz Pio XI, concorda admiravelmente com a missão educativa da Igreja, porque de Deus procedem ambas, de maneira muito semelhante. O que é a familia na ordem natural é a Igreja na ordem sobrenatural — principio de vida e de educação.

Em virtude de sua maternidade, “a Igreja, Esposa Immaculada de Christo, géra, nutre, educa as almas na vida divina da graça, com os seus sacramentos e o seu ensino”. (1).

Os direitos da Igreja sobre a educação apparecem bem claros, quando se considera o fim supremo da vida humana.

*Porro unum necessarium*: só uma coisa é necessaria, a salvação. Desde logo, se vê que a religião deve constituir o centro da educação e da instrucção.

A escola que tem por escopo desenvolver o homem todo, preparar-lhe todas as faculdades, e, de um modo particular, leval-o á pratica das virtudes christãs, não pôde, por conseguinte, furtar-se á salutar influencia da Igreja que recebeu de seu divino Fundador a expressa missão e a suprema autoridade de magisterio.

“Quanto quizessem que a Igreja renunciasse á sua direcção e á sua efficacia sobre a escola ou temporariamente a suspendesse, della exigem na realidade, assim diz Pio IX, que transgrida o mandado de seu divino Salva-

---

(1) Pio XI, *Encycl. sobre a Educação da Juventude*.

dor, que se torne infiel ao altissimo dever, que lhe foi imposto por Deus, de vigiar sobre a salvação espirital de todos os homens”.

E', pois, com pleno direito, que a Igreja promov- as letras, abre escolas, diffunde o ensino, funda e man- têm instituições próprias em todo o gráu de cultura.

E summa iniquidade fôra, revestida da maior das ingratições, fechar as escolas á interferencia da Igreja. Porque sómente a ella foi confiada a missão de ensinar a doutrina christã, sem a qual se perdem irremediavelmen- te os individuos e as nações.

Além disto, á acção educativa da Igreja é que se de- vem os beneficos frutos de que ora goza o mundo.

**A IGREJA E A ESCOLA POPULAR** A escola popular é criação da Igreja. Durante a Idade Média a Igreja abriu nume- rosas escolas que abriga- vam os filhos do povo e lhe ensinavam, com a religião, as letras, as artes e as sciencias.

Na Allemanha, na Suissa, na França, na Italia e, em toda parte, as escolas eram todas impregnadas do es- piritto christão e estavam sob a immediata vigilancia da Igreja.

**INTERVENÇÃO BENEFICA** E desta intervenção da Igreja não vem nenhum obstaculo para a familia nem para a sociedade civil, porque outra coisa ella não quer senão a collaboração harmonica dos tres poderes para levar a bom termo a obra educativa.

Tão longe está a Igreja de violar os direitos da fa- milia que sempre os tem tutelado e defendido, como a historia o attesta.

Seus escrúpulos, neste ponto, chegam até a não con- sentir que se baptisem os filhos dos infieis ou se dispo-

nha, de qualquer modo, da educação delles contra a vontade dos paes (1).

Da mesma forma, nenhum damno pôde provir ao Estado, antes grandes vantagens aufere desta missão educativa da Igreja.

## OS DIREITOS DO ESTADO

### A CONCEPÇÃO DO ESTADO TOTALITARIO

Duas opiniões que peccam por excesso devemos apartar, logo de principio. Uma é a dos defensores do regimen totalitario, como hoje dizem, que, em assumptos de educação, como no mais, attribuem todos os direitos ao Estado.

Superada de todo pelo Christianismo, esta velha concepção pagã ressuscita nos tempos da Revolução Franceza para estabelecer o monopolio educativo e dar ao Estado o direito de cunhar o menino á sua effigie.

Desta doutrina obsôleta e tyrannica nada diremos, pois, como a todos é manifesto, ella instaura o absolutismo, confisca todos os direitos, absorve a um tempo a vida individual, a vida domestica, a vida espiritual e sobrenatural (2).

### OS DIREITOS DO ESTADO NÃO SÃO PURAMENTE NEGATIVOS

A outra, que vae quasi ao extremo contrario, limita os direitos do Estado á méra fiscalização do ensino, a assegurar e proteger os direitos dos cidadãos.

Ao Estado compete, além disso, um concurso activo sobre a educação e o ensino; elle tem o direito e o dever de promover a instrucção em consonancia com o seu fim proprio que é promover o bem commum e temporal.

(1) Cf. Pio XI, *Encycl. sobre a Educ. da Juventude*, pg. 161.

(2) Cf. Pio XI, *Autographo ao Eminentissimo Cardeal Vigario*.

Sem usurpar os direitos da familia, nem violar o direito sobrenatural da Igreja, o Estado, pode, pois, intervir na ordem scientifica e na ordem moral, na educação civil do povo, agindo quer de uma maneira negativa, quer de uma maneira positiva.

#### DIREITO SUPPLETIVO DO ESTADO

E principalmente lhe incumbe vigiar por que todos os meninos recebam a instrução primaria a que têm direito.

E' de sua alçada supprir as deficiencias da familia e proteger o direito da próle, no caso de incapacidade, incuria ou indignidade da parte dos paes.

O Estado deve, outrosim, como já o dissemos, manter rigorosamente a liberdade de ensino, não pôde impôr aos paes, mestres e escolas para a formação dos filhos.

#### A ESCOLA CONFSSIONAL E A LEIGA

Em uma nação christã, como é a nossa, o unico meio de salvar os direitos da

familia é a escola *confessional*; prescrever para a maioria absoluta da nação o ensino leigo, a escola sem Deus é a mais cruel offensa aos paes, um attentado contra a liberdade e a mais dura das tyrannias que se pode infligir a um povo.

A escola neutra ou leiga só como excepção pôde ser admittida para aquelles que nenhuma crença professam e isto mesmo com a condição de que nella reine a mais perfeita liberdade de consciencia, sem nenhuma offensa ás convicções religiosas das familias e a observancia do *Decalogo*, dos preceitos da moral natural.

Em geral, o Estado deve *proteger, estimular e custear* generosamente as escolas livres, reservando-se o direito de intervir no que entende com a hygiene, com a moralidade e um programma minimum de instrução (1).

(1) Cf. Castelein, *op. cit.* pag. 741.

O Estado, doutrina Pio XI, póde exigir e, por isso, procurar que todos os cidadãos tenham o necessario conhecimento dos proprios deveres civicos e nacionaes e um certo gráu de cultura intellectual, moral e physica, verdadeiramente reclamada, conforme as condições de nossos tempos, pelo bem commum.

Deve ainda promover o ensino profissional, o ensino technico, o ensino commercial e agricola, segundo as especiaes aptidões dos educandos, sem desrespeitar os direitos da familia e da Igreja.

Outro tanto se deve dizer da educação esthetica. O Estado deve contribuir por suas larguezas para a cultura do gosto esthetico e o desenvolvimento das *bellas artes*, sem esquecer-se, porém, de que a verdadeira arte, a grande arte, é inseparavel da virtude.

## O ENSINO SUPERIOR E UNIVERSITARIO

Quanto ao ensino superior e universitario, nota, com razão, Taparelli que convém ao Estado um regimen moderado.

Se a diffusão universal do ensino é de grandes vantagens para a familia e para a patria, a universalidade do ensino, ao contrario, póde acarretar perigos, dentre os quaes não é o menor a deserção dos trabalhos manuaes.

Assim, o Estado, instituição natural, que tem sua razão de ser no agrupamento das familias, deve secundar as iniciativas particulares, não suffocal-as; criar fontes e recursos que permittam a elevação e o aperfeiçoamento da vida individual, que fortaleçam os elementos sociaes e consultem o interesse commum.

Porque “o Estado possúe meios de que póde dispôr para a necessidade e é justo que delles use para vantagem daquelles mesmos de que derivam (1)”.

(1) Pio XI -- *Encycl. sobre a Educação da Juventude*.

# “SERÁ A PSYCHOLOGIA SCIENCIA NATURAL OU CULTURAL ?”

(Conferencia realizada no  
Curso de Extensão Universitaria  
do Instituto de Psychologia (1).

**EURYALO V. CANNABRAVA**

— 1 —

Acredito que não exista attitude mais necessaria deante das tendencias da psychologia moderna do que a da investigação critica que não attenda aos preconceitos communs, desrespeite as convenções erigidas pelos especialistas e procure ver claro, classificar e abrir caminho, com o proposito de resolver problemas que interessam os fundamentos da cultura e da actividade scientifica.

A critica é sempre necessaria, mas em nenhuma sciencia, como na psychologia, ella se tornará mais proveitosa, talvez porque, em nenhuma outra disciplina, os conceitos dogmaticos, as crenças e as falsas generalizações tenham tomado desenvolvimento tão amplo.

Esse estado cahotico e de confusão chegou a tal ponto que um espirito rebelde a acceitar idéas sem critical-as, se sentiria quasi impedido de progredir no estudo e na investigação dessa sciencia.

E o resultado de tudo isso é que espiritos verdadeira-mente serios renunciaram á psychologia, considerando-a um amontoado de incongruencias e outros, menos dotados, contribuíram, com as suas doutrinas, para afastar dessa sciencia toda possibilidade de systematização rigorosa.

A historia da psychologia illustra a esse proposito uma chronologia e um anedoctario ferteis de exemplos adequados a fazer desanimar as vocações mais vigorosas.

(1) O autor desenvolveu o thema da palestra e accrescentou notas bibliographicas.

Doutrinas desconexas e abstrusas foram defendidas por pensadores austeros e a fertilidade da imaginação scientifica attingiu tal grau que não é possível mais distinguir onde começa a sciencia de onde termina o bom senso.

E' verdade que muita gente se recusa a admittir o estado de crise da psychologia e considera esta sciencia como corpo harmonioso de theorias e leis confirmadas pela experimentação, mas é innegavel que taes espiritos revelam uma capacidade de crença bem digna de melhor emprego.

Si quizesse dar idéa bastante justa do que se passa actualmente em psychologia, era preciso dizer que não ha nada que se possa considerar como certo, ou errado e que estamos em pleno dominio das possibilidades relativas.

Si duvidam, procurem examinar um livro que condense os principios da psychologia classica, como o "Text-book" de Titchner, por exemplo, editado em 1920 e verão que tudo alli é contestavel á luz dos novos methodos da psychologia. A começar pela definição, pela maneira de collocar os problemas dentro da escola wundtiana, pelos conceitos philosophicos, como os do parallelismo psycho-physico, até a divisão da materia e o systema de exposição, tudo é discutivel e nos parece hoje alheiado da verdadeira natureza dos problemas psychicos na sua forma de realidade plastica e dinamica.

Essa simples verificação poderia levar-nos ao scepticismo radical ou ao estado de duvida cartesiana.

A segunda solução me parece mais fecunda e o emprego da duvida methodica, como na philosophia de Descartes, é o melhor recurso para conciliar o scepticismo com a admisão de uma realidade accessivel ao methodo scientifico.

Foi o que fiz, procurando orientar-me entre as correntes e tendencias que luctam pela supremacia no dominio theorico e experimental da psychologia moderna.

E este methodo de trabalho levou-me a enfrentar, antes de qualquer outro, o problema da crise que nos offerece a investigação critica dessa sciencia.

Crise? Falar em opposição e contraste de principios pode parecer perigoso ou pelo menos anti-pedagogico. Mas resta saber si é preferivel ser sincero e revelar o que realmente se passa na sciencia, sem attender os requisitos de moderação, que em geral, se impõe a quem trata de assumptos deformados pelos preconceitos doutrinarios.

Assim convencionou-se que satisfazia as regras da elegancia moral abster-se o especialista de denunciar as falhas e as contradicções de sua sciencia.



Essa tarefa deveria ficar reservada a aquelles que duvidassem do character scientifico da especialidade, ou porque pretendam demonstrar que seria mais util appellar para outra disciplina, de que elles são especialistas, ou, por simples scepticismo deante de pretensões que julgam exaggeradas...

Assim, por exemplo, é commum o desprezo que os mathematicos, os physicos, isto é, os cultores das chamadas sciencias positivas, revelam pelas sciencias, cuja estructura logica não obedece ao rigor da systematização naturalista.

— O que acontece em geral com esses criticos de outras sciencias é que a sua argumentação parece debil ou não toca os pontos essenciaes, justamente porque deixam de levar em conta que não é argumento, por exemplo, contra uma sciencia cultural ou juridica, a accusação de que ella não obedeceu aos mesmos criterios de systematização lógica que se tornam necessarios nas sciencias naturaes. E a razão é porque os methodos são outros e differente a finalidade que se pretende attingir.

E' por isso que, muitas vezes, pouco adeanta a critica feita pelos adeptos de outras sciencias dos processos empregados pela psychologia. Assim se torna necessario que a critica seja feita pelos proprios especialistas, isto é, pelos menos insuspeitos.

O resultado é que a actividade critica oscilla entre o panegirico e a attitude negativa.

Raramente se observa opinião moderada ou que tenda para certa objectividade nos julgamentos. No entanto essa tarefa deve ser cumprida e a primeira condição é traduzir realmente o que se passa.

O que se verifica actualmente é uma grande desharmonia em toda a familia psychologica. Portanto ha crise e esse é um dos pontos raros em que a dissensão, si existe, não se revela de natureza tão irremediavel como em outros dominios da psychologia.

Mas si diversos autores affirmam o estado actual de crise da psychologia, variam muito quando se trata de justificar um tal diagnostico.

Alguns, como Bühler, em sua obra "Die Krise der Psychologie", falam em Torre de Babel, onde os psychologos se exprimem numa linguagem differente e têm objectivos diversos dentro da mesma sciencia.

Ahi verificamos, portanto, uma das causas da crise que se poderia attribuir á inconsistencia e irregularidade do seu vocabulario, ás variações da terminologia scientifica, que tornam muitas vezes impossivel averiguar até que ponto as

expressões technicas correspondem realmente a determinados factos.

Accresce que os tratadistas apparentam deleitar-se com esse estado de anarchia terminologica e contribuem decisivamente para tornar impossivel definir normas fixas na interpretação dos conceitos basicos da psychologia.

Uma outra causa da crise em que se debate a psychologia moderna, causa de natureza mais plastica e menos objectiva do que a precedente, é a falta de uniformidade nos methodos empregados actualmente por esta sciencia.

Não é apenas porque os methodos variem, mas sobretudo porque muitos investigadores que empregam igual methodo, estão pensando e agindo de forma differente e outros, affirmando que se utilizam de methodos diversos entre si, recorrem aos mesmos processos, sem perceber a sua natural identidade.

A outra causa que me limito a indicar summariamente, mas que não é das menos importantes, provem da ausencia de systematização satisfactoria da psychologia, da sua imprecisão de vocabulario e variedade de methodos, por um lado, e, por outro, das multiplas applicações dos principios e leis psychologicas, impostas pelas necessidades de ordem social. Concordo em que essas necessidades sejam imperiosas, sobretudo as que decorrem das profissões liberaes, da medicina, do direito e do trabalho organizado, mas ellas não devem impôr á psychologia applicada um criterio de elasticidade que exceda os recursos dessa sciencia na sua forma actual. Mas o que se passa modernamente é cousa bem diversa. Basta considerar o quadro que nos offerece a Russia, onde até já se fala em problemas e methodos da psychotechnica communista oppostos aos problemas e methodos da psychotechnica burgueza. (1)

Tudo isso em consequencia da incursão dos factores economicos em todos os dominios e, portanto, tambem na psychologia applicada que passa assim a funcionar como orgão subsidiario do materialismo historico...

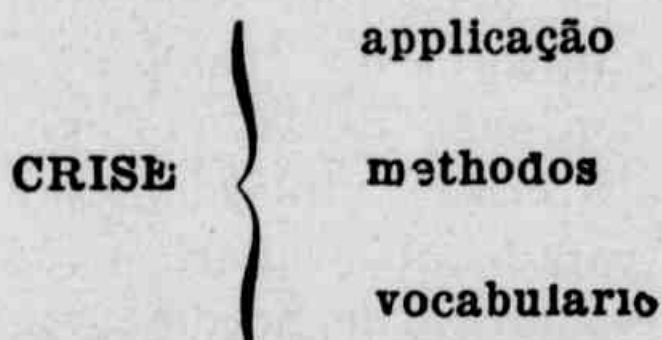
O entusiasmo pela admissão dos valores sociaes dentro da psychologia não deve ir a ponto de dissimular os excessos dessa orientação materialista que consagra apenas o valor economico com prejuizo de todos os outros.

Nem me parece recommendavel que o progresso das applicações em psychologia seja maior do que o da propria sciencia que se applica. Dahi o desequilibrio interno e as

(1) V. Prinzipienfrage der Psychotechnik — Spielrein, Lippmann e Stern.

insufficiencias da technica psychologica decorrerem mais do emprego apressado que se pretende fazer della do que propriamente de sua pouca utilidade quanto aos resultados que permite obter.

Esboçamos assim o seguinte esquema.



Como vemos as duas primeiras causas dependem mais de factores internos e a ultima de factores externos, de ordem social, que penetram, cada vez mais, no dominio da psychologia.

De que maneira vencer essas difficuldades e corrigir os effeitos desse periodo agudo que atravessa a psychologia?

Bühler responde que, afim de dominar a crise, só ha o recurso de se appellar para a critica.

Uma critica que divide methodicamente, de accordo com certos systema de idéas, o mais amplo possivel, e que procure abranger todos os factos com o minimo de hypotheses.

Sem essa mobilidade intellectual que permite a sondagem dos fundamentos e a revisão permanente dos conceitos, a apuração de contradicções e os desvios que a analyse empirica não evita e a technica experimental muitas vezes consolida, o cultivo da psychologia perde tōdos os seus caracteristicos de trabalho scientifico.

Como dirigir a critica dos principios psychologicos, quaes os criterios, qual o methodo, qual a directriz do exame a realizar?

A resposta que se deve dar a tal pergunta é a mesma que propuz aqui o anno passado quando iniciei o curso sobre theoria do conhecimento.

E' na epistemologia ou theoria do conhecimento que vamos encontrar as direcções seguras para a critica das correntes e systemas psychologicos.

A critica deve ser antes de tudo epistemologica.

Mas o que significa theoria do conhecimento? Em que se baseia a pretensão de concluir as noções da sciencia pelos dados de uma theoria? Quaes são as credenciaes e os titulos que recommendam esse conjuncto de principios philosophicos, de forma a lhes permittir o exercicio da critica no dominio da psychologia e de todas as outras sciencias?

Eis uma questão embaraçosa, pois a theoria do conhe-

cimento e tudo e nada ao mesmo tempo, completa a sciencia e necessita ser completada, fornece noções que servem de ponto de partida e que são também as conclusões ultimas do raciocinio scientifico e philosophico.

E' possivel imaginar-se qualquer cousa de mais extranho no dominio da actividade especulativa?

Entretanto a theoria do conhecimento, embora precaria e discutivel nas suas bases, é o instrumento mais completo que maneja a critica philosophica e que nos pode levar (embora pareça paradoxal a quem não se serviu d'elle, pois se trata de um conjuncto de noções atacaveis) a regras bastante sólidas na orientação da analyse scientifica e do trabalho de investigação.

A theoria do conhecimento, applicada á psychologia, se propõe estudar os fundamentos aprioristicos, isto é, os pontos de partida do investigador para chegar ao dominio dos conceitos da sua sciencia.

Em segundo logar interessa á theoria do conhecimento o estudo da natureza e extensão das hypotheses formuladas pelo investigador, indagando si ellas abrangem o numero necessario de factos ou si ficou á margem algum "residuo" que as possa legitimamente invalidar.

Finalmente cabe á critica epistemologica verificar si as hypotheses satisfazem certos requisitos logicos, isto é, não admittem conceitos contradictorios, não se baseam em tautologias, petições de principio ou raciocinios sophisticos.

THEORIA DO CONHECIMENTO	}	fundamentos	(hypotheses ou theorias)
		extensão	( " " )
		estructura logica	( " " )

A primeira funcção da theoria do conhecimento é indispensavel, pois sem conhecer os dados theoricos iniciaes de uma hypothese, não é possivel distinguir até que ponto se justifica a sua legitimidade. Poderia citar innumerous exemplos de desvios e erros, provocados pela ausencia dessa critica dos fundamentos.

Si quizermos, porém, apontar os seus efeitos em outros dominios, basta citar a Pedagogia, onde, frequentemente, se lançam mão de resultados praticos sem indagar si as hypotheses theoricas, em que se baseam, se justificam ou não perante a critica.

Concordo em que essa attitude do pratico, do especialista, que recorre a criterios, apenas approvados pela sua fecundidade na vida real, sem indagar de postulados abstractos, produz muitas vezes a consequencia que se pretende obter.

Nem por isso, em outras situações, essa ausencia de criterios criticos ou de theoria do conhecimento deixa de prejudicar a avaliação justa das condições do trabalho scientifico.

Si procurarmos exemplos, o embaraço estará na escolha. Falavamos em Pedagogia. Pois bem, ahi se encontra um ardor sempre renovado na applicação de theorias elaboradas pelos educadores.

Nada mais facil do que recorrer aos principios pedagogicos de um mestre e experimentar o seu vigor na pratica da escola moderna. Nada mais facil e nada mais perigoso.

Poderemos citar Dewey p̄r exemplo. Elle nos offerece um systema completo, mas só o espirito primario poderá acreditar que as conclusões extrahidas da pedagogia de Dewey dispensam o conhecimento da theoria instrumentalista, que é a unica razão de ser das applicações praticas do systema educativo deste autor .

Infelizmente nós estamos cheios de espiritos primarios...

Quanto á necessidade imposta á theoria do conhecimento, de abranger o maior numero possivel de factos, é desnecessario insistir sobre uma proposição evidente por si mesma e que Claude Bernard desenvolveu com a sua habitual precisão de raciocinio.

Compete tambem á theoria do conhecimento indagar si condições internas não desvirtuam os propositos de uma hypothese, exigindo rigorosa revisão. Sim porque, com frequencia, factos bem observados podem receber interpretação tendenciósá ou apoiada em conceitos contradictórios. Teriamos assim uma theoria, cujos factos são bem observados e mal interpretados.

Lembrem-se da analyse feita pelos behavioristas dos phenomenos da aprendizagem. Ninguem lhes negará o senso da minucia e o cuidado em organizar as circumstancias externas que preparam terreno para a hypothese segura. Coloca-se o gato numa jaula. Observam-se as suas attitudes, a sua inquietação, os seus movimentos inuteis até o acto final, bem succedido, que lhe permite abandonar a prisão.

E tira-se de tudo isso uma theoria para explicar o aprendizado que é a dos ensaios e erros. Acontece ainda que esta hypothese dos ensaios e erros é o facto basico na theo-

ria de Darwin, para explicar os processos que permitem a adaptação.

Nada mais satisfactorio para os que acreditam no naturalismo e dispensam, portanto, uma analyse rigorosa das condições em que se verifica a transplantação de um conceito da biologia para a vida psychica e se eximem de averiguar a legitimidade desse raciocinio por analogia, emprestando á adaptação, finalista do animal ao acto ultimo que o liberta, um sentido que é a negação das proprias premissas do naturalismo mechanicista.

Outro exemplo é o de Bühler, que, modestamente, lembra o caso vulgar da gallinha deante da cerca, realizando muitos movimentos inuteis, numa inquietação commovente até que descobre um buraco por onde passa.

Em experiencias successivas os actos inuteis desapparecem e fixa-se na memoria do gallinaceo o movimento ultimo, bem succedido e que lhe deu prazer. (1)

O fino experimentador de Teneriffe, Kohler, observou mais e melhor nos seus macacos, inclusive o facto desse animal, após experiencias fracassadas, ajustar um bastão na extremidade do outro, formando assim um prolongamento, que lhe permittiu puxar a fructa collocada a certa distancia da jaula.

Como explicar taes factos ?

Bühler e Thorndike (2) explicam tudo pela theoria dos ensaios e erros.

Kohler repelle tal interpretação e propõe uma theoria, evidentemente calcada no anthropomorphismo psychologico, pois se confunde o que ha de caracteristico e essencial nas formas da intelligencia do homem e do macaco. (3)

Está ahí uma serie de factos que se observam com os recursos mais apurados da experimentação psychologica, mas interpretados, quasi sempre, de maneira tendenciósa ou unilateral.

Experiencias engenhósas, observações bem ordenadas e interpretação deficiente.

Isto acontece (sem desejar fazer aqui uma pittoresca mistura) com os gatos de Thorndike, as gallinhas de Bühler, os macacos de Kohler e as crianças de Piaget.

Isto acontece, em grande parte, com os factos cuida-

---

(1) V. Bühler "Die geistige Entwicklung des Kindes"

---

(2) V. Kofka "Fundamentos de la evolution psychica".

---

(3) V. Kohler "Die Wesen der Intelligenz", na collectanea Kind und Umwelt" de Arthur Keller, pg. 132.

dosamente annotados por Freud, apesar da opinião extremada dos seus discipulos menos autorizados.

Dahi a affirmação de Prinzhorn de que a psychanalyse é uma technica que serve a diversas concepções da alma (4), admittindo, portanto, que o seu destino não esteja ligado a interpretação estricta que lhe dá Freud.

Com idêntica independencia, Anna Turmakin (5) procura demonstrar que a theoria do inconsciente não corresponde ás necessidades de uma legitima hypothese scientifica, pois a prova indirecta do inconsciente pelos seus efeitos, presume o conhecimento daquillo que se pretende provar, isto é, a relação funcional do inconsciente com o consciente.

A opinião de Turmakin é discutivel, mas offerece exemplo typico da critica epistemologica perante uma theoria que, baseando-se em factos bem observados, nos propõe uma interpretação desses factos que nada têm de inevitavel.

Outro exemplo claro do alcance do ponto de vista da theoria do conhecimento nos fornece o problema da classificação de funcções.

Classificar pode parecer, a principio, puro problema de methodologia psychologica. No emtanto assim não acontece, pois basta criticar epistemologicamente a mais simples classificação de funcções, para que se verifique, desde logo, que ella se basea em supposições theoreticas adoptadas muitas vezes inconscientemente pelo classificador.

Nada mais importante tambem do que, deante de uma classificação, procurar saber si ella abrange todas as funcções e qual a situação de cada uma dellas no conjuncto das outras, mas é necessario tambem indagar quaes são os criterios methodologicos do autor e si seguiu uma linha de coherencia na disposição e hyerarchia das funcções.

E si o fizermos, verificamos logo que a interferencia de criterios, muitas vezes contradictorios, não repugna aos autores dessas classificações.

Entretanto, é preciso saber si quem ordena as funcções adopta este ou aquelle methodo e attribue á psychologia este ou aquelle objecto.

Evidentemente o discipulo do behaviorismo não pode adoptar a escala, proposta para aferir os factos psychicos do adepto da psychologia comprehensiva da mesma forma porque se contradizem o methodo naturalista e o methodo da psychologia como sciencia cultural.

---

(4) V. Buhler "Die Krise der Psychologie"

---

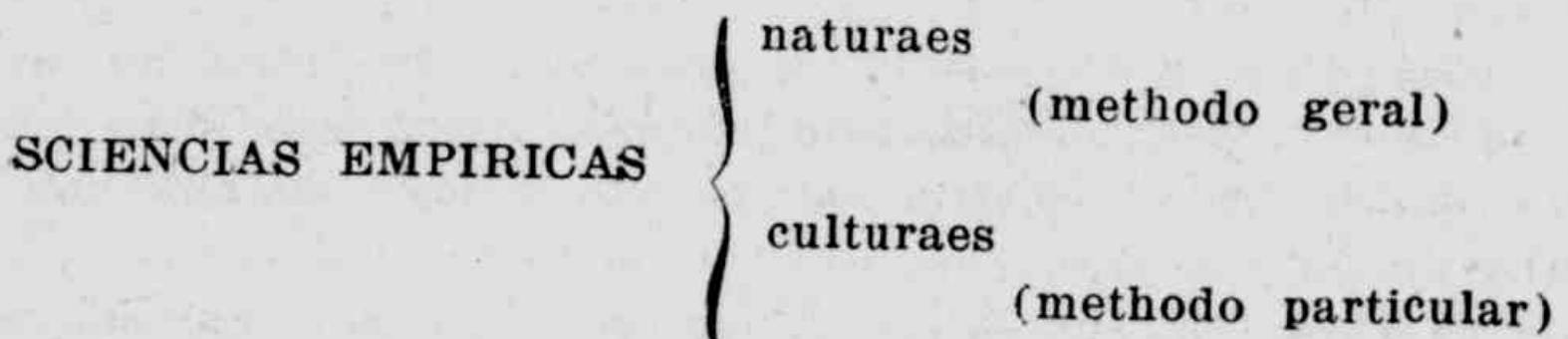
(5) "Die Methoden der psychologischen Forschung".

Verificamos assim que o problema dos methodos, cuja variedade é em parte responsavel, como já vimos, pela crise da psychologia, surge aqui apresentando embaraços á classificação dos factos psychicos.

Si aprofundarmos a questão dos methodos, vamos encontrar uma base para distinguir as sciencias naturaes das sciencias culturaes.

Wihdebland e Rickert trabalharam vigorosamente neste dominio e estabeleceram normas que podem servir, pelo menos, como hypotheses para posteriores indagações. Assim Rickert (1) estuda as differenças que caracterizam a sciencia natural e cultural, attribuindo á primeira o methodo geral e á segunda o methodo particular.

A realidade é natural quando a consideramos em relação ao universal e é cultural quando a consideramos em relação ao particular, ao individual. Obteremos assim o seguinte esquema das sciencias empiricas:



Qual será a posição da psychologia neste esquema?

Entre as sciencias naturaes ou culturaes?

Durante muito tempo essa questão recebeu uma resposta invariavel dos especialistas dominados pelos dogmas do naturalismo. E o que é peor, nem se admittia mesmo diante do forte surto dos methodos naturalistas e da theoria da evolução, que se pudesse raciocinar de accordo com outras premissas.

A psychologia só era sciencia quando empregava o methodo geral.

Em que consiste esse methodo?

Apenas abstrahir de uma serie de factos os caracteristicos constantes e os encerrar numa lei, cujo sentido deve ser universal.

Nada de methodo particular. Não se admittia sciencia do individual, pois a generalidade é propria dos conceitos scientificos.

Raciocinando-se com essa simplicidade perdiam o caracter de sciencia as disciplinas moraes e historicas, pois é za-

(1) "Sciencia natural e sciencia cultural"



bido que essas sciencias estudam factos particulares, localizados e irreversiveis chronologicamente.

Um facto historico ou social é unico, não se repete e esgota os aspectos da sua realidade quando se processa no tempo e no espaço. O mesmo não acontece com o phenomeno physico ou chimico, que apresenta caracteristicos geraes e extensivos a uma serie de factos da mesma natureza.

Onde incluir, em uma classificação scientifica, os processos do psychismo? Apresentam elles os caracteristicos do facto historico ou do phenomeno physico-chimico?

Nesse instante, em que pessoas diversas me ouvem, evidentemente se processam em cada uma dellas as manifestações psychicas mais variadas.

O psychologo classico, preocupado com a analyse, diria que as pessoas aqui presentes, experimentam percepções, juizos, imagens, sentimentos, representações, etc.

Tacitamente, entretanto, admittiria, em cada um desses phenomenos traços geraes que caracterizam o grupo ou a especie, de phenomenos analogos, a que elle pertence como membro.

Assim a percepção pode ser estudada através de leis geraes que se applicam a toda ordem ou categoria de processos perceptiveis.

Mas não será a percepção phenomeno sui-generis como o facto historico, isto é, que só se processa uma vez, associada ao conjuncto das outras manifestações e ligada a ellas inseparavelmente, de tal maneira que se tornará impossivel aos senhores repetir as mesmas percepções desse momento em qualquer outra circumstancia de sua vida, porque ellas serão sempre diversas rodeadas de outras condições, associadas a outros processos e irreproduziveis tal como se verificam agora?

Ha qualquer cousa de dramático nessa irreversibilidade do psychismo e o sentido da permanencia, que é um dos mais solidos apoios da natureza humana, se revoltaria contra essa interpretação excessivamente dinamica das formas do nosso psychismo.

Mas os preconceitos nada justificam e a pergunta fica ahi, em toda sua clareza, isto é, si o estudo das manifestações psychicas nos leva ao conhecimento do particular ou do geral, do que só é apprehensivel intuitivamente ou do que se revela através das relações geraes e de suas leis.

E' verdade que a resistencia em attribuir á psychologia character de sciencia descriptiva ou ideographica em opposição ás sciencias naturaes, não encontrava apoio somente em preconceitos affectivos, mas tambem em uma tradição philo-

sophica, cuja maior expressão é o systema kantiano, que só attribuia character scientifico ás mathematicas e á physica (1), unicas disciplinas que forneciam subsidios para a formação da theoria do conhecimento.

Por conhecimento se entendia até agora, como affirmava Natorp (2), “a ordenação dos phenomenos sob leis e precisamente a sua ordenação temporal, segundo a lei basica da causalidade.”

A realidade susceptivel de conhecimento se mostrava bastante precaria, pobre de vida e conceitos. pois se limitava ás formulas das sciencias positivas, tornando-se assim necessario enriquecer o conhecimento scientifico com novas aquisições e o forte impulso que este recebeu dos valores, até agora excluidos do seu dominio, compensou largamente a elasticidade imprimida aos conceitos da velha logica e ás cathogorias rigidas do entendimento, afim de abrangerem as sciencias culturaes.

A psychologia revigorada pelo tonico da nova doutrina, tratou de crear processos e methodos fora da criteriologia naturalista para empreehender o estudo das formas do psychismo individual.

E o que se fez, dentro da nova orientação, corresponde ao que se deve esperar de um conhecimento scientifico?

Valeu a pena pôr de lado o criterio naturalista para se obter o que nos proporciona o methodo agil e penetrante das sciencias culturaes, isto é, uma dilatação do conhecimento já estructurado e a descoberta de novas perspectivas no dominio de actividade espiritual?

Ainda é um pouco cedo para se responder claramente a tal pergunta mas é innegavel que a psychologia estava em condições de elaborar methodos que procurassem satisfazer as necessidades do historiador, do sociologo, do jurista e do educador.

Nos ultimos tempos, entretanto, a psychologia se afastava cada vez mais das sciencias culturaes a que ella esteve sempre ligada nas theorias philosophicas, e gravitava quasi que exclusivamente para o dominio das sciencias naturaes (3).

Já em 1911, William Stern iniciou a caracterização da psychologia differencial, dotando-a de methodos proprios,

---

(1) V. Objecções de Kant á psychologia em Kulpe “Vorlesungen uber Psychologie”. Pg. 3.

---

(2) V. “Pedagogia Social”, pg. 31. — Trad.

---

(3) V. Stern “Die differenzielle Psychologie”, pg. 3 e 505.

investigando-lhe os limites e enveredando-a pelo estudo das variantes, das correlações e das diferenças individuais.

Não é aqui o logar proprio para discutir os problemas da psychologia differencial, mas é necessario accentuar que uma tal disciplina não seria possivel sem os methodos e os criterios das sciencias culturaes.

E' valiosa tambem a contribuição inesperada de naturalistas insuspeitos como Kretschmer e Freud, por exemplo, que recorrem frequentemente a factores de ordem cultural, renunciando muitas vezes ás categorias puramente biologicas.

Deu-se aqui uma circumstancia que vem permittindo a incursão na psychologia dos factores culturaes e é a necessidade, sentida por quem lida com o material psychico, de interpretar-o á luz dos conceitos de valor, sentido e finalidade que não se empregam na explicação mechanica dos factos naturaes.

O naturalismo evita declarar que certo phenomeno tem sentido, apresenta qualquer significação independente da sua acção mechanica e que não é determinada por causas tambem mechanicas, pois seria desvirtuar a explicação naturalista acreditar-se, por exemplo, que um organismo qualquer existe para cumprir determinado fim imposto pela natureza e a theoria da selecção, embora admittindo a adaptação como conceito finalista na natureza e na cultura, procura subordinar-a a uma interpretação bastante relativa.

Muito menos se pode ainda falar de valor, a proposito da explicação naturalista, porque tal conceito nada significa fóra da realidade cultural.

E é actuando dentro desta que chegamos á concepção do psychismo como totalidade em que cada parte (função) só tem sentido, exprime valor e se dirige á um fim, quando é considerada em relação ao todo. (1)

Si quizermos caracterizar em traços geraes, as tendencias mais recentes do movimento psychologico, iremos encontrar-as no accentuado afastamento das interpretações atomistas do psychismo, isto é, das theorias que o reduziam ao mosaico de sensações, imagens e sentimentos e na preferencia, cada vez maior, pelas noções que definem os processos psychicos como estruturas totaes e irreductiveis.

A situação do investigador deante do material psychico é semelhante ao do architecto deante do predio por elle edificado. Emquanto os espectadores têm a impressão do con-

---

(1) V. Spranger "Psicologia de la Edad Juvenil", introducción.

juncto, isto é, admiram a forma, a elegancia de linhas e o aspecto da construcção, o architecto só vê os elementos materiaes e palpaveis que tornaram possivel a obra de engenharia.

O olhar do tecnico é attrahido por elementos minimos que dizem respeito aos problemas da resistencia de materiaes, da alvenaria, do cimento armado e mil pormenores que escapam ao leigo impressionado pela obra como totalidade. E ficaria admirado si alguém lhe dissesse que a impressão do espectador é que corresponde á realidade concreta, pois diz respeito á utilização de qualquer coisa que só foi creada para certo emprego, emquanto que a sua tem valor restricto e não explica a finalidade essencial do objecto.

Ninguem pretenderá affirmar que a casa é uma reunião de tijolos, simplesmente porque ella é mais do que isso.

Da mesma forma, a psychologia não pôde pretender reduzir o psychismo a sensações ou imagens, pois taes elementos nunca nos permittiriam attingir a synthese completa que constitue a personalidade.

No primeiro caso ainda se trata de qualquer coisa que, embora irreductivel aos seus elementos, apresenta sempre consistencia material, mas, no segundo, lidamos com o que é fluido por excellencia e escapa a qualquer tentativa de concretização puramente objectiva.

— Dahi a convicção de que a psychologia classica não errou quando pretendeu traduzir os estados psychicos por intermedio de categorias subjectivas mas apenas deixou de levar em conta que essas categorias só correspondem á realidade quando se manifestam como "formas da vida", segundo a expressiva concepção de Spranger (2).

Foi esse discipulo de Dilthey, o doutrinario das ciencias culturaes e o systematizador mais completo dos seus methodos e do seu objecto, que em uma obra sobre a adolescencia definiu bem o conceito da psychologia como sciencia que estuda o psychismo no seu aspecto de estructura global e afasta, por inoperante, o criterio analytico que era o sustentaculo da psychologia naturalista.

Spranger colloca-se bem no centro da psychologia comprehensiva e não se utiliza de nenhuma hypothese biologica para o estudo das formas complexas que a vida social e politica do adolescente nos offerece.

---

(2) V. Spranger. "Die Lebens formen". Como formas Spranger considera o homem theorico, economico, esthetico, social, religioso e auctoritario (Machtmensch).

Os espiritos habituados ao tatibitismo naturalista (exemplo typico dessa gagueira é a affirmação do que o psychico se reduz ao reflexo condicionado) têm aqui materia farta para exercer a sua critica alarmada. Onde estão os fundamentos biologicos da psychologia? Que foi feito da cadeia de reflexos e do systema nervoso? E' possivel desprezar assim as conquistas da endocrinologia?

Emquanto isso Spranger fãz tabua-rasa do naturalismo e se dedica ao estudo da vida e das creações estheticas do adolescente, da sua iniciação na sociedade, da sua evolução moral e consciencia juridica.

São esses os dados que a psychologia, não se satisfazendo mais em explicar, mas querendo tambem comprehender, maneja com criterio amplo, livre da tutela mechanicista e procurando penetrar no recesso da personalidade humana até agora vedado aos psychologos de laboratorio e dominio exclusivo dos esthetas, politicos e romancistas.

Mais tarde verificaremos até que ponto se justifica essa tendencia vigorosa, que se concretisa sobretudo na psychologia differencial de Stern e na psychologia comprehensiva de Spranger, para abrir caminho á uma nova dialectica que concilie formas subjectivas com finalidades sociaes e onde se observa a fusão do ponto de vista psychologico e sociologico em um novo methodo.

Mas qual o ponto fraco dessa doutrina, si é certo que, como todas as outras, ella deva ter seus pontos vulneraveis. Acredito que o seu principal defeito seja o de ter definido bem o objectivo que pretende alcançar, mas, ao mesmo tempo, não nos offerecer, depurados pela critica, os methodos que nos poderiam levar até lá.

A sua methodologia insufficiente e que não resiste ao cotejo com os processos da psychologia classica, só é compensada pelo facto de indicar novos objectivos que reclamam urgente investigação.

A' immaturidade dos methodos accresce ainda defeito mais grave, que decorre da propria conceituação de psychologia como sciencia cultural.

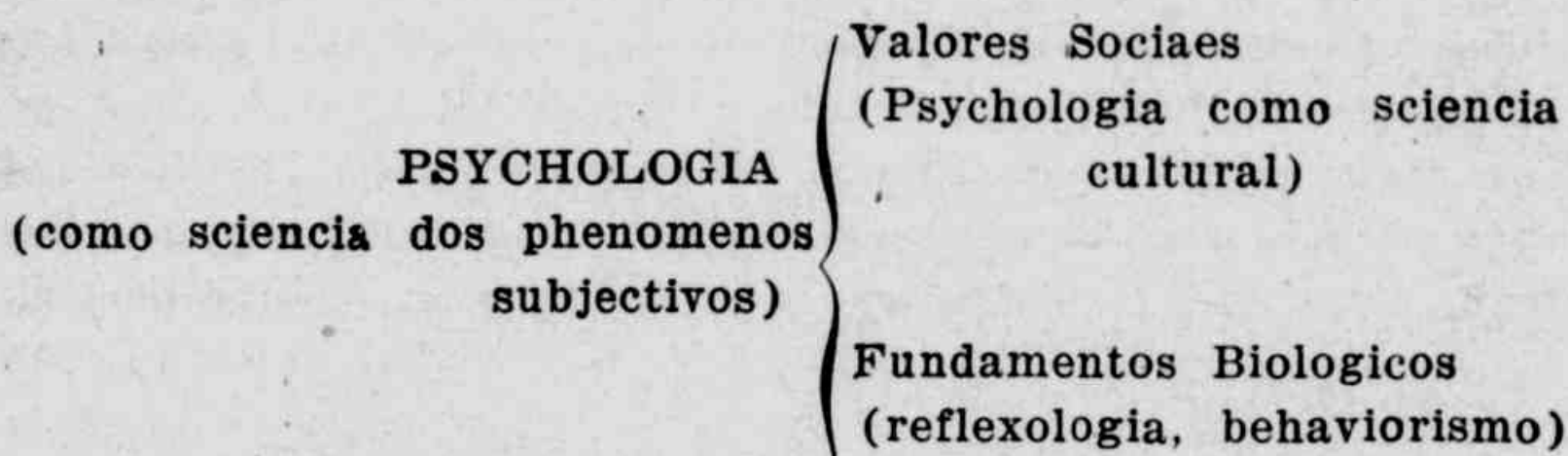
Não se podendo falar de cultura dos animaes e das creanças a não ser em sentido muito impreciso, ficará ella assim privada do esclarecimento e cooperação de dois dominios, que são talvez os mais fecundos no estudo da genetica e evolução dos phenomenos psychicos.

Alguem se lembrará da psychologia do primitivo, que nos offerece aspectos rudimentares da vida cultural, mas, mesmo assim, a ausencia da psychologia animal e infantil não fica ainda compensada.

Verificamos assim que a psychologia moderna se encontra deante de difficuldades que ella só poderá remover, seguindo orientações radicaes.

E não é isto o que ella tem feito, de uma forma ou de outra, sacrificando temas inteiros para se dedicar a aspectos isolados, fugindo a alguns obstaculos para defrontar outros maiores, adoptando planos unilatêraes de trabalho e desprezando, muitas vezes, o material empirico que se offerece e os dados de investigação facil e immediata, para cahir em pleno jogo de palavras e se utilizar de complicadas formulas que nada significam?

Si quizermos reduzir a pequenas proporções a crise da psychologia moderna, poderemos adoptar, como hypothese de trabalho, o seguinte esquema:



Foi o descontentamento com o methodo subjectivo que deu como resultado a descida aos concomitantes biologicos (reflexologia, behaviorismo) e a subida aos valores sociaes (sciencia cultural).

A primeira tendencia é de origem naturalista, a segunda partiu de postulados claramente culturaes e anti-naturalistas.

A primeira attribue á psychologia o methodo explicativo, baseado na biologia e nas sciencias naturaes, a segunda attribue á psychologia o methodo comprehensivo baseado na historia, na sociologia e sciencias culturaes.

O papel do psychologo, segundo essa ultima corrente, não differe muito da função do biographo, do historiador e do sociologo que investigam a realidade historico-social, pois aquelle tambem se preoccupa com essa realidade, embora se limite a observar e descrever os effeitos desta sobre a individualidade, considerada como centro da sua investigação theorico-experimental.

Tudo isso, quando se considera na psychologia apenas as tendencias radicaes, os pontos de vista extremados e inconciliaveis, porque ha tambem tentativas, mesmo na ultima phase do behaviorismo e em muitas outras correntes da psychologia, para completar o biologico pelo social ou vi-

ce-versa e considerar o producto dessa fusão como o unico objecto digno da attenção dos investigadores de phenomenos psychicos.

Até agora me limitei a discutir o conceito da psychologia sob o ponto de vista doutrinario e repisei o assumpto com a teimosia de quem deseja, expondo materia controversa, esclarecer as proprias duvidas. Creio que me mantive fiel á duvida methodica e si sou passível de censura, é por abusar della e não por tel-a abandonado.

Desejo concluir, affirmādo, que apezar da crise e da divergencia de orientações, é possivel considerar a psychologia como uma technica, cheia de altos e baixos, ainda imperfeita, mas em plena evolução. A idéa parece modesta e muita gente reflectirá que não valeu a pena tanta divagação para se chegar a conclusões excessivamente acanhadas. Pois bem, não ha nada mais ambicioso do que elaborar uma technica para o exame critico da vida interior e a observação dos outros.

Ha, por acaso, proposito mais elevado e conhecimento mais difficil que exija constante renovação de criterios e uma segurança no emprego dos methodos que é a verdadeira base da investigação scientifica?

Mas essa technica precisa do apoio de outras technicas e dahi as suas relações com as sciencias biologicas e as sciencias sociaes.

E' verdade que a sua dependencia da biologia naturalista foi exaggerada pois ainda que se aperfeioe a technica psychologica a ponto de se conhecer as minimas reacções do organismo, quando se processa o phenomeno psychico, este resultado não nos faria "comprender" cousa alguma que se refira á essencia da vida mental.

Pode, entretanto, descrever e explicar, mas não nos oferece nenhuma possibilidade de comprehensão. Dahi a esterilidade do methodo naturalista.

Que importam os fundamentos biologicos si não nos fazem penetrar nos aspectos do psychismo mais ligados á vida social? Si o que interessa no homem são as suas predilecções e attitudes politicas, estheticas, moraes e juridicas, nada nos impede de procurar uma technica que facilite esse conhecimento, ainda que seja necessario a renovação completa dos conceitos scientificos ou philosophicos.

Nada nos impede de trabalhar nessa direcção. De que maneira, mediante quaes processos, principios e hypotheses, é o que verificaremos nas proximas palestras.

## CARTA INÉDITA

Acaba de falecer o grande fisiologista russo Ivan Pawlow, cujos trabalhos e pesquisas colocaram seu nome á vanguarda da psicologia experimental moderna. Entre nós, com a precipitação habitual, houve quem afirmasse que as pesquisas de Pawlow o tinham levado a um radical materialismo psicologico. Em critica a um livro do prof. Lourenço Filho, rebateu essa idéa o nosso diretor Tristão de Athayde. Afim de esclarecer a dissidencia, deliberou escrever diretamente ao grande mestre russo, um dos nossos jovens e mais capazes investigadores no campo da psicologia experimental. E teve o prazer de receber do mestre a carta que segue, até hoje inedita, e que vem lançar luz sobre um debate dos mais candentes.

Muito agradecemos ao Dr. Euryalo Cannabrava — que é o nosso patricio a que acima nos referimos e de que neste numero temos a honra de publicar um estudo muito valioso — muito lhe agradecemos a oportunidade que nos dá de prestar esta homenagem á memoria do grande mestre falecido, esclarecendo, ao mesmo tempo, uma exegése importantissima de suas pesquisas.

(Original em russo)

Leningrado, 26 Abr. 1931.

Mui estimado Sr. Cannabrava

Peço relevar a demora com que venho lhe responder a sua carta, que teve que esperar a sua vez no meio da minha volumosa correspondencia, que tenho que manter actualmente.

Minha opinião em relação aos problemas que lhe interessam poderá ser resumida assim: não estabeleço differença sensível, excepto nos graus de complexidade, entre as actividades nervosa e psychica, visto que toda conducta dos animaes poderá ser analysada e resumida segundo as leis physiologicas da actidade nervosa, isto é, comprehendida e interpretada physiologicamente.



Disso me convenço cada vez mais e mais após as experiencias sobre cães durante longos annos.

O que se dá com o homem ? Nos systemas nervosos pouco complexos e mal desenvolvidos das crianças, e nos systemas simplificados devido a lenta destruição dos desequilibrados ou neurasthenicos, podemos, segundo meu pensamento, usar dos mesmos methodos de pesquisas, como sobre os animaes. Mas nos individuos adultos de systema nervoso normalmente desenvolvido creio ser o methodo objectivo de pesquisas da conducta inapplicavel e inefficaz e, segundo minha opinião, o Behaviorismo americano nada conseguirá nesse sentido.

Entretanto, não nego, como algo evidente que é, a existencia do nosso mundo subjectivo e não posso desprezar scientificamente o methodo de auto observação. O mundo subjectivo não é um mytho, visto elle representar a base de apoio da existencia quotidiana do individuo.

O mundo subjectivo é a actividade nervosa superior, que se nos revela de um lado difficilimo de pesquisar scientificamente, devido a sua extraordinaria complexidade no homem e algumas particularidades desfavoraveis ao pesquisador, particularidades essas resultantes do reflexo de certos phenomenos nervosos.

Mas a systematisação dos phenomenos subjectivos da forma como ella se desenvolve na psychologia não é vã e adquirirá a sua importancia, quando terá por base a physionomia completa da actividade nervosa superior dos animaes.

Tambem agora muitos phenomenos da nossa existencia subjectiva são bem interpretados e estudados á luz da physiologia dos grandes hemispherios assim como são estudados pelo methodo dos reflexos condicionaes nos animaes.

No que diz respeito ao Bertrand (Russel) posso dizer que elle não é um pesquisador, mas apenas um "raisonneur", sendo essa a razão porque não tomo em consideração as suas deducções.

V. S. já sabe certamente que acaba de sahir do prélo traduzida em inglez a minha nova obra, que é uma serie de estudos, resultado de todas as minhas pesquisas sobre os reflexos condicionaes, livro esse que está sendo imprimido tambem em francez.

V. dedicado

(a) Ivan Pawlow.

# TRES PRECES

PAULO CORRÊA LOPES

## I

Tem pena, Senhor, desta amargura  
que anda nos meus olhos.

Eu não sabia, Senhor, que era preciso lutar.

Eu não sabia, Senhor, que era preciso tomar a cruz  
e seguir os teus passos.

Tem pena, Senhor, desta amargura  
que anda nos meus olhos.

## II

Nem todos poderão atravessar a porta estreita  
que se abre para a vida.

Auxiliai-me, Senhor.

Fazei com que a humildade desça sobre mim.

Nada poderei fazer sem o vosso auxilio, Senhor.

## III

Que cáia sobre mim o céu todo estrelado,  
que cáia o mundo, que cáia tudo sobre mim !

Posso levar sobre os ombros  
todas as estrelas.

Posso levar cantando no coração  
o rumor dos mares.

Posso levar nos olhos  
os rios cansados de correr.

Tudo posso agora que encontrei o caminho  
que leva para Deus.

# A' MARGEM DO "DIARIO" DE GAMA E CASTRO

SEVERINO SOMBRA

Para quem se interessa pelo renascimento de Portugal e trabalha por uma verdadeira compreensão entre as novas gerações portuguesas e brasileiras, não pôde passar despercebido o aparecimento do DIARIO escrito por Gama e Castro ao emigrar para a Itália, "abandonado por todos os seus (meus) amigos, cruelmente perseguido pelos seus (meus) mais ferozes inimigos", á procura em "paizes alheios" da tranquilidade que não podia gosar entre os portugueses, arrebatados, então, pelo "espírito de vertigem" do liberalismo.

O lúcido pensador de O NOVO PRINCIPE foi incontestavelmente uma das mais nobres e brilhantes figuras — senão a maior — da reação imediata que se ergueu, em Portugal, contra os principios e á mística liberais que corromperam as energias da antiga Metrópole e se escoaram para a Colonia de Além-Mar a falsear o sentido da sua independencia, — envenenando-lhe o impulso nacionalista, levando-a a repudiar os imperativos da Tradição e impondo-lhe uma forma politica filosoficamente errada e socialmente imprópria ao meio brasileiro. E, se, além de conduzirem Portugal a uma decadencia que só veio parar agora, um século mais tarde, as idéias liberais provocaram, quando da sua invasão, um estado de lutas funestissimo á sociedade portugueza, tal agitação produziram elas tambem, no Brasil, agravadas com o matiz republicano, de tal modo puzeram em perigo a vida e a unidade da nova Patria independente que só a precipitação da maioria de D. Pedro II pôde salva-la. "Se a maioria não resguardasse a Nação como um parapeito, ela ter-se-ia despeñado no abismo" — afirma Joaquim Nabuco que, na ultima fase de sua vida, foi, talvez, o mais legitimo representante do genio latino, na justa expressão do culto e fervoroso nacionalista da PAIXÃO E GRAÇA DA TERRA.

A anarquia crescera tanto que Feijó — a grande figura da Regencia — viu quasi inevitavel o esfacelamento do Brasil, a ponto de propor resignadamente: “no caso de separação das provincias do Norte, segurar as do Sul e dispor os animos para aproveitarem êsse momento para as reformas que as necessidades de então reclamarem.” (8ª condição da Declaração de Feijó para aceitar a Regência).

A Monarquia, porém, salvou a joven Nação.

Tão funestos foram os resultados da agitação liberal que, com a morte de D. Pedro I (Pedro IV de Portugal), afastado, portanto, o receio da sua volta, ergue-se uma forte reacção monarchica, empolgando os proprios liberais, já desiludidos, e prolarisando depois toda a politica brasileira até a propaganda republicana. E os dois grandes partidos — liberal e conservador —, que vêm a se formar, disputarão o poder durante todo o Império, mas no terreno da lealdade á monarchia.

A curva da anarquia republicanoliberal, que alteava desde a Independencia cai, então, para só tornar a subir, em 1870, com a desagregação irremediavel do Partido liberal. Culmina, depois, com o ridiculo 15 de Novembro e suas consequências, para novamente baixar a nivel médio, graças á disciplina presidencialista, até 1930, quando reponta temerosa e já acolchetada ás idéas socialistas que estão admiravelmente aproveitando da decomposição final para melhor se desenvolverem.

\*

\* \*

E' interessante aproximar os dois factos: a chegada de Gama e Castro ao Brasil, em 1838, e a reacção monarchica iniciada pouco antes.

Até que ponto, êsse paladino da campanha anti-liberal na Europa, terá concorrido para o incremento da reacção monarchica, tal como ela se processou no Brasil? Que grande foi a sua actividade intelectual, no Rio de Janeiro, é incontestavel. Além de publicar algumas obras de critica politica e social, dirige uma folha católica — O DESPERTADOR — e colabora, depois, no JORNAL DO COMERCIO.

As lutas politicas que se travam, então, no Brasil, — reflexo das que haviam obrigado Gama e Castro a expatriar-se e que tão fundamente repercutiam em seu espirito — poderiam deixar indifferente o grande doutrinador? Não seria lógico acredita-lo. Mais natural é que se tenha como verdadeiro que o Fisico-Mór do Exercito de D. Miguel, em sua actividade jornalística, na capital brasileira haja-se posto ao lado da reacção monarchica, servindo com sua experiencia e atilado espirito a causa da ordem, da realza e da autoridade. E facto

mais comprovativo dessa asserção não poderia haver do que a edição que Gama e Castro fez publicar, no Rio de Janeiro (typ. Imp. de Villeneuve e Comp. — 1841), do seu notavel trabalho O NOVO PRINCIPE — possivelmente a maior obra do pensamento politico, português.

E' bem verdade, não sêr pequena, naquela época, a animosidade contra os portugueses. A desconfiança mesmo contra o Imperador português, fôra forte, mal visto o seu "entourage". Tinha-se a impressão de que a Independencia não fôra completa. E' porisso que, analisando os acontecimentos do 7 DE ABRIL, Nabuco observa: "Em certo sentido o 7 de Abril é uma repetição, uma consolidação ao 7 de Setembro".

Não se apagára ainda do espirito dos homens publicos brasileiros a lembrança da maneira porque haviam sido tratados os representantes do Brasil ás Côrtes de 1820-1821, em Lisboa. E, — sublinhemos — a attitude impertinente dos deputados portugueses, para com os irmãos de além-mar, não influiu pouco no rumo dos acontecimentos que culminaram com a separação completa da florescente Colónia. Bettencourt odrigues, comentando o que Spencer Vampré diz ter sido o sonho de José Bonifacio, lamenta: "E, meus senhores, porque se dissipou êsse sonho? Porque a desastrada, porque a nefasta imprevidencia com que os deputados portugueses á Constituinte se recusaram a admitir á votação as propostas brasileiras desde logo originou, entre os representantes portugueses e os brasileiros, uma irreductivel incompatibilidade, que necessariamente havia de contribuir para que aqueles mesmos que eram ainda então, como José Bonifacio, ostensivos partidarios duma condicional união de Portugal e Brasil, passaram a ser os mais activos e prestigiosos dirigentes de uma completa e definitiva separação. E essa separação, que pouco tardou, não lhes foi difficil levarem-na a efeito, mesmo que não tivessem muito habilmente a auxilia-los o trabalho surdo, mas persistente da diplomacia inglêsa, não menos interessada do que o proprio Brasil, nessa definitiva separação".

A proposito dessas ultimas palavras, seja dito de passagem, que ha toda uma historia a escrever sobre a politica protestante e anglo-saxonica de cisão e dissolução do mundo latino e católico. Politica que, só agora, declina, com o fracasso do liberalismo economico e politico e a vitoria dos valores tradicionais que começam a reagir.

Os deputados liberais portugueses não tinham noção da realidade brasileira; não queriam ver que o numeroso e admiravel escol de intellectuais e homens públicos do Brasil em nada ficava a dever ao dos politicos da Metropole; não sentiam que chegára a hora em que as relações entre os dois Povos

tinham de revestir uma outra forma capaz de traduzir a união de duas soberanias.

Trabalhados pelos astuciosos agentes ingleses feriram fundo os brios brasileiros, tentando anular as sabias medidas de D. João VI a favor da Colónia; e entraram em conflicto com aquele mesmo que seria, depois do espedaçamento do "Imperio Lusitano", o seu heroi em Portugal — D. Pedro.

Os procuradores gerais das provincias do Brasil ainda tentaram apontar o verdadeiro caminho, a solução logica e compativel com a nova situação.

"O Brasil quer ter o mesmo rei, mas não quer ter senhores nos deputados do Congresso de Lisboa. O Brasil quer a sua Independencia mas firmada sobre a união bem entendida com Portugal; quer, enfim, apresentar duas grandes familias, presas pelos seus interesses obedientes ao mesmo chefe" — diziam elles.

A monarquia, que começava a cair, arrastava na queda a grandeza de Portugal! A ignorancia demagógica dos Parla-mentos iniciára a obra de destruição do patrimonio lusitano e, neste sector, da força da civilisação latina e católica... A curva subirá incessantemente até 1910, para d'aí atirar-se vertiginosamente ao cáos até ás reacções de Sidonio e Gomes da Costa.

Voltemos, porém, a Gama e Castro. Sua attitude contra as Côrtes portugêsas não poderia tornal-o antipático no Brasil; pelo contrario. Bem a coberto da animosidade contra os portugêses deveria êle estar, exilado como se encontrava por força da victoria dos liberais.

Como teria êle visto o problema da separação, vivendo como viveu no meio brasileiro? Não teria abordado êsse têma em seus artigos para a imprensa do Rio? Bem podia êle apreciar as consequências da inépcia dos que combatera em sua Patria. Já, em 1834, escrevera em seu DIÁRIO DA EMIGRAÇÃO: "Portugal foi até ao tempo da separação do Brasil hua das Potencias mais ricas da Europa, e com o tempo viria a ser hua das mais poderozas. A colónia do Brasil cujo comercio era exclusivamente seu, igualava em extensão a Europa, excedia-a em riquezas; e com o tempo a excederia tambem em população. Desde o momento da sublevação de D. Pedro contra seu Pae, cahio Portugal em hua miseria e abatimento de que só poderá levantar-se até um certo ponto, quando os Soberanos Portuguezes olharem com attenção que lhes cumpre para as possessões que ainda temos na Africa."

Hoje, ao examinarmos os acontecimentos da época, não podêmos deixar de dizer que a independência do Brasil, do ponto de vista mais immediato, foi muito menos uma "subleva-

ção de D. Pedro contra seu Pae" do que a revolta da "elite" brasileira contra as côrtes portugêsas.

\*  
\* \*

O Brasil foi uma criação de Portugal, mas de Portugal monarquico e catolico; obra da Fé do Imperio. Pombal solapou-lhe a Fé. Os liberais abalaram o Imperio. Faltou, então, a Portugal a energia para prosseguir no cumprimento da sua missão histórica.

E' estranho como Gama e Castro, em seu discurso ao Consul Geral de Napoles, silencia o procedimento das Côrtes portugêsas. Seria astucia diplomática? Parece que sim, pois astuciosamente tambem êle comenta as "Leis de Sucessão do Reyno" para provar ao napolitano os direitos de D. Miguel.

Aliás, é natural que, miguelista como era, Gama e Castro tivesse a tendencia de ver os acontecimentos recentes através das atitudes de D. Pedro.

E' exagerado, bastante mesmo, o papel que êle empresta a esse Principe na independencia do Brasil. Mas, não esqueçamos, com o Enviado do Governo de Napoles falava menos o doutrinador de O NOVO PRINCIPE que o diplomata de D. Miguel, mais tarde acreditado mesmo junto ao Arquiduque de Modena. Seu discurso áquele Enviado constitue a parte mais interessante deste DIARIO que Alfredo Serrão descobriu, admiravelmente prefaciou e foi editado graças ao entranhado zêlo histórico do joven editor nacionalista Valentino de Sá.

E' pena que não se tenha ainda reunido em volume os melhores artigos do grande mestre da Contra-Revolução, espalhados em jornais da Europa e do Brasil. Seria um grande testemunho e um notavel repositório para a Cruzada Nacionalista que, hoje, empolga a mocidade portugêsa e lhe faz sonhar melhores dias para a Patria que ressurgê. Sonho que bem se entrevê nestas palavras do inteligente prefaciador: "Na convulsão, ou na evolução mais ou menos rapida, que transformará profundamente a paisagem dos continentes, o que não oferece duvidas é que a casa portugêsa ficará, por fim, a casa senhorial". Mal ou ridicula, por acaso, essa afirmação avançada? Pelo contrario.

Quando a mocidade de um País não traz mãis no sangue o alvorôço dos grandes arremêssos e a ansia de mãis amplos horizontes é porque a Raça perdeu as suas quaílidades primitivas e, no seu definhamento, só permite a ironia dos diletantes ou a resignação amarga dos pessimistas. "Uma nação é grande quando uma aspiração a consome" — escreveu Manuel Múrias.

E' no passado, neste passado glorioso a cuja revisão histórica os valores novos se veem dedicando de um modo tão significativo, que a mocidade portugêsa vae buscar os exemplos e alentos para continuar a História de Portugal. O culto da Tradição renasce apaixonadamente porque, como também diz A. Serrão, "a ciência da Patria é na tradição que ha-de ter, essencialmente, a sua base".

Olavo Bilac, o grande poeta brasileiro, cujo espirito, já na "tarde poetica", transfigurou-se miraculosamente á chama abrazadora de impetuoso patriotismo, definiu seu nacionalismo, no discurso que pronunciou na Academia de Ciências de Lisbôa, como filho do seu tradicionalismo.

Ardente profissão de fé nacionalista e, como tal, católica e monarquica, o prefacio ao DIARIO de Gama e Castro encerra expressões que bem traduzem a força das convicções de um jovem nacionalista português. Afastando-se da tendencia pagã, A. Serrão afirma o "primado do espiritual" e, mais alto ainda, a excelencia das disciplinas de aperfeiçoamento, fazendo lembrar o sabôr ascetico daqueles versos de A. Sardinha:

"A posse da Existencia está sómente  
Na aceitação gostosa dos Limites!"

Como bom nacionalista português, não mutila o sentido do seu nacionalismo e argumenta a favor da realeza, concluindo nesta vigorosa afirmação: "Porque não existe demonstração de que possa haver um indispensavel élo temporal entre a Nação e a Igreja (esta considerada no seu absoluto espiritual) sem ser a função cristã da alma do Rei, quebrarei meus esforços e minha lança pelos destinos reais de Portugal."

Esse destemido nacionalista católico confessa-se, orgulhosamente, discipulo de Sardinha — este Gama e Castro do seculo XX — cuja vida foi um tão brilhante apostolado intelectual.

E' interessante notar que esses dois grandes pensadores reacionarios tiveram contacto com a inteligencia brasileira em momentos decisivos, para ela, de seu rumo politico.

O autor de O NOVO PRINCIPE exerce sua ação intelectual, no Brasil, quando o espirito de ordem e de autoridade começa a reagir contra a anarquia liberal que ameaçava a propria unidade do Imperio. E' um momento culminante na vida politica da nova Patria; do sucesso da reação dependerá a sua existencia tal como se fizera independente. Gama e Castro, por sua vez, representa o papel de um ultimo embai-



xador do Portugal vivo, do Portugal sadio, do Portugal que ainda tenta reagir contra o aniquilamento em que vão pros-ta-lo.

O doutrinador de AO PRINCIPIO ERA O VERBO entra em ligação com a intelligencia brasileira na hora em que a reacção filosofica iniciada por Farias Brito empolgara uma pleiade de moços que, logo, ultrapassando o pan-psiquismo do genial mestre, atingem o realismo cristão e, nele, o pensamento politico reaccionario, onde pontificam Bonald e De Maistre. Formam a primeira falange, no Brasil, da "revolução da ordem" que já se erguera, em França, com a "Action Française" e, em Portugal, com o "Integralismo Lusitano" — movimentos, aliás, distintos, como o provou Hipolito Raposo em DOIS NACIONALISMOS.

Jackson de Figueiredo é o joven ardoroso paladino dessa cruzada de restauração dos valores do Espirito e de reacção politica contra os erros demo-liberais. O primeiro impulso do seu nacionalismo é nativista, é de hostilidade a Portugal.

E' quando começa o ciclo das revoluções que, ha dez anos, veem abalando o Brasil. A inquietação vive por toda a parte. Doentes de liberalismo, todos gritam por mais liberdade, como remedio salvador. E, quando a onda revolucionaria se precipita, empolgando liricamente todos os corações, é Jackson, com o seu punhado de amigos, que sai a campo em defeza dos principios da Ordem e do resto da idéia de Autoridade que a democracia não destruiu. Foi o tragico espectáculo de um angustiado gesto de alerta aos que iam fazer o Brasil continuar o caminho de morte interrompido com a Maioridade.

Sardinha é a intelligencia portugueza que se reafirma, é o Portugal novo que começa a surgir. E, Portugal, que toma novamente consciencia de si, sente instintivamente o impulso dos seus destinos desviados, carece de aproximação com o seu "aliado natural, filho do seu orgulho, espelho e flôr de sua alma", como tão expressivamente disse A. Lopes Vieira.

As relações com o Brasil são uma pedra de toque para Portugal. Elas estavam, porém, democraticamente monopolizadas pelos literatos elegantes e os vendedores de secos e molhados.

Regressando "á posse plena de sua individualidade", a antiga Metropole podia iniciar um "acercamento efectivo com o Brasil." Essa posse era, porém, a "condição primeira" que, num admiravel artigo intitulado "A Lição do Brasil", dedicado a Jackson de Figueiredo, exigia o inesquecivel pensador

de PURGATORIO DAS IDEIAS para um verdadeiro intercâmbio, uma real compreensão.

Sardinha — legítimo representante do Portugal que renascia — liga-se a Jackson — o Sardinha do Brasil. Essa amizade tem qualquer coisa de simbólico e providencial; traz, para ambos, o entusiasmo de uma companhia, a força de um exemplo. Não é mais o gesto do pelicano, lembrado por Almeida Braga na MANHÃ DAS PROFECIAS —, é o braço de um irmão, o ombro a ombro fraternal.

Ampliando-se, o nacionalismo de Jackson fôge ao quasi secular ritmo de “desnaturação do vinculo tradicional que intimamente” ligava Portugal ao Brasil. Fruto, por um lado, da ação dos modelos estrangeiros que deram forma politica á antiga Colonia, quando da sua independencia, aquele falso ritmo existia por culpa tambem de Portugal “desorganizado pelo romantismo politico e olvidado completamente das direções superiores da sua historia”, como bem observa Sardinha.

Compreende o chefe do reacionarismo brasileiro que se o Brasil tem “um genio proprio, com direito, naturalmente, á sua expansão autonoma”, éle é o “mantenedor da Lusitandade e do seu ritmo imortal” e “destinado a levar para os confins dum futuro imensuravel o espirito da Latinidade, afeiçoado ao esplendor das “novās estrelas”.

A campanha jacksoniana alarga-se; novos horizontes se abrem á mocidade brasileira. Uma intensissima ação intelectual no campo religioso, filosofico, politico e literario destróe “ideias feitas” e põe novamente em discussão problemas fundamentais.

J. de Figueiredo procura na obra dos poetas e escritores brasileiros a figura, a ideia, o vestigio que revele, mesmo nos mais hostis, a força enobrecedora do genio cristão, oculto mas vivo e encaminhando o sentido profundo das resurreições vindouras. Semelhantemente, procedia Sardinha, em Portugal.

Na imprensa, mantem, com perigo, ás vezes, da propria vida, uma luta incessante contra o espirito revolucionario liberal.

E, enquanto o Povo, levando ás ultimas consequencias os erros das elites de hontem, ergue na baioneta das tropas a bandeira da Desordem, a nova elite batalha esforçadamente pela vitoria da mentalidade que dê amanhã, á Nação, a “Nova Ordem” realmente desejada.

Jackson morre tragicamente aos 37 anos. O inesperado desaparecimento da força vibrante e genial de sua persona-

lidade provoca subito atordoamento que logo se transforma em culto sentido e fecundo.

Os discipulos do jovem mestre brasileiro prosseguem com ardor a sua obra, alcançando exercer uma influencia que se torna cada vez maior. E Tristão de Athayde, cuja conversão é a obra prima da intelligencia e do coração de Jackson, na chefia do movimento, através de uma atividade incansavel e multiforme, em que brilha como filosofo, sociologo, critico e organisador, faz-se o Mestre incontestavel das gerações novas do Brasil. O conhecimento da sua notavel obra é, já agora, indispensavel a quem queira tomar contacto com a intelligencia brasileira e conhecer a attitude da sua parte mais alta e mais viva.

A amizade daqueles dois chefes — Sardinha e Jackson — é uma herança que não pode morrer, nem apenas vegetar, nas mãos dos nacionalistas dos dois Paizes.

Gama e Castro, vencido pela desordem em Portugal, chega ao Brasil para encontrar a vitoria da ordem. A. Sardinha liga-se aos jacksoneanos quando a ordem começa a vencer em Portugal e a desordem a vencer no Brasil.

Gama e Castro é um fim que se aproxima de um começo. Sardinha é um começo que se aproxima de um fim. Mas, em ambos os casos, o fim é iluminado pela chama alta do esforço de apóstolos que o fecundam com o seu genio para movimentos que só hão de terminar com a vitoria.

O campeão miguelista é a luz de um poente de Portugal. O paladino integralista é o brilho de uma aurora lusitana. Um, é o anunciador do crepusculo; o outro, anunciador da ressurreição.

O primeiro apostrófa a "habitação de tigres", o segundo canta comovido as "Nascentes que despertam".

Por força fatal, misteriosa, subconsciente talvez, Portugal não pode cair nem erguer-se sem lançar um olhar de agonia ou de jubilo a seu jovem e impetuoso continuador de Alem-Mar. Não será o impulso inelutavel do sangue e da tradição? a agitação invisivel mas forte do Passado a influir nos tumultos do Presente?... E seria possivel a Portugal gloriar-se do passado, esquecendo o Brasil que é a sua hora historica, no dizer de Oliveira Martins? Sem o Brasil, a historia de Portugal contrai-se, empobrece, como, sem os Lusíadas, a lingua portugêsa enfraquece, definha. Faiando aos americanos do norte, não afirmou Nabuco, cuja "vida apaixonada" tem, para Luiz Almeida Braga, "a grandeza dos valores simbolicos", que o Brasil e os Lusíadas eram as duas grandes obras de Portugal?...

Expressivos, comovedores, simbólicos também êsses contactos dos dois povos em seus lances trágicos ou augustos!

Faz-se sentir quasi concretamente a ação dos mortos que, creando uma pátria, engrandeceram outra!

\*  
\* \*

Não se perca a lição que Deus — “condutor da Historia” — dá ás novas gerações.

Se há dois nacionalismos que podem entender-se e colaborar, êsses são o português e o brasileiro. Mas, não só podem como devem e a isso estão obrigados pela herança que receberam daqueles mestres e pela missão histórica que a Providência destinou aos dois Povos.

Em face da civilização yankee — individualista, anglo-saxonica, tequinalista e protestante — não é o Brasil o centro natural de resistencia, na América, da civilização “hispanica” — grupalista, latina, católica e inadatavel ao espirito burguês que triunfou, com a vitoria daquela, no mundo contemporaneo? Não nos encaminhamos, porventura, para uma época em que as movimentações politicas e sociais vão exigir cenários que hão-de erguer-se sobre continentes?

Já se apresta a Africa Portuguesa para desempenhar o seu papel no “Quadrilatero” ibero-centro-sul-americano.

Não poderão desconhecer êsse rumo politico aqueles que se empenham, em Portugal e no Brasil, pelo despertar de uma ardente consciencia histórica e de uma forte convicção nacionalista.

Não será deixando corromper sua personalidade ao contacto exclusivo da avassaladora fôrça das grandes nações europeas que Portugal poderá manter ou reencontrar o sentido de sua antiga grandeza.

Já em 1923, A. Sardinha acentuava: “Praticando o seu exame de consciencia patriótica, o nacionalismo brasileiro acha-se assim enlaçado ao nacionalismo português e colaborador com êle nos trabalhos comuns do “hispanismo”.

Esse “hispanismo” porquê se bateu o inesquecível doutrinador, neste passo ás vezes tão pouco compreendido, seria a “síntese dos diversos nacionalismos gerados pela civilização que, saída da Península Ibérica, envolveu o Atlantico e foi florescer na América, de mar a mar, como uma promessa de milagre”.

E’ falso e estreito o nacionalismo que não está ordenado para uma “Cristandade” de amanhã.

E não sei de mais alta missão para a America "hispanica" do que, como signos de uma Nova Civilização construida ao calôr fecundo de ineditas formas de Justiça Social, fazer voltar á Europa as Cruzes de Cristo que lá foram, no seculo XVI, iluminando as Caravelas, para "dilatação da Fé e do Imperio".

Não podêmos concordar com a afirmação de H. Belloc de que "l'Eglise c'est l'Europe, et que l'Europe, c'est l'Eglise", se bem que reconheçamos que "pour comprendre l'Europe, il faut avoir la conscience catholique de son histoire".

José Augusto Vaz Pinto, encarando, com grande conhecimento e argucia, o futuro politico do Brasil, viu como necessario, no Mundo de amanhã, o apoio mutuo entre o bloco luso-hespanhol e o grupo centro-sui-americano.

Mas não ha colaboração e amizade sem conhecimento reciproco e este não pode ser fornecido pela literatura de salão ou atravez de interesses puramente mercantis.

Organizem os novos e nacionalistas dos dois Paizes um **INSTITUTO DE CULTURA** cuja missão seja realizar este programa de intercambio preconizado pelo Jackson português: "Se o nacionalismo português ajuda o nacionalismo brasileiro no reconhecimento do papel que a este pertence na elevação do Brasil a potencia mundial, — e só o conseguirá desde que participe da ardorosa tarefa de renovar a "civilização hispanica" e contribuir para a admiravel politica do Atlantico "mare nostrum" —! o nacionalismo brasileiro sumariando e depurando as causas positivas que deram ao Brasil a posse de uma nacionalidade, reforça-nos a nós, nacionalistas portugueses, na confiança e na defeza das instituições que nos conformaram e abriram lugar respeitoso no Concilio dos Povos".

Com êsse programa tão admiravelmente traçado e sob a inspiração dos dois Mestres — Sardinha e Jackson —, aproximam-se os novos das duas Nações para, em entendimento efectivo e consciente, marcharem á conquista do Futuro prometido a Portugal e ao Brasil numa mesma "Mensagem Divina" da Historia.

Lisbôa, Junho de 1933.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

**Diario da Emigração para a Italia** — José da Gama e Castro  
— Lisbôa — 1933.

**Paixão e Graça da Terra** — L. Almeida Braga — Lisboa — 1932.

**Dois Nacionalismos** — Hipolito Raposo — Lisboa — 1929.

**O Pensamento Contra-Revolucionario em Portugal** — (Seculo XIX) — II — Fernando Campos — Lisboa — 1933.

**Um Estadista do Imperio** — 3 vols. — Joaquim Nabuco — Rio de Janeiro.

**Nação Portuguêsa** — No. 11 — 2.<sup>a</sup> Serie — 1923.

**La Revue de Siécle** — 1er. année — I — Abril — 1933.

# MONOTONIA

UBYRATAN VALMONT

Na cordilheira de minha alma  
ha muito chove a cinza fria  
da desesperança e da descrença.

A poeira maldita  
atulhou os mais profundos valles...  
Atulhou tudo, planificou os pincaros  
e afinal transbordou  
pelo infinito universo  
de que fui outrora rei.

Durante um momento  
meu paiz foi um planalto.  
Hoje nada é, nem mesmo  
uma planicie lisa.

E' um charco, unicamente.

Mas resta-me ainda  
a grande esperança de um precipicio.

# ORAÇÃO DE PARANINHO

dos bacharelados do Colégio Santa  
Rosa — Niterói — 26 — Novembro —  
1933.

## TRISTÃO DE ATHAYDE

Meus jovens amigos.

Ha oito dias, entre os vossos companheiros do Ginásio S. Joaquim de Lorena, hoje entre vós de Santa Rosa, foi e é o mesmo o gesto de quem acóde com solicitude ao aceno da nova geração. Reciproco, aliás, o apêlo que nos une. Venho a vós, trazido pelo vosso chamado, a dizer-vos algumas palavras de introdução á mocidade que óra iniciais. E vós vindes a mim, como vieram ha uma semana, os vossos companheiros de Lorena, rejuvenescer a minha alma ao contáto da vossa incipiente e alácre juventude. E de nós sou eu quem mais recebe. Pois se vos posso apenas dar a minha modesta experiencia, embora bem vivida, — vós me presenteais com o mais regio dos presentes: a confiança na vida, a alegria de partir, a fé no futuro. Bem vêdes que sou eu o beneficiario desta festa. E não cabe a vós agradecer a minha presença e sim a mim, uma dupla gratidão, pela lembrança do meu nome e pela juvenilidade que comunicam os vossos cabelos pretos, louros ou castanhos aos fios brancos que já começam a cobrir as minhas temporas.

Pela minha voz, portanto, é uma geração que recebe a outra. Vós saís da adolescencia, vinte e cinco anos depois que eu mesmo entrei na mocidade, pois é tanto o lapso que medeia entre os vossos quinze anos e os meus quarenta, como é também neste ano de 1933 que eu mesmo comemoro o meu jubileu de ginasiario, bacharel que fui de 1908 no Ginásio Nacional, hoje de novo, como sempre fôra, Colegio Pedro II.



Não desejo, entretanto, rememorar aqui esses vinte e cinco anos decorridos, desde esse dia já remoto, e durante os quais mudou, de tal maneira, o ambiente do mundo. Para não me alongar demais, deixarei de lado o que passou e que mais interessa a mim do que a vós. E vou desde logo ao que, por certo, esperais de mim: alguns conselhos sobre a nova vida em que ides entrar e sobre a vossa atuação no seio dela.

Como filhos de uma nova geração, sobre a qual pesa a responsabilidade de pôr em pratica o novo organismo social e juridico de um Brasil que vem sofrendo ha anos uma remodelação profunda em sua estrutura; e como católicos que saem de cinco anos de vida em um ambiente impregnado de espiritualidade cristã, — deveis penetrar-vos, bem fundamentalmente, da importancia e da dignidade da alma humana.

Grandes correntes de pensamento, hostis a tudo o que temos de mais sagrado em nossas convicções e tradições, partem hoje da negação dessa alma imortal e livre e entregam o homem á ação impessoal e necessaria das forças brutas do instinto ou do curso de acontecimentos exteriores. O homem fica assim reduzido a um autômato, governado pela materia e incapaz de imprimir aos acontecimentos a marca de sua vontade.

Era esse o ensinamento que ha quinze ou vinte anos vigorava e que muitos ainda repetem hoje em dia. Não é esse, porém, o ensinamento da história que se passa a nossos olhos. Longe de vermos os homens submissos á fatalidade cega dos fatos, estamos a todo momento, desistindo á ação das grandes personalidades vivas, que mudam o curso da história pela coragem de reagir contra o determinismo e a covardia perante os acontecimentos.

Permiti que vos aponte alguns exemplos recentes e ru-morosos: a Italia, a Alemanha, a Austria, a Peninsula Iberica.

Quando ha doze anos, deu Mussolini o seu golpe da “marcha sobre Roma”, estava a Italia entregue ao desgoverno e á anarquia, já tendo havido mesmo, sob o governo Gioliti, um ensaio de bolchevismo em terras italianas. Veio o fascismo, entretanto, e contra toda expectativa, mudou a face da historia italiana. De “Cesar de Carnaval”, como então o chamavam os socialistas, transformou-se Mussolini no homem que, em doze anos, deu á Italia, ordem, disciplina, restabelecimento das relações com a Igreja, educação moral, civismo, equilibrio economico e financeiro, enfim o prestigio, no mundo, de uma nação que parecia decadente e secundária.

Tudo isso se conseguiu pela vontade de um homem e pela sua fidelidade ás exigencias profundas da alma italiana.

Passemos á Alemanha. Ainda era mais desolador o quadro. Nação vencida, dividida entre si, crivada de dividas, com 7 milhões de homens sem trabalho, sem governos sólidos, minada pelo comunismo, — tudo indicava o caminho da decadencia e da dissolução.

Vem o homem forte, porém, surge um Hitler, que começa um movimento exaltado de recomposição nacional e moral; começa sendo valado e batido nas eleições e entretanto, em menos de cinco anos, passa a ser o guia de 80 milhões de homens, o "Führer", que alcança em seu favor o voto de quasi metade da nação, em eleições memoraveis e unicas mesmo na história do sufrágio popular.

Ainda aqui, a vontade de um homem vencera a anarquia e o desespero de uma nação e de um homem que conseguia inflamar a alma de um povo.

Junto á Alemanha, outro país outróra glorioso, arrastava depois da guerra uma existencia miseravel e ingloria, reduzido em seu territorio e hipotecado á finança internacional. Aparece tambem um homem, o chanceler Dolfuss, um católico no pleno sentido da expressão, e em poucos meses consegue restaurar o prestigio da Austria, dar-lhe de novo a confiança em si mesma e impôr-se de tal fórma á Europa, que hoje é chamado o "pequeno Metternich".

Ainda uma vez, o que vemos em ação, é um homem, sabendo auscultar e compreender a alma de um povo.

Se fôrmos ao extremo ocidente dessa mesma Europa, que parecia decadente e caquética, ha alguns anos atrás, e em vespas de ser ocupada, pela invasão tartara e mongólica da Asia, através das hostes comunistas, — o que vemos na Peninsula Iberica é um quadro semelhante.

Portugal arrastava, desde muito, no fim da monarchia e na republica, a partir de 1910, uma existencia miseravel e anarchica, sem homens, sem ordem, sem finanças.

Aparece um homem, porém, o inditoso Antonio Sardinha e mostra, no movimento "integralista lusitano" que lançou, como os portuguezes se haviam esquecido de seu glorioso passado e se deixavam envenenar por idéas forasteiras, sem coragem de reagir contra a decadencia. A morte não lhe permitiu ir avante. Mas a Providencia mandava outro homem a substituí-lo. E, em fórmis um pouco diversas das sonhadas por Sardinha, veio Oliveira Salazar para o governo e, em poucos anos, Portugal era outro. De país desmoralizado e esquecido, passava a ser uma patria respeitada e independente, com as suas finanças restauradas de modo milagroso e uma legislação constitucional que correspondia muito melhor, ao fáto social portuguez.

Mais uma vez, um homem que se afirma, e retempera a alma da nacionalidade.

E agora, ultimo exemplo, dos muitos que aí ficam a provar demais a minha afirmativa, a Espanha. E' o caso mais reiente e rumoroso. Ha dois anos era a onda demagogica que subia, era a Maçonaria que se jogava sobre a patria de Fernando e Izabel, era a massa vermelha que incendiava conventos e igrejas, era uma Camara sectária que expulsava as congregações, pilhava o patrimonio da Igreja e tentava amordaçar as forças vivas da nação.

Hoje, o que vemos é uma eleição, que o governo usurpador demorou quanto pôde, mas que vem mudar inteiramente a face da Espanha e mostrar a reação admiravel das forças católicas e dos homens que defendem a verdadeira Espanha, contra a Maçonaria, o Comunismo e a oligarquia radical.

E como orientador desse movimento surpreendente, vemos um homem, esse extraordinario lutador Gil Robles, em contáto com a alma espanhola, em sua expressão mais viva.

Eis aí, meus jovens afilhados, alguns exemplos, dos mais modernos que vos oferece a história dos nossos dias, e que vos apontam os modelos que tendes a seguir e o caminho que tendes a trilhar.

Nenhum desses homens representa, a bem dizer, um partido, no sentido estrito e mesquinho do termo. Todos exprimem, isso sim, uma dupla expressão da verdade das coisas, que o materialismo moderno tinha desconhecido:

- 1 — a ação das grandes personalidades humanas sobre o curso da história;
- 2 — a existencia de uma alma nacional profunda.

Uma e outra coisa tinham sido esquecidas pelos falsos mestres que guiaram a minha geração, ha vinte e cinco anos, quando eu deixava, como vós hoje, os umbrais do meu colégio. O que nos ensinavam então era o que o "homem" nada podia contra o determinismo cego da natureza e da história, pois a sua alma não era livre, nem a sua vontade capaz de mudar o curso fatal das coisas. E além disso que as "patrias" estavam agonisantes, que a "alma nacional" não existia, pois o individuo era apenas, fisiologicamente, um átomo de materia, um pouco mais aperfeiçoado, e, sociologicamente, um cidadão do universo, isto é, tambem um átomo abúlico da coletividade que o conduzia.

A história do mundo moderno vem mostrar á vossa geração, meus jovens amigos, quanto eram falsos os preconceitos, burguêses ou socialistas, com que envenenaram a nossa adolescencia, ha vinte e cinco anos atrás.

Vêde, pois, como é grande e belo o vosso futuro.

Entrais na mocidade, com um duplo dever evidente a cumprir:

**afirmar a vossa personalidade,  
e ser fiel á alma do vosso povo.**

Afirmar a vossa personalidade, não é cultivar egoisticamente o vosso "eu", como pretende esse individualismo mediocre que é, ao contrario, um dos venenos mais dissolventes do nosso verdadeiro destino.

Afirmar a vossa personalidade é reconhecer que a vossa alma é imortal e livre e, portanto, tem deveres fundamentais para com Deus, para com os homens e para consigo mesmo, pois não é o fruto rasteiro e efemero da materia que passa e sim a expressão, a comunicação, o reflexo vivo da propria alma de Deus. Imortal é a vossa alma e portanto, exigindo toda uma cultura do dever que a coloque á altura de sua natureza mais que humana. Livre, tambem, é a vossa alma e portanto, desligada, até certo ponto, do mecanismo cego das coisas e capaz, como o demonstram os exemplos que vos citei, de mudar o curso dos acontecimentos.

O primeiro de vossos deveres, pois, o de cultivar a vossa personalidade, exige de vós a disciplina interior mais estricta, a subordinação aos deveres religiosos e morais mais puros, que a Igreja Católica ensina e pratica sem descanso e sem desanimo, — para que possais amanhã, na vossa vida publica e particular, agir como homens que são capazes de mudar o curso dos acontecimentos e não apenas como automatos, ou como dentes de uma engrenagem sem alma.

E o segundo dos dois grandes deveres que vos apontei é o de serdes "fieis á alma do vosso povo", como foram essas grandes figuras de chefes que vistes passar nas palavras fugazes com que os evoquei perante vós.

Ha dias, em Lorena, dirigindo-me aos vossos companheiros, quasi todos paulistas, fiz uma pequena resenha do que me pareciam as virtudes básicas da alma paulista, aconselhando-os a que baseassem sobre elas a construção de sua propria vida, pois devemos aproveitar em nós o que a natureza e portanto Deus nos deu, para sobre essa base "natural" construirmos o edificio de nossa psicologia e de nossa atuação na vida.

Temos, sempre, como filhos de um grande povo, as qualidades de alma coletiva da grande patria e, além disso, as da nossa pequena patria, da região em que nascemos, da herança que trazemos no sangue, do meio em que vivemos.

Se ha dias, pois, era a filhos do interior do Brasil, que eu falava, — hoje é a filhos do litoral, que me dirijo.

E ha, na psicologia coletiva do nosso povo, diferenciações particulares a que temos de obedecer, pois são espontaneas e se harmonisam na soma geral das nossas carateristicas.

Uma dessas é o contraste entre o homem do litoral e o homem do sertão.

Não é o momento de estudar aqui o contraste das duas psicologias. Já vai alongado de mais este discurso e não devo abusar da vossa paciencia. Permitti-me apenas alguns minutos mais.

Se falando, aos filhos do interior, eu lhes apontava as qualidades de suas almas, silenciando expressamente os seus defeitos, permiti que, para terminar, eu faça aqui o oposto.

Como filho do litoral, que tambem sou, posso falar á vontade sobre os nossos defeitos, contra os quais temos de lutar para sermos mais fieis ás virtudes morais de nossa alma de povo. Pois não vos aconselho a serdes fieis á toda a alma do vosso povo, e apenas ao que tenha de bom. A psicologia coletiva, como a de cada homem em particular, nos revela sempre um complexo de qualidades e defeitos. E o papel da educação, que os mestres nos dão ou que nós mesmos exercemos sobre nossas almas, é justamente corrigir os defeitos pelo cultivo das qualidades.

Quais são esses nossos defeitos, que eu chamaria "litoraneos"?

O primeiro deles é o "exotismo" ou "cosmopolitismo".

Estamos no portão da nossa casa. Em contáto com tudo o que nos chega de fóra e vendo o que se passa longe de nós. Assim sendo, sentimos a tentação natural de imitar o que fazem povos mais avançados, mais antigos ou mais fortes, esquecendo muitas vezes de olhar para dentro de casa, para o que realmente somos.

O exotismo, o mimetismo, a tendencia de absorver idéas esdruxulas, leis estranhas á nossa indole, doutrinas que não se coadunam com a nossa natureza profunda, — tudo isso fórma, a meu ver, o mais grave dos nossos defeitos de litoraneos e contra o qual tendes de reagir, meus amigos, se quizerdes ser brasileiros de coração e de intelligencia.

E' preciso não confundir aliás esse defeito, com a qualidade que nos comunica a nossa condição de filhos do litoral, em contáto com o grande mundo, e que é o trabalho de cultura, de arejamento de nossas idéas, de espirito sadiamente humano, que nós, litoraneos, trazemos á psicologia do nosso povo. O defeito que vos aponto é o avesso dessa qualidade.

Outro, consequencia aliás desse primeiro, pois todos se ligam numa cadeia de sequencias, é a **acessibilidade excessiva ás modas ideologicas**. Mudamos aqui de idéas, como quem muda de roupa. Somos inclinados de mais ás novidades de pensamentos e julgamos, muitas vezes, que as doutrinas valem pela data que trazem. Erro grave que nos leva, tantas vezes, a uma instabilidade de posição, que assombra ós homens, filhos de raças mais estaveis, e de tradição ideologica mais construída. E' outro defeito grave de nossa posição avançada, contra a qual tendes de reagir, em vós mesmos, meus jovens paraninfados, para que não sejais o joguete das modas literarias ou filosoficas, que variam com a ultima revista chegada da America do Norte ou com o livro mais recente de qualquer pensador europeu ou asiatico.

Ides agora começar a fásé mais perigosa da vida, sob esse ponto de vista, pois a curiosidade intelectual na mocidade nos leva a devorar tudo o que cáí sob os nossos olhos. E isso, somado á vossa psicología de litoraneos, exige de vossa argucia intelectual um duplo esforço de separar o joio do trigo, de modo a ilustrardes a vossa cultura, sem prejuizo do vosso carater, da vossa tradição brasileira, das vossas convicções católicas, que são o tesouro mais precioso que possuis, de vossa personalidade, emfim.

Outro defeito nosso, aqui no litoral, é o "urbanismo". Temos pouco contáto com a terra. Convivemos pouco com o homem do campo. Vivemos quasi sempre respirando o ar viciado e cosmopolita das grandes capitais.

Ora, as grandes capitais se são necessarias á vitalidade sobretudo intelectual de um grande povo, são tambem o caldo de cultura em que proliferam os germens mais perigosos para a infecção de nossa vida social. E é nas pequenas cidades e nos campos do interior que está o cerne da nacionalidade, é lá que palpita o coração da patria. Temos de combinar, em nós, a vitalidade de inteligencia e cultura que não são os grandes centros urbanos, com a força moral que no campo e nas cidades do interior melhor se conservam e estimulam. E nós litoraneos temos tendencia a sacrificar esta áquela, o caráter á cultura.

Podéria ainda prosseguir nesse estudo sumario da nossa psicología litoranea, a que deveis estar atentos, para vos defender contra os erros que contém e os defeitos que temos de corrigir.

O que ficou dito, entretanto, é suficiente para vos pôr de alcatéa contra certos movimentos de vossa inclinação defeituosa, que podieis confundir com as qualidades inátas a

cultivar em vossas almas e na fidelidade necessaria ao vosso povo.

São esses, disse-vos eu, dois deveres primordiais de vossa vida, nesta fase delicadissima que ides agora iniciar.

Depedi-vos agora da adolescencia e entrads na mocidade. O momento social que vos cerca é dos mais graves da história do mundo e de vossa terra. Atentai bem para elle e para a responsabilidade que vai pesar sobre vossos ombros, nessa mocidade que iniciaes, e que poderá ser para vós, uma idade de ouro, se souberdes ser moços, ou uma idade de trevas, se trairdes a vossa natureza sadia e cristã.

Saúde de corpo e de alma, é o que exige de vós uma mocidade que prepare em vós homens fortes, justos e uteis.

E para isso, o essencial é conservardes sempre o dominio dos vossos instintos pela vossa intelligencia e, acima de tudo, a fidelidade á vossa Fé.

Sem ella, tudo o que vos disse aqui são palavras vãs ou mesmo perigosas.

A cultura da "personalidade humana" que vos recomendei, sem a Fé, que nos liga a Deus, ao seu Cristo e á sua Igreja, — descamba fatalmente para o individualismo, para a egolatria, para o super-humanismo, que levam o mundo á anarquia, á opressão, á revolta incessante.

Por outro lado, um povo sem Fé, que queira cultivar a sua alma coletiva e portanto a affirmacão nacional do seu Estado e da sua Nação, — como tambem vos recomendei, — logo se inclina para o nacionalismo aggressivo, para o chauvinismo e para a guerra.

A Fé cristã, portanto, é a base de todas as virtudes de vossas almas e a condiçãõ fundamental de todos os conselhos que aqui vos deixa a minha amizade e a minha experiencia.

Aqui, nesta casa de D. Bosco, num ambiente de verdadeira familia cristã, recebestes por cinco anos a impregnação profunda do espirito da verdadeira educação. Ficai certos, meus jovens filhos espirituais, pois assim o são os afilhados, — ficai certos de que tudo o que aprenderdes durante a vossa mocidade, tudo o que as escolas, os livros, os homens e a vida vos ensinarem lá fóra, nada e nada valerá se não estiver substancialmente de acordo com aquillo que, em materia moral e religiosa, vossa alma recebeu sob este tecto amigo e puro, que por cinco anos abrigou a vossa inquieta adolescencia.

Conservai-o sempre em vossa coração, e tereis contra os males do mundo o vosso mais forte escudo.

Se fordes pois fieis á vossa Fé cristã, podereis então vos entregar ás duas tarefas que vos recomendei como penhor de vossa vitoria na vida: a afirmação de vossa personalidade e a fidelidade ao vosso povo.

E, para terminar, — da mesma fôrma que vos evoquei a principio varios exemplos ilustrativos, na historia moderna, dessa capacidade de renovação, dos homens e dos povos. varonis e corajosos, permiti que vos evóque, para concluir, o primeiro desses acontecimentos da história contemporanea, que vieram mostrar que são os homens fortes que governam a historia e os acontecimentos só conduzem os tibios e incapazes.

Eis aqui, portanto, mais um exemplo do que pôde a vontade de um "homem", apoiado na alma sadia e forte de um "povo", contra o que aos espiritos superficiais parecia a engrenagem fatal dos acontecimentos. Remontai de alguns anos o curso da historia. Era em 1920, ha treze anos portanto, quando ainda estaveis em vossa primeira infancia. A Revolução Russa parecia triunfante, tinha vencido a reação interna como tinha derrotado as tentativas de Koltchak, Denikine, Wrangel. E resolveu empreender a grande arranca-da sobre o ocidente. Era a repetição da invasão dos barbaros. Era a nova vaga mongolica que se jogava contra a Europa. As tropas vermelhas partiram das suas steppes selvagens e lançaram-se, como primeira e ótima presa de sua ferocidade e ambição selvagem, sobre a Polonia católica, rediviva de poucos anos atrás. Julgavam-se irresistiveis. E desciam, ávidos de destruição e de morte, como outróra as hostes brutais de Atila ou de Alarico.

Esqueciam-se, porém, os barbaros asiaticos, de que havia uma nação católica que não queria ser vencida. E que havia um general, tambem católico, que conhecia a força de resistencia da alma humana, ao determinismo cego das coisas.

E quando as hostes barbaras chegaram ás portas de Varsovia, já prelibando a vitoria facil e a presa abundante, — eis que a vontade inflexivel do general francês Weigand, comandando as tropas polonêsas, trava batalha com os barbaros, derrota-os em toda linha e repele, mais uma vez, para além do Vistula, os novos hunos que se jogavam, certos do triunfo, contra a civilização européa e, em grande parte ainda, cristã.

Foi essa batalha de Varsovia, em 1920, que defendeu a Europa e o mundo, da onda vermelha dos novos barbaros



Foi o primeiro dessa serie de acontecimentos que deram novo rumo á história moderna.

Mas os barbaros não dormem. Estão de alcatéa, á espreita da primeira fraqueza nossa, para de novo se jogarem e com mais furor ainda sobre nós.

Vossa geração começa a vida, num dos momentos supremos da historia. Tende bem em mente esses exemplos que vos citei. E guardai, bem fundo no vosso coração, a certeza de que o homem póde governar os acontecimentos, mas que só o fará se fôr fiel á alma do seu povo e, acima de tudo, á sua Fé cristã inabalavel, e por isso mesmo, invencivel.

# ACTO DE FE'

*A Tristão de Athayde*

Senhor, enfim meu coração deponho  
a vossos pés... Eu vol-o trago, enfim,  
não desolado, pávido, tristonho,  
mas integrado fortemente em mim.

E eu que, através de todo o humano sonho,  
alguma cousa mais buscando vim,  
em Vós agora, em vosso Amor, supponho  
ter encontrado o necessario fim.

Abri-me as portas d'ouro da Esperança;  
acolhei-me na paz da vossa Luz;  
pois, afinal, meu coração descansa,

Tão docemente como não suppús,  
na alegria serena, ingenua e mansa  
de pertencer, apenas, a Jesus.

Rio, em 1927.

**PASSOS CABRAL**

# CRONICA DE FILOSOFIA

## O PROBLEMA DA FILOSOFIA CRISTÃ

M. T. — L. PENIDO

A ORDEM se honra, hoje, em publicar pela primeira vez uma pagina do nosso patricio, o joven Abbé Penido, professor da Universidade de Fribourg, e cujo nome figura já entre as grandes figuras da moderna filosofia escolastica. Contamos manter esta secção filosofica, graças ao concurso que nos traz o joven e já filosofo brasileiro, que até hoje nada publicára em sua terra e a quem, pois, duplamente agradecemos estas primicias.

A 11 de Setembro ultimo, uns cincoenta filosofos vindos da França e da Belgica, da Italia e da Suissa, da Austria e da Inglaterra, reuniram-se em Juvisy, nos arredores de Paris, em locais banhados de luz, e onde se instalaram as "Editions du Cerf". Esses filosofos tinham sido convidados pela "Société Thomiste", — fundada ha uma dezena de anos pelo P. Pierre Mandonnet, O. P., o renovador dos estudos de historia do pensamento medieval, — cujo orgão, o "Bulletin Thomiste", é um repertorio bibliografico e critico indispensavel a quem quer que estude o tomismo e sua historia. Já no ano passado, tinha a "Société" convidado filosofos para estudarem juntos a "Fenomologia" (1); este ano, ela quiz concentrar o debate num' problema mais importante ainda: o da "Filosofia Cristã". Daí o numero e a qualidade daqueles que acudiram ao apêlo. Notavam-se particularmente, entre os eclesiasticos, além do Pe. Mandonnet, o Pe. Sertillanges, da Academia de Ciencias Morais e Politicas; Mons. Noel, presidente do Instituto Superior de Filosofia de Louvain; Mons. de Solages, reitor do Instituto Católico de Tolosa, Mons. Masnovo, da Universidade Católica de Milão; Dom Feuling, da Universidade de Salzburgo; entre os leigos: E. Gilson, professor do Cole-

---

(1) Tournées d'Études de la Société, I. La Phénoménologie, Juvisy. 1933.

gio de França; A. Forest, da Universidade de Poitiers; H. Gouhier da Universidade de Lille. O número dos leigos era particularmente animador. Pensávamos nas palavras de Albert Thibaudet, quando afirmava que o tomismo era uma filosofia própria tão só “à formação profissional do clero”. Ora, eis que, cada vez mais, jovens, formados nos Liceus e nas Universidades do Estado — em nada, por conseguinte, predestinados ao tomismo, vêm a Santo Tomaz, atraídos por seu alto genio e muitas vezes também — porque não dizer? — pela irradiação espiritual deste admirável tomista: Jacques Maritain.

Como deverá ser publicado integralmente o relatório dessa jornada de estudos, limitar-nos-emos a apresentar aqui apenas algumas notas gerais.

O trabalho foi dividido em duas sessões: a da manhã tinha por objecto o problema “historico” da filosofia cristã; a da tarde estudaria o problema “doutrinal”. Divisão muito judiciosa e que aliás se impunha.

Uma e outra sessão se abriam por um relatório lido, de manhã, por A. Forest, e, de tarde, pelo Pe. Mott, professor do Collegio Teologico de Saulchoir. Digamos imediatamente que esses relatórios foram muito longos. Os filósofos ali reunidos queriam trocar idéas e não ouvir leituras. Em tais circunstancias, um relatório deve ter por fim orientar a discussão, fornecer rapidamente um “status quoestionis”, nada mais. Tinha-se a impressão, em Juvisy, de que os relatores esqueciam um pouco que não tinham mais deante de si os alunos habituais, mas professores; de outra forma, não teriam repetido coisas que todo homem versado no assunto conhece bem. Assim, A. Forest nos lembrou, dum modo aliás interessante, o que os principais filósofos pensaram das relações entre a fé e a razão; mas duvidamos que a maior parte dos ouvintes tenha aprendido alguma coisa de novo, com esta exposição. Ajuntemos mesmo que em nossa humilde opinião o relator fez uma introdução historica ao problema “doutrinario” da filosofia cristã, antes que aquilo que dele se esperava: uma introdução ao problema “historico”. Com efeito, saber a opinião de tal ou tal pensador sobre as relações entre a fé e a razão é muito importante para a solução teorica ou doutrinaria do problema, mas em muito pouco importa para a solução historica. Suponhamos, de fato, que dez filósofos tenham condenado, como absurda, a “filosofia cristã”; se um undecimo chega a admitir essa filosofia, a historia tem de registrar a existencia duma filosofia cristã, qualquer que seja em suma o seu valor doutrinal. Suponde, ao contrario, que todos os filósofos

afirmam a possibilidade duma filosofia cristã; se nenhum deles procura realizá-la, o historiador é obrigado a constatar que de fato, ela inexistente, seja qual fôr a sua legitimidade teórica. O problema histórico é na realidade este: **pode-se verificar a existência, presente ou passada, duma filosofia derivante do cristianismo?** Pouco importa o que tal ou qual filósofo pensou sobre o acôrdo — ou o desacôrdo — da fé e da razão.

O problema, aliás, tinha sido muito bem proposto por E. Gilson. O sabio professor do Colegio de França tinha, ao curso de seus estudos sobre Santo Tomaz, S. Boaventura, S. Agostinho, falado correntemente de filosofia cristã. A Sorbôna devia reagir, porque a filosofia sorbônica, infiel ás suas origens, é ferozmente “laica”. E’ pena, digamo-lo de passagem, porque em França — como tambem alhures — reina a superstição da ciencia “oficial”. Basta, para que um homem exerça uma influencia consideravel, que ele possa meter em seus cartões de visita: “professor da Sorbôna”, seja elle embora — como aliás acontece — profundamente mediocre. Pois, em seguida a uma discussão na “Société Française de Philosophie”, E. Bréhier, professor da Sorbôna, afirmou doutralmente que não se pôde mais falar duma filosofia cristã, como duma matematica ou duma física cristã (1). Estabeleceu-se um debate tão vivo quão tumultuoso, no qual tomaram parte, entre muitos outros, E. Gilson, M. Blondel, R. Jolivet, G. Marcel, J. Maritain. Muito papel se enegreceu, mas sómente duas obras, crêmos, sobrenadam, a de Gilson e a de Maritain, tratando, a primeira, do problema histórico (2), a segunda, do problema doutrinário (3).

Convidado a dar as “Gifford Lectures”, na Universidade de Aberdeen, E. Gilson consagrou suas vinte lições a mostrar que o “Espírito da filosofia medieval” é o espirito mesmo da filosofia cristã. Admira-se aí uma prodigiosa erudição, aliada a uma clareza toda francêsa. Atacando os principais problemas que a filosofia agita, ele expoz em um possante escôrço o que eram esses problemas antes e depois da vinda do cristianismo. Assim se achava levantado o balanço da filosofia grega e o da filosofia patristica e medieval. As diferenças, os contrastes entre essas duas correntes de pensamento, entravam por todos os olhos. Com isto, era demonstrada, pela historia, a existência duma “filosofia cristã”.

(1) Y a-t-il une philosophie chétienne? (Revue de Métaphysique e de morale, avril — juin 1931).

(2) — L’Esprit de la philosophie médiévale. Paris, Juin, 1932.

(3) De la philosophie chrétienne. Paris, Desclée de Bronwer, 1933.

A demonstração é conduzida com incontestável mestria. Duas questões, contudo, ainda se levantam, que gostaríamos de vêr discutir em Juvisy. A espede de híato, que Gilson observa entre pensamento grego e pensamento cristão, é bem real; mas como, historicamente, se operou a passagem dum a outro? Gilson explica-o, dizendo que a fé levantou e fecundou a razão dos filósofos cristãos. Ele nos parece esquecer assim dois fatores importantes da evolução que estuda, a saber: o progresso racional, o papel da teologia.

Em Juvisy, o Pe. Mandonnet assinalava,\* justamente, a existencia em Santo Tomaz duma teoria muito clara sobre o progresso filosófico. A proposito exatamente dum problema capital para a filosofia cristã — o da criação — Santo Tomaz indica como os filósofos gregos chegaram pouco a pouco e como passo a passo, ao conhecimento da verdade. Ele esboça um quadro do progresso filosófico desde os pre-socráticos até Aristoteles. Desde então, porque supôr que depois dos gregos, a razão tenha sido como atingida pela impotencia, incapaz, por seus próprios meios, de avançar mesmo com o passo muito medido? Uma serie de diferenças entre filosofia antiga e filosofia medieval não se explicaria por um aprofundamento de noções que nos legaram os gregos? Quando Gilson, por exemplo, perguntava ao Pe. Mandonnet se Santo Tomaz chegaria a demonstrar a existencia de Deus no caso de não ter sido cristão, pensamos que o douto professor exagera um pouco, pois bastava a um genio como o de Aquino meditar em alguns textos de Platão e de Aristoteles para deles tirar as provas da existencia de Deus e da criação do mundo, sem para isso, precisar da “intervenção da fé”. Da mesma maneira Gilson repete sem descanso, que Santo Tomaz, filósofo, não se limitou a repetir Aristoteles; ele lhe ajuntou alguma coisa. Isto é certo. Mas assim como Platão tinha profundamente modificado o socratismo e Aristoteles tinha modificado não menos profundamente o platonismo — porque não teria Santo Tomaz simplesmente acrescentado Aristoteles, pois o grande filósofo que ele era, via claramente as imperfeições e deficiencias do aristotelismo?

Achamos, comtudo, que esta noção de progresso puramente racional não basta, apesar de tudo, para dar plenamente conta das diferenças que separam a filosofia grega, da filosofia medieval. Mas aqui intervem o segundo fator de que acima falamos. Perguntamos se a mudança de orientação, descrita por Gilson não foi operada por “teólogos” cristãos, antes que por “filósofos” cristãos. Além dos problemas que lhes são próprios, os teólogos tratam de questões que interes-

sam, no mais alto ponto, aos filósofos: Deus, a criação, o mal, a moral, etc.

Quanto a essas questões, se nos mostra que os gregos ou não as propuzeram, ou as propuzeram mal, ou mal as resolveram. Faltou, portanto, a luz da fé, para tirar o pensamento humano da ignorancia ou do erro. A' maravilha, e o Sr. Gilson teve razão de chamar a atenção para a contribuição da revelação cristã. Mas, enquanto eles nos mostra "filósofos" movendo-se no interior duma fé, nós nos perguntamos se não era melhor falar aqui de "teólogos". Seriam eles que teriam meditado sobre a fé, operado as emendas necessarias, os imprescindiveis alargamentos. Suas conclusões apresentam, compreende-se, um apreciavel interesse para os filósofos. Estes teriam refletido, não sobre dados da fé como quer Gilson, mas sobre certas conclusões dos teólogos enquanto elas propunham problemas a resolver pelas forças só da razão. A influencia do cristianismo sobre a filosofia teria, pois, sido muito real, mas ela se teria exercido através da teologia, e nós não teriamos mais uma filosofia movendo-se no interior duma fé, mas uma ação "extrinseca" da fé sobre a filosofia.

São questões que nos permitimos submeter á sagacidade dos historiadores.

Resta o problema "doutrinario", que é duma importancia primordial e interessa não sómente aos eruditos, mas a qualquer filosofo.

Com a propriedade e a felicidade de expressão que o caracterizam, Jacques Maritain poz a questão desde as primeiras frases do seu livro capital, "De la Philosophie Chrétienne": "Y a-t-il une philosophie chrétienne? Une philosophie chrétienne est elle même concevable? Les plus importantes questions spéculatives, celles qui concernent la valeur intellectuelle de la foi, sont engagés lá, et c'est aussi, pratiquement, de certaines attitudes spirituelles fondamentales que la philosophie doit décider. Car la façon dont un philosophe gouverne son existence et sa méditation, sera intierement différente, selon qu'il pensera que pour bien philosopher il doit isoler son travail philosophique de sa vie d'oraison (à supposer qu'il en ait une), ou au contraire les unir d'une façon organique et vitale, et tout en gardant á "l'opus rationis" sa parfaite rigueur et sa pureté spécifique, tendre á en faire, en sa propre activité personnelle, comme l'instrument de cette vie, et de la sagesse contemplative." Em termos que estarão talvez mais á mão do leitor não-espiritualista, nós estamos em face dum aspecto do multiforme problema do laicismo. A civilização moderna introduziu por toda parte um divorcio

entre a vida religiosa e as diversas atividades humanas. A bem dizer, este divorcio se faz sentir, em filosofia, desde antes da Renascença, com a crise averroista. Depois, ele se acentuou cada vez mais, podendo-se caracterizar o movimento da filosofia moderna como um conflito, cada vez mais agudo, entre a fé e a razão. Aqui, pois, como em todos os outros dominios, impõe-se ao cristão a luta contra o laicismo devastador. Isto seria, de resto, todo proveitoso para a filosofia. E' preciso acabar com o espantinho racionalista duma revelação inimiga da razão; a revelação é, na realidade, "fonte de razão"; a filosofia não pôde, portanto, senão ganhar a seu contacto. Para tomar apenas um exemplo, mas que é probante, tem-se muitas vezes verificado a falencia absoluta das diversas morais "laicas". Elas se evidenciam incapazes de fundar a obrigação; que ha de espantoso, pois elas se recusam a subir até Deus? Elas não podem ditar ao homem regras de conduta adaptadas á sua condição; que de espantoso ainda? O homem não é uma pura essencia, subsistindo num mundo ideal; na realidade concreta, ele é uma natureza ferida pelo pecado, mas resgatada, e cujo destino é sobrenatural. Se, pois, se quer regular a conduta do homem, é impossivel não levar em conta essas verdades — que só a fé atinge. Tambem, as morais "leigas" não podem adaptar-se ao homem tal como existe, mas pecam todas por excesso de pessimismo ou de ótimismo, de individualismo ou de coletivismo e assim por deante. De lá ainda vem seu carater incompleto. Aristoteles por exemplo, que escreveu tão belas coisas sobre a magnanimidade, ignora comtudo a virtude da humildade, sem a qual a magnanimidade não pode existir perfeitamente; ele não tem, em sua plenitude, a noção do pecado, etc. E Santo Tomaz nota que mesmo verdades accessiveis por si mesmas á intelligencia não iluminada pela fé lhe escapam contudo, pela fraqueza de nossa razão, a força dos preconceitos, a tirania da imaginação. E' porque, prossegue o grande doutor, convinha que mesmo essas verdades nos fossem reveladas por Deus, afim de que as pudessemos atingir de improviso e sem temor de erro.

Explorando essas indicações, e sobretudo fazendo apêlo a seu espirito, para quem o tomismo se tornou uma segunda natureza, Jacques Maritain propoz uma solução doutrinaria do problema, que nos parece a mais profunda de todas.

O autor parte desta distinção, muito esclarecedora, entre "a natureza da filosofia, ou o que ela é em si mesma, e o "estado" em que ela se acha de fato, historicamente, no sujeito humano, e que se relaciona com suas condições de existencia e de exercicio no concreto." A filosofia tem uma nature-



za toda racional, "ela não é dependente da fé cristã, nem no seu objeto, nem nos seus princípios, nem nos seus métodos." Santo Tomaz a chama: "perfectum opus rationis". Por conseguinte, collocando-se estritamente no ponto de vista das essências, pode-se dizer: não ha "filosofia cristã". Todavia, considerada como uma pura essência, a filosofia é uma abstração. Ela não existe em realidade, sendo em sujeitos humanos: os filosofos, e então as considerações de essência ou de "natureza" não bastam mais, é preciso levar em conta as condições de exercicio da filosofia, de seu estado no filosofo. Não é indiferente ao saber racional, que o sujeito em que ele se incarna seja pagão ou cristão. Pode-se, portanto, com este novo ponto de vista, falar de "filosofia cristã", ou mais exactamente, dum estado cristão da filosofia. De fato, o cristianismo agiu sobre o pensamento filosofico segundo duas ordens diferentes: 1º., ordem das contribuições objectivas: são noções ignoradas pelos filosofos antigos, ou mal vistas por eles, que o cristianismo põe em plena luz (v. g. criação, natureza, o sêr subsistente, o pecado, etc.); é tudo o que ganha a filosofia na vizinhança da teologia; 2º., ordem das confirmações subjectivas: a religião corrobora a razão natural; a fé e a teologia trazem "un renforcement et un affiniment subjectifs d'une importance capitale, á l'activité philosophique": elas a orientam, a intensificam, a purificam, destacando-a de si mesma, guardando-a contra muitas cegueiras e muitos erros.

Tudo isto nos parece a verdade mesma e apta a destruir pela raiz o feroz "laicismo" filosofico, que dissocia totalmente a actividade filosofica, da vida religiosa. A unica dificuldade que nos detem, e nos impede de dar a estas visões uma adesão incondicionada, é duma ordem inteiramente outra: a dificuldade de distinguir — senão no abstrato, ao menos no concreto — uma "filosofia cristã", assim definida, da teologia. Os trabalhos do Pe. Mandonnet tinham posto bem em fóco, como um dos grandes meritos de Santo Tomaz, a discriminação que ele fez entre os dominios da filosofia e da teologia, da razão e da fé, que apresentavam, com os augustinianos, fronteiras bastante indistintas. Está aí um ganho que é preciso não deixar perder. Ajuntemos imediatamente que nenhum partidario da filosofia cristã quer sofrer esta perda. Todos distinguem cuidadosamente entre filosofia e teologia, mas nós nos perguntamos se, na prática, não se desfazem um pouco as distinções que a nós mesmos haviamos imposto no abstrato. Qual o sinal por que se reconhecerá que estamos em presença dum trabalho de filosofia cristã e não dum estudo de teologia cristã. Esta questão não se pode propor, per-

míta-se a afirmação, senão em certos casos particulares. Não virá a idéa a ninguém, por exemplo, de perguntar se um tratado de logica formal é uma obra teológica, ou se um tratado "de Deo Trino" é uma obra filosofica. Mas a duvida poderá subsistir logo que se tratar de assuntos comuns ás duas ciências. Ajuntemos ainda que esta duvida não pode ser senão de ordem prática, pois que teoricamente se distingue, com uma nitidez perfeita, teologia e filosofia. Perguntamos simplesmente se, na ordem das realizações, subsistirá outra coisa que diferenças accidentais entre certos estudos de "filosofos cristãos" e certos outros, escritos por teólogos. O exemplo mesmo do Sr. Maritain mostra que esta duvida pode ser fundada. Todos os leitores de "Distinguir pour unir ou Les degrés du savoir", terão notado os ultimos capitulos, consagrados á mística. E' muito pouco dizer que eles são belos: atingem o sublime. O esplendor do acento não cede nada á profundeza abismal do pensamento. Mas lá está ainda filosofia? Muitos leitores viram ali teologia; por nossa conta não hesitaremos em dizer que é mais que teologia: uma expressão de sabedoria mística.

O proprio autor, contudo, nos dá esses capitulos como um exemplo tipico de "filosofia" cristã! Igualmente, pode-se perguntar se o que J. Maritain chama "filosofia moral adequadamente tomada" se distingue — de outra forma que por diferenças accidentais — da teologia moral cristã. Nessas condições, não conviria dizer, antes, que o filosofo propõe certas questões, mas não pode responder-lhes, apaixona-se por certos problemas, mas não dispõe dos elementos necessarios para resolvê-los e que, se quer prosseguir nas reflexões, deve fazer-se teologo? Não renuñciar ao que ele era, mas aperfeiçoar-se ele propria seguindo uma luz mais alta. Far-se-ia reviver assim uma tradição medieval: nesses felizes tempos, os grandes filosofos eram todos grandes teólogos. Eles achavam que não era demais a conjugação das luzes da filosofia e da teologia para esclarecer certas questões supremas.

Eis um ponto sobre o qual, parece-nos, um esforço mais intenso é necessario, afim de que a verdade apareça em sua plenitude. Mas já é muito que os debates recentes, graça sobretudo a Gilson e a Maritain, nos tenham permitido tal pulo á frente. O sistema dos "compartimentos estanques" parece caduco, e nossos filosofos não temerão mais fazer beneficiar suas especulações, com o socôrro indefectivel da Revelação divina. E' um grande progresso que merecia ser assinalado.

# LETRAS CATHOLICAS

VINICIUS DE MORAES. —  
O CAMINHO PARA A DISTANCIA  
— Schmidt, 1933.

## JONATHAS SERRANO

Livro de estréa. Quem o declara é o proprio poeta: "Este livro é o meu primeiro livro." E logo nos confessa o que poderíamos, aliás, em boa análise subentender: "Desnecessario dizer aqui o que elle significa para mim como coisa minha." E, prevendo talvez as objecções dos censores exigentes (— Por que não supprimir tal e tal página? Por que mesclou aos rithmos livres e modernos alguns sonetos?) — o autor affirma que seu livro é "um todo commum indivisivel" no qual os varios poemas estão "intimamente ligados num só movimento, vivendo e pulsando juntos, isolando-se no rithmo e prolongando-se na continuidade."

Como que reclama dos criticos a apreciação de conjunto, e nada ou pouco se lhe afigura a simples consideração desta ou daquella composição. O volume é, por assim dizer, no pensamento de seu autor, um organismo vivo, de partes interdependentes, ou, melhor ainda, talvez, uma longa phrase, cujo sentido exacto exige a exacta comprehensão de todas e cada uma das palavras, "sem que nada possa contar em separado". Aspeamos a propria clausula do prefacio, deixando ao poeta a inteira responsabilidade do fundo e da fôrma, esta provavelmente condemnada pelos puristas irreductiveis, ao sentirem o odor francez daquelle "contar". Mas o sr. Vinicius de Moraes poderia replicar que o mau ou bom exemplo vem da Academia, com o Sr. Afranio Peixoto pelo menos.

Na verdade prefiro suppor que o poeta nem cogite de gallicismos, nem dos maniacos da vernaculidade jansevista e, todo empolgado pela força irresistivel da emoção inspiradora, revela-nos o seu mundo interior, de cláridades e sombras, revoltas e sacrificios, purificações e recahidas, desanimos e esperanças, numa jornada aspera e longa, não em leguas de espa-

ço, mas pela intensidade de seus momentos, á procura do Caminho, até a Suprema Distancia, onde resoa a Grande Voz.

Livro de estréa. Documento psychologico. Symptoma dos mais significativos de um estado de alma, não apenas individual, mas de uma geração surgente.

Documento psychologico: "Eu o dou tal como o fiz, com todos os arranhões que lhe notei na fixação inicial, virgem de remodelações, na mesma selva em que sempre viveu."

Ainda bem. Descontada mesma certa dose inevitavel de preocupação literaria (— os criticos, assim como os confesores, não têm o direito de ser ingenuos —), o que fica é quasi tudo e é precioso para um exame.

A modestia (ou a prudencia) do poeta levou-o a dizer do seu proprio livro: "Seus defeitos de idéa são os meus defeitos de formação. Seus defeitos de construcção são os meus defeitos de realizador." Em parte, sem duvida. O autor é ainda muito moço e os milagres são excepções e em outros planos. Ha, todavia, nas incoherencias, nos illogismos, nos erros mesmos do livro o reflexo dos erros, dos illogismos, das incoherencias da propria alma humana e particularmente neste momento da historia do mundo.

A época da "libido" insidiosa e mais temivel, ainda sob apparencias scientificas de irresistibilidade; a época da seminudez pseudo-esthetica e ainda mais provocante que a desnudez total, já quasi attingida e propugnada em nome da Hygiene, da Eugenia, da Educação Physica (— quantos pseudonymos para uma realidade que não se confessa!); a época do bolchevismo, do culto de Lénine, da exacerbação das doutrinas marxistas, e em que até espiritos superiores appellam para Nietzsche, — é tambem, graças a Deus, a época do reflorir cada vez mais admiravel do espiritualismo christão, a época do neo-thomismo dominador das mais cultas intelligencias, a época de um renascimento social catholico extraordinario e a que os jovens de ambos os sexos estão, de dia para dia, trazendo um contingente promissor de magnificos resultados.

Epoca de contradicções. Dias paradoxalmente formosos e tristes. No individuo, como na sociedade. o entrechocar-se das mais oppostas forças do espirito e da carne, em todos os seus appetites.

Essa tortura da carne, essa tristeza da "libido", os vinte annos do poeta a revelam em sua sinceridade commovente:

Na treva que se fez em torno a mim  
 Eu vi a carne,  
 Eu senti a carne que me aŕogava o peito  
 E me trazia á boca o beijo maldito.

E, após o instante de illusão, a tristeza e o vazio:

As horas longas passaram...  
 O pavor da morte me possuía...  
 No vazio interior ouvi gritos lugubres  
 Mas a boca beijada não respondeu aos gritos.

Seria preciso transcrever todo o poema "Ansia" (pag. 29 a 32) para dar a impressão total do que é essa tristeza da posse. E, sem ter perdido de todo a fé, o peccador medita:

"Nada mais existe para mim,  
 Só talvez tu, Senhor."

Já no fim do volume (pag. 145) na poesia "A Grande Voz", a revolta do espirito contra a tyrannia dos sentidos resôa devéras eloquente:

"E' terrível, Senhor! Só a voz do prazer cresce nos ares.  
 Nem mais um gemido de dôr, nem mais um clamor de heroismo  
 Só a miseria da carne, e o mundo se desfazendo na lama da carne

E mais adiante:

"Senhor: Tudo é blasphemia e tudo é lodo

Este pessimismo apparente não impede que o sentido geral do livro seja de esperança. E a guerra a que o poeta concita os fortes, e a luta que depreca ao Jehovah, senhor dos exercitos, é evidentemente a resistencia do Espirito á invasão da Materia, o prélio sagrado contra a segunda Sodoma.

O que sobretudo surprehende neste volume de um moço de vinte annos e pouco —, um adolescente de hontem, ou ante-hontem, é a elevação espiritual, a subtileza de analyse e o tom de sinceridade sem artificios visiveis de muitos de seus poemas.

Nem ha preconceito absoluto de escolas. O livro inclue sonetos (pgs. 27-28, 117-118, 137-138), uma romanza de rithmo suave e de encanto peculiar na ausencia de rimas regulares, decasyllabos brancos, á maneira romantica de Garrett ou Varella ("a Floresta"), ao lado de poemas bem modernos, sem rima e de rithmos livres. Sem desconhecer o merito relativo de algumas das poesias classificadas nos veinos typos dos antigos tratados de versificação, confessarei que me agradaram no volume de preferencia os poemas de feitura moderna. Sou insuspeito para dizel-o...

Gostaria que houvesse no livro um pouco da alegria pura, sadia, eminentemente christã, — la escrever "franciscana", a maneira do "Poverello". O que predomina é um tom de ansia, ou inquietação, ou revolta. Mas é o proprio estado actual do mundo, pensará comsigo o leitor. Já o reconneci, unhas atrás: "symptoma de um estado de aima, nao apenas individual, mas de uma geração que surge."

Esta inquietação, aliás, mesmo se a supusermos exagerada literariamente, não tem a ridiculez piegas das tristezas romanticas á Lamartine.

E o poeta, no seu "Caminno para a Distancia", tem não rara inspiração de belleza biblica.

**" Eu vi o caminho que ninguem via  
O caminho que só o homem de Deus pressente na terra**

Ou ainda:

**"a aima que é da Verdade é como a raiz que é da terra."**

**"... o que subsiste é o forte que luta  
O fraco que foge é a lama que corre do monte para o vaile.**

A's vezes dir-se-ia a traducção de algum psalmo (pag. 37, por exemplo, "Purificação").

Outras é de uma desordem propositada e de um desprezo ultra-moderno por todas as convenções. Tal a pagina intima — "Vinte Annos" —, que evoca, em visões da adolescencia, as leituras fascinantes, Tartarin, Julio Verne, Pickwick, os Tres Mosqueteiros, D. Quixote, Jean Valjean. Nesta lista, que assim em prosa é intoleravel, no rithmo de emoção da saudade do poeta faz esquecer o prosaismo dos nomes proprios.

O poeta é ainda tão moço que tem a illusão de já possuir a experiencia total.

**"Será que eu cheguei ao fim de todos os caminhos  
E só resta a possibilidade de permanecer?"**

Nem admira que não comprehenda bem o que é a velhice, e imagine os velhos todos experientes, olhando as coisas através de uma philosophia sensata e "lendo os classicos com a affeição que a minha mocidade não permite".

Tambem não comprehendo que admitta a hypothese dessa velhice sensata, ("e sem Deus"!) e egoista, e inutil, como o caso normal!

No decorrer do volume succedem-se, alternando-se, os temas de tom ora simples, ingenuo, ora de profundeza philosophica, em verdade notavel num livro de estreante. Nem se deve suppor que me refiro a pedantescas e ridiculas dissertações ou demonstraões, incompativels com a sinceridade que transparece nestas paginas, quasi todas de um subjectivismo aos mais finos, revelador de um poder de introspecção realmente invulgar.

As qualidades patentes neste volume são tão dignas de attenção que preferimos sublinhal-as a estar, aqui e alli, esmerilhando senões, ou até erros, que o proprio poeta saberá ir corrigindo, á medida que fôr vencendo o seu caminho para essa Distancia, que é um ideal de Verdade, de Bondade e de Belleza a que aspiram todas as grandes almas.

## SECÇÃO UNIVERSITARIA

### A' MARGEM DE UM DISCURSO (\*)

**ALVARO MILANEZ**

alumno da Escola Polytechnica.

“En face de cette union toute puissante de la Religion et de la Science doivent enfin disparaitre tous les genres d'hypocrisies avec la pernicieuse engeance des charlatans.”

**Damoiseau.**

Francamente, tristeza e compaixão foi o que senti ao ler o discurso que o Sr. José Decusati, em nome de sua turma, pronunciou ao despedir-se, este anno, da nossa secular Faculdade de Medicina.

Sem uma directriz segura, á qual poderia ter dado um longo e salutar desenvolvimento, nada mais fez elle do que repetir uma serie de sandices e de velhos preconceitos, sem nexos de forma alguma.

Ora ridicularizando o glorioso exercito nacional, ora achincalhando o Clero e a “velha theologia”, ora glorificando os mais chatos preconceitos materialistas, elle compraz-se em deificar uma “demi-science”, que está longe, muito longe de satisfazer integralmente as mais altas aspirações do espirito humano.

Assim, vejamos alguns topicos.

---

(\*) Devido ao accumulo de materia, só neste numero “A Ordem” consegue publicar este artigo, escripto em fins do anno passado.



Logo no começo disse elle: "Já traziamos da escola todos os defeitos que uma educação errada, clericalisada e mal dirigida grava nas crianças".

Pergunto eu onde esteve o clericalismo da nossa educação infantil?

Aquelle tão mal interpretado decreto getuliano sobre o ensino religioso só foi assignado ha menos de dois annos, e creio que nessa data o sr. José Decusati já não era mais alumno de escola primaria.

Passando com rapidez para outro assumpto, o jovem discipulo de Hypocrates disse, que "extinguiu-se o mytho de que a medicina seja um sacerdocio".

Pobre medico! E mais pobres ainda os seus clientes, que por elle serão tratados sem o minimo sentimento de caridade, virtude indispensavel aos que pretendem arcar com a grande e terrivel responsabilidade de dirigir a vida de seu semelhante.

O Sr. Decusati, que não quer ser Sacerdote, como o são os professores, e, em geral, todos aquelles que envidam os seus esforços para o maior bem estar moral e intellectual da humanidade, deveria ao menos ouvir o celebre conselho de Rogerio Bacon: "Medicina in philosophia non fundata res infirma est".

Com effeito, a medicina sendo, naturalmente, tão fallaz (1) ("Medicina tota in observationibus,") maiores serão os padecimentos do doente, se o medico, transformado em simples machina, como o quer o Sr. Decusati, não possuir os indispensaveis elementos psychologicos e moraes.

Continuemos.

Mais adeante affirma: "Ainda hoje os espiritualistas tentam o renascimento das velhas crenças da idade media, numa luta declarada contra as conquistas definitivas das sciencias".

Nada de novo no "front", isto é, sempre as mesmas objecções contra o famoso obscurantismo da media idade.

Quaes são as velhas crenças, Sr. Decusati?

A crença em Deus?

Mas esta "velha crença" não é da idade media, já antes della havia theologos, como nol-o mostra a Historia.

Quanto aos pretensos conflictos entre a Religião revelada e a Sciencia Medica, declaro que não estou aqui para dissertar

---

(1) Nunca hei de esquecer-me destas palavras de meu grande mestre, o eminente e illustre professor Ignacio Manoel Azevedo do Amaral: "Precavenham-se contra os medicos, meninos. Pois, si aqui na Mathematica, sciencia que Augusto Comte classificou como a mais facil, encontramos tão sérias difficuldades, o que diremos, então, lá em cima, no vastissimo e mysterioso campo da Biologia?"

sobre Fé e Razão, assumpto palpitante, sem duvida, mas que, por varias vezes, já tem sido esclarecido, sem que o saiba o Sr. Decusati.

Procure ler, por exemplo, o bello livro, "Science et Foi", (2) do Doutor Damoiseau, antigo presidente da Sociedade Medica do Orne.

Já não quero mesmo citar sabios (talvez mais cultos que o Sr. Decusati...) que têm sido verdadeiros crentes, e que não sentem nisso o menor traço de incompatibilidade. Seria uma longa lista de citações solemnes. O Sr. Decusati conhece-os muito bem, mesmo entre os seus antigos mestres da Faculdade.

Mais adeante disse: "As pacientes investigações paleontologicas demonstram insophismavelmente, com a descoberta de fosseis, a continuidade do homem na serie zoologica".

Seria devéras engraçado reviver aqui Darwin, Spencer e o ridiculo "Bathibius Hoeckelii".

Perfeitamente, Sr. Decusati; o homem vem do macaco, este de um animal mais inferior, e assim por deante até uma primitiva cellula, origem de todo o organismo vivo.

E esta cellula como appareceu ?

Gerou-se espontaneamente ?

Isto faz-me lembrar a historia da gallinha e o ovo. Qual dos dois nasceu primeiro ?

Creio que nem é mais preciso insistir; seria ridiculo.

Continuando, disse ainda, que "o seu cansavel esforço dos physiologistas e anatomo-pathologistas resolvendo, com a constatação das localisações cerebraes, o problema funcional do cerebro, veio anniquilar a velha theologia".

Oh ! Mas então por que já não se fecharam as Universidades, onde ainda hoje se estuda a velha Theologia ?

Além disso, o que tem a ver uma coisa com a outra ?

Mas não adeanta muito discutir; o Sr. Decusati é materialista, e, assim sendo, está convencido de que o pensamento humano nada mais é do que simples producto material do cerebro, assim como a bilis o é do figado.

Felizmente, porém, como nem todos os homens são da mesma opinião, poderei citar o pensamento de algum outro escriptor.

Por exemplo, já que estamos falando de Sciencia e Theologia, vejamos o seguinte:

---

(2) Science et Foi. Etudes par le Dr. Damoiseau. Bailliére, Editeur. Paris, 1873.

“Je suis convaincu, que l'âme a de rapports plus intimes d'union avec Dieu qu'avec les corps, et qu'elle n'a pas été uniquement ni absolument destinée à étudier ou à connaître plutôt les états et les propriétés extérieures des corps, qu'à se connaître elle-même, et par là à connaître l'auteur de l'univers.”

E sabe quem escreveu isto, Sr. Decusati ?

Não pense que foi algum “padreco atrasado” da idade média.

Foi simplesmente o grande Leibnitz. (3)

E sabe quem foi Leibnitz? Si não sabe, procure conhecê-lo.

Vejamos esta outra citação: “Et déjà il me semble que je découvre un chemin qui nous conduira de la contemplation du vrai Dieu, dans lequel tous les trésors de la science et de la sagesse sont renfermés, à la connaissance des autres choses de l'univers,,.

Teria sido outro “monge retrogrado”, ou algum velho theologo quem escreveu isto ?

Não. Foi o admiravel Descartes em sua quarta Meditação.

Finalmente, depois de tudo isso, o jovem esculapio passa á Questão Social, cuja solução é por elle encontrada, implicitamente, através de suas palavras, num communismo inadaptavel em qualquer meio, como nol-o mostra a propria experiencia.

O mais interessante, porém, foi quando elle disse, que “os grandes proprietarios da terra precisam manter os miseros trabalhadores na mais santa ignorancia, e sob a influencia nefasta dos padres, para conserval-os no regimen da exploração, etc.”

Si eu ouvisse esta baboseira de um analphabeto, ou de algum proletario russo, não diria nada. Mas do Sr. José Decusati, homem civilizado, que, depois de ter tirado uns doze ou mais preparatorios, ainda cursou seis annos de Faculdade ! E' demais ! Ou, por outra, é a prova cabal de um sectarismo injusto e injustificavel..

Qual é a influencia nefasta, Sr. Decusati ?

Talvez baptisar, dizer missas, celebrar casamentos, dar bons conselhos e, ainda, espalhar a instrucção ? Será tudo isso pernicioso ao desgraçado proletario ?

Meu Deus ! Quanta calamidade !

Mas felizmente, toda esta geração morbida, remanescente de uma ainda muito peor, já está passando. E a prova disto é

---

(3) Oeuvres de Stahi. Trad. Blondin, t. VI, p. 67.

uma visível diffusão do Catholicismo entre as classes universitarias.

Ainda ha poucos dias, o Sr. Emilio Abdon Povoá (cujo nome tomo a liberdade de claramente citar), muito digno Presidente do Directorio Acadêmico da Faculdade de Medicina, dizia na séde da Acção Universitaria Catholica: "E' a falta de Religião que produz esta anarchia moral e intellectual da mocidade. Certos estudantes dizem-se atheus ou communistas, porque é moda, é chic."

Emfim, creio que já estou alongando-me demasiado. Antes de terminar, porém, quero ainda fazer apenas duas citações, a ver se consigo neutralisar a grande "theophobia" do Sr. Decusati.

Por exemplo, Emilio Littré dizia que "en dépit de quelques apparences, la science positive n'accepte pas l'athéisme. La conséquence directe de l'athéisme est la morale de l'intérêt personnel" (4)

Por sua vez, M. Seux fils affirmou, que "l'idée de Dieu est absolument nécessaire, inévitablement liée à celle de la science, et que la science n'est possible qu'avec Dieu." (5)

Isto é evidente: por maiores que sejam os esforços da Chimica Biologica, jámais poderá ella fazer a synthese de um elemento vivo. E esta incompetencia, ou melhor, impossibilidade absoluta, é que leva o sabio, o physiologista, á idéa de um Ser Supremo, o creador do Universo — Deus (6)

Finalmente, de tudo isso apenas lamento, com sinceridade, que um moço intelligente, como o supponho, fosse capaz de, actualmente, em plena Capital da Republica, fazer um discurso tal, num momento em que o resurgimento da Philosophia Escolastica, e a volta da Sociedade Moderna ao espiritalismo e ao seio do Catholicismo são factos visiveis, reaes e inevitaveis. Deus o converta.

---

(4) Apud Damoiseau in op. cit. p. 318.

---

(5) "Du Positivisme dans la Science" par le Dr. Seux fils, professeur à l'Ecole de Médecine de Marseille, 1872.

---

(6) Não se discutem os meios por que Elle fez a genese do Cosmos.

## REGISTRO

O CENTRO D. VITAL EM JUIZ DE FÓRA (Mais um nucleo vitalista. Cabe desta vez a Juiz de Fóra) a honra de iniciar, em seu centro, a obra que vamos pouco a pouco estendendo por todo o Brasil e que vai lentamente trazendo a inteligencia brasileira á compreensão de suas raizes cristãs. (Ao professor Henrique Hargreaves, figura central da Ação Católica em Juiz de Fóra, cabem os primeiros labores nessa obra.) Ha um ano que trabalha, sem cessar, por esse ideal. E acaba de levá-lo avante, com um grupo da elite do catolicismo da grande cidade mineira, onde certamente o Centro D. Vital terá uma expansão á altura da qualidade de sua população, do futuro dessa cidade que é a guarda dos desfiladeiros da montanha mineira.

Publicamos em seguida o discurso do prof. Hargreaves, na sua posse de Presidente e a lista de diretoria e socios fundadores do Centro.

### DIRETORIA

Presidente: H. J. Hargreaves.

Vice-Presidente: João Resende Ribeiro de Oliveira.

1º Secretario: Prof. José Boaretto.

2º Secretario: Arthur Vieira.

Tesoureiro: Miguel Augusto de Castro.

Bibliotecario: José Coimbra Freire.

---

Assistente Espiritual: Padre Adriano Wiegant, C. SS. R.

### SOCIOS EFETIVOS

Dr. Aprigio Ribeiro de Oliveira Junior.

Dr. João Resende Ribeiro de Oliveira.

Dr. João Ribeiro Villaça.  
 Dr. Luiz Gonzaga Ribeiro de Oliveira.  
 Major Marius Teixeira Netto.  
 Dr. João Pereira da Rocha Lagôa.  
 Dr. Carlos de Castro Teixeira.  
 Dr. Raul Nascimento.  
 José Coimbra Freire.  
 Prof. Francisco de Aquino.  
 Prof. José Boaretto.  
 Arthur Vieira.  
 Luiz Ribeiro de Oliveira.  
 José de Aquino Barros.  
 Eduardo de A. Barbosa.  
 Tte. Frederico A. Ferreira Fassheber.  
 Miguel A. Ahouagi.  
 Miguel Augusto de Castro.  
 H. J. Hargreaves.

\* \* \*

Discurso do prof. Henrique Hargreaves, presidente do Centro D. Vital, de Juiz de Fôra, na sessão de inauguração do Centro:

1 — Uma sociedade se **define** pelos seus fins — se **valoriza** pelas suas realizações — se **impõe** pela sua necessidade ambiente.

Eis, em síntese, como apreciaremos, em rápidos minutos, o alto sentido da fundação do Centro D. Vital, em Juiz de Fôra. Esses tres aspétos distintos do mesmo fáto nos demonstrarão a nimio que a Ação Católica Mineira e, muito especialmente, a juiz de forana — marcam, nesta noite, uma data definitiva de sua vida, já tão fecunda em promessas, quão fertil será, muito breve, em realizações.

\* \* \*

2 — Uma sociedade se **define** pelos seus fins. Quero dizer, só podemos concluir da nobreza, da rétidão, da sublimidade dum gremio social qualquer, quando os seus fins se nos apresentam nitidos, claros, explícitos, evidentes. Pois, é regra logica rudimentar, as definições têm por fim permitir encaixar um conceito noutro conceito, bem delimitados, bem trabalhados sua clareza e discriminação de conteúdo — unico meio de co-

nhecemos da conveniencia ou desconveniencia de sua identificação, de sua coexistencia na unidade dum juizo. Assim sendo, toda e qualquer afirmação sobre a natureza do Centro D. Vital de Juiz de Fóra, antes do desnudamento de suas linhas estruturais, de seus fins formais — é precipitado, é temerario, é vão. E, como o que desejamos é que o Centro seja bem aceito, bem prestigiado e bem amparado pelo catolicismo local, cujos naipes mais representativos se encontram presentes, neste recinto, resolvemos, antes do mais, defini-lo. Ora, o Centro D. Vital é uma sociedade que se propõe como fim principal — sanear a mentalidade católica de todos os seus vicios de origem, retificando-lhe os desvios, bem como procurando formar uma elite intelectual católica. Não escapa a qualquer que acompanhe o movimento social da hora presente — que o magno problema é nitidar conceitos — explicar idéas — como unico meio de definir posições. — De positivar atitudes — de optar. A confusão em que tateia a consciencia humana, neste momento, é de molde a justificar a afirmação constante e algo paradoxal dos grandes pensadores católicos — de que vivemos a “hora de Deus”. A disponibilidade está decretada ampla e francamente. Compéte ao trabalho, á ação social, decidir do futuro: — quem mais se esforçar, mais cōseguirá. Daí a grande importancia da formação de elites, da obra de verdadeira e indefectivel profilaxia mental católica. O espirito adére á verdade, como ao seu elemento essencial de vida: — precisa, porém, conhece-la a nú, limpida, clara, como a simplicidade de ambos. E é só no labor dos estudos superiores, como coroa dos conhecimentos rudimentares do catecismo e das Escrituras — vitalizado esse labor pela graça, o oxigenio da alma — que poderemos atingir á contemplação da verdade. Fruto desse modo de pensar — é a organização do Centro D. Vital — que, se interessando por todos os católicos, mais amplamente, por todos os cidadãos de boa vontade — pedindo a sua adesão — solicitando o seu apoio — os recebe e colóca, entretanto, em tres circulos concentricos de raios de obrigações mais ou menos extensos: — circulo dos socios efetivos — dos assistentes e dos Protetores. — O dos efetivos limitado a vinte — o dos assistentes e dos Protetores ilimitado. Em resumo temos, por consequente, que a nóta carateristica da definição do Centro D. Vital, pelos seus fins é esta:

Promover, por todos os meios légitimos, a formação duma elite intelectual católica, de principios, não apenas, cerebrisa-dos, quer dizer, especulativos, seres de razão, — mas, essencialmente, vividos. Como complemento dessa definição, cum-

pre-me gizar bem que, no Centro D. Vital ha logar para todo e qualquer homem de boa vontade — simpatizante, apenas, até com a A. S. C.

\* \* \*

3 — Uma sociedade se valoriza pelas suas realizações. Com isto, queremos dizer que, uma vez viva uma associação qualquer — como acontece com o C. D. V. que já existe ha 12 anos mais ou menos — para emitir nosso juizo sobre seu valor, devemos indagar do que tem essa sociedade realizado, o que ela tem feito, como tem se desempenhado dos seus fins. Ora, neste particular o Centro D. Vital, no Brasil, goza do mais completo fastigio, entre os gremios que mais o possam desfrutar — bastando, para isso, citar o que todos conhecemos — e que, com rara felicidade, o Dr. Paulo Figueira de Mello — Presidente do circulo de Estudos S. Norberto, de Petropolis — tanto fez realçar, ainda ha dias, em discurso de cumprimento ao Centro D. Vital do Rio de Janeiro:

“Fizestes surgir a “Ordem”, revista excellente que satisfaz a intellectualidade dos mais exigentes e tem se mantido com todos os sacrificios, de que são capazes os que alimentam um ideal superior.

Fundastes a “Acção Universitaria Catholica”, onde conseguistes inflamar o zelo de tantos jovens de nossas escolas superiores contra as doutrinas novas, que tantas vezes apaixonam as almas moças, mas que assimilladas sem meditação e estudo prudente, só servem para coñrômper, dissolver e destruir.

Iniciastes a Confederação Nacional de Operarios Catholicos para promover tanto o seu progresso material quanto o espiritual, orientando-os e instruindo-os afim de que os nossos trabalhadores se capacitem poder melhorar de sorte e paulatinamente fazer reinar a justiça social, que é corollario do christianismo, sem recorrer a cataclismas violentos, de que serão as primeiras victimas nas suas consciencias de catholicos, ameaçados por uma nova tyrannia material e moral, immolando a liberdade espiritual tão penosamente conquistada.

Creastes o Instituto Catholico de Estudos Superiores, cujas cathedras foram confiadas a expoentes da intellectualidade catholica brasileira, que o elevarão á altura do Instituto Catholico de Paris, fundado pelo grande Mgr. Baudrillart.

Organisastes a Confederação da Imprensa Catholica, destinada a supprir a falta da “Boa Imprensa”, de tão saudosa memoria e assignalados serviços.



Lançastes a Associação das Bibliothecas Catholicas, prompta a auxiliar as pequenas instituições com livros e orientação adequada, afim de facilitar a leitura aos que desejem ler sem se verem ameaçados de perversão.

Espalhastes, emfim, por todo o Brasil a Liga Eleitoral Catholica destinada a orientar politicamente os catholicos na escolha de partidos e candidatos merecedores de seu suffragio, para evitar que seja favorecido com votos de consciencia quem não póde merecer tamanha prova de confiança e lealdade."

Efetivamente, si balancearmos tudo o que, em materia de Ação Católica se fez e se tem feito no nosso País — não encontraremos cousa alguma que comparar se póssa — com este ativo extraordinario, só explicavel, em função de dinamismo milagroso de nossos colégas do Rio de Janeiro, superiormente orientados por esse "colosso-legenda" como diria V. Hugo — que é D. Leme — transparecendo tudo a eficiencia iniludivel das benções de Deus.



4 — Uma sociedade se impõe pela necessidade ambiente. Relanceando nossos olhos pelo que existe, propriamente, de ação católica, em Minas — cōusa, absoluta e especificamente, distinta da ação dos católicos, como os átos humanos se distinguem dos átos do homem — quero crer que, sem dificuldade concluiremos estar quasi tudo por fazer... E, como trato agora de demonstrar que o Centro D. Vital é uma reclamação ambiente — tomarei esta palavra no seu sentido mais restrito, isto é, referindo-me a Juiz de Fóra. Pois, o que nos interessa é deixar patente, ser inadiavel a fundação do Centro aqui, consultada a economia interna e interior da Ação Católica. De fáto:

1º) Quando pensamos que existe em Juiz de Fóra, uma população aproximada de 70.000 almas, cujos 2|3 seguramente, se dizem católicos;

2º) Quando pensamos que, nestes 2|3 encontramos 54 medicos; 32 advogados; 49 dentistas; 42 engenheiros; 26 farmaceuticos; 532 professores; (1)

3º) Quando pensamos que nestes encontramos uma popu-

---

(1) Só contribuintes — e para receber pelas Repartições fóra os egressos.

lação escolar primaria, secundaria e superior calculada em mais de 12.000 estudantes;

4º) Quando pensamos que, em Juiz de Fóra, existem para mais de 20 nucleos entre gremios literarios e associações de cultura superior;

5º) Quando pensamos que toda esta esplendida vida intellectual — todo esse magnifico panorama cultural de Juiz de Fóra se desdobra, á revelia de qualquer informação cultural católica — religiosa superior — quero crer que não será difficil concluir do que, necessaria e inevitavelmente, tem que se dar, isto é, um desequilibrio, uma desagregação, um afrouxamento da sintese, do criterio interior de nossa vida espiritual — traduzida, eloquentemente, pela attitude problematica da geração a que eu tambem pertenco e cujos sofrimentos, portanto, conheço de perto.

Mas, não para aí.

6º) Quando pensamos que, numa sociedade como a nossa, conforme já tive ocasião de frizar aqui mesmo — se distingue, tão nitidamente, o tratamento que se dá ao **corpo** do tratamento que se dispensa á **alma** coletiva de Juiz de Fóra — tão bem dotada de teatro, cinemas, hotel, estadios, praças de desportos, — casas de assistencia e caridade publica — campanhas de benemerencia, para honra e orgulho nossos, rapida e merecidamente triunfantes, em horas apenas, — com a cobertura de centenas de contos —; (2)

7º) Quando pensamos, sentimos e vemos que, neste meio, tão magnanimo e tão bom — tão simpático e tão decidido para todas essas excelentes realidades concretas, materiais, tangiveis — se limita todo seu catolicismo a praticar atos de católico, sem se preocupar quasi com a ação católica — do que dá prova provadissima a existencia precaria que arrasta entre nós — a U. M. C. — unico gremio nos moldes aproximados daquela Ação que Pio XI tanto encomia e préga —;

8º) Quando pensamos que a adolescencia de Juiz de Fóra está entregue aos seus destinos numa sociedade católica, como a nossa, por falta, tantas vezes apontada e outras tantas esquecida dum ambiente de conforto integral, isto é, espiritual, mas, **material**, tambem —;

9º) Quando pensamos que, ao lado do problema do amparo total reclamado, pela nossa juventude, sem rumo, na

---

(2) A campanha da **Lepra** deu numa semana: 100:000\$000! — para o pavilhão de J. F.

fase cálida de sua evolução — existe, também, entre nós, o problema já por demais serio do amparo total ao operariado —;

10°) Quando pensamos, um instante sequer, no que possa suceder, dentro das paredes de Juiz de Fóra, o dia, em que essa massa proletaria imensa, até hoje, convenientemente contida nos limites que lhe pauta a moral católica — transbordar, entornar-se pelas ruas do seu proprio desalento, da sua miseria e do seu desespero, entregues a todos os desmandos —;

11°) Quando pensamos nos movimentos articulados — perfeitamente possiveis desse Leviatan entorpecido de 100.000 braços — de 50.000 cerebros — de 50.000 sistemas musculares, a serviço dum erro comum — a socialização integral — unico nexo e alma de seus movimentos —;

12°) Quando pensamos que, apesar de sua posição estratégica, favoravel a todas as ciládas — como primeiro ponto de contáto com as correntes de idéas malsãs — si Juiz de Fóra, até hoje, se manteve incolume foi, sem duvida, devido ao ótimo embasamento espiritual católico de sua alma coletiva — a obra mais grandiosa das duas excelentes ordens religiosas, que ha mais de vinte anos, tomaram a si a formação moral da massa —;

13°) Quando pensamos que, entretanto, esse embasamento está hoje sendo, seriamente, atacado, minádo pelas ondas “comunistas” de propaganda, que não respeitam mais nem os templos — onde eu já encontrei varias cópias de manifestos e hinos racionarios —;

14°) Quando sabemos, experimentalmente, que esse trabalho mináz de dissolução social prossegue, diabolicamente, a sua infiltração nas camadas labóriosas, e desprecavidas contra a insidia de Moscou —;

15°) Quando pensamos em tudo isso e, em alguns outros pontos de não menor importancia — mas que não podemos enumera-los todos, porque excederia de muito a medida da demonstração que nos propuzemos — eu quero crer que já não ha mais motivos para os proprios católicos nos acusarem a nós, “de moços preocupados em exhibir conhecimentos de ultima hora, colhidos em leitura de afogadilho” — como, mais duma vez, eu mesmo tenho tido o prazer de ouvir sorrindo a superficialidade bendita dos que nos criticam.

Não, meus senhores, quando meditamos com um pouco mais de seriedade sobre esses pontos — o que devemos con-

cluir é da premente necessidade duma Ação Católica intensa, segura, orientada pelos conceitos que, sobre ela tem emitido, constantemente, S. S. o Papa Pio XI que não cessa de recomendar-la como ainda, recentemente, mais uma vez o fez na sua ultima Enciclica "Delectissima Nobis,, dirigida ao catolicismo Espanhol — "De um modo especial convidamos a todos os fiéis a que se unam na Ação Católica, tantas vezes por nós recomendada — a qual, não constituindo um partido politico — mas devendo estar fóra e acima de todos os partidos politicos — servirá para formar a consciencia dos catolicos — iluminando-a e fortalecendo-a na defesa da fé contra toda a natureza de insidias."

Mas, perguntar-me-eis: — essa serie de considerações, bastará para fazer ver a reclamação ambiênte duma sociedade como o Centro D. Vital ?

— Sem duvida. Aprendi em cinco anos de tentativas e de lutas constantes em beneficio da União de Moços Catolicos: — que o problema preliminar da vida autonoma da Ação Católica entre nós, está antes em conquistar a **inteligencia** da massa católica de nossa cidade — está em auxiliar essa inteligencia a agir por si — isto é — está em auxiliá-la a **ler dentro** dos fatos que a rodeiam — em introduzi-la na **realidade** que a **condiciona**, mas que não deve barrar-lhe a penetração dos problemas que a desafiam. Está em ensina-la a crer na realidade intangivel, simples, imaterial — cujos fios invisiveis tecem a rêde que sustenta a alma desolada do momento que vivemos —.

Pois, conquistada a inteligencia — por uma **idéa** — esta passa a ter vida autonoma — e, com facilidade, começa a **informar** a ação — se transforma na ação, que é sempre uma **idéa em marcha**.

Mais imperativa, portanto, não podemos sentir a necessidade de ambiente do Centro D. Vital — com o seu admiravel programa de amor especulativo e sobretudo de amor ativo á Causa de Cristo: — unica que nos ensina a **amar a humanidade**, sem nos esquecermos do **homem** — a amar os individuos, sem nos esquecermos do **individuo** — o que exatamente põe em relevo, a incompatibilidade de **catolicismo** com qualquer forma de **socialismo** — que, faz da ditadura do proletariado, apenas, a tunica Nessus de proletario — em nome do proletariado **nega o proletario** — em nome da humanidade, **nega o homem.**)

## OS PRECALÇOS DA SYNDI- CALIZAÇÃO

Uma das raras cousas em que se pode dizer que Marx não fracassou foi na previsão de que adviria uma época de collectivismo socialista. Em realidade estamos dentro dessa época. A tal ponto que o syndicalismo não constitue mais uma preocupação de classes. Temos visto o proprio Estado promovendo sua organização. De todo modo, quando não a promove a estimula com toda sorte de facilidades. O mal não estaria, porém, nessa protecção, si o Estado, por uma dessas aberrações desgraçadamente tão frequentes no dominio da Politica, não reservasse suas preferências precisamente para a peor das modalidades de sindicato: o sindicato laico. O mais exclusivista de todos, o que não tem o senso do conjuncto social, o que se isola e se encrusta no egoismo e nas paixões de uma classe. A França, no momento, paga sua triste obstinação em proteger o sindicato laico com a insegurança da sua vida publica. Segundo declara o secretario geral do Sindicato Nacional de Professores, "a mobilização dos funcionarios e dos agentes do serviço publico foi a verdadeira causa da queda do Gabinete Herriot". E adianta que o Gabinete Boncour foi ao chão "porque o cartel dos serviços publicos se negou a aceitar uma redução de vencimentos". E por igual motivo ameaça o Gabinete Daladier. O facto é que os sindicatos de funcionarios francezes não indaga si a redução implorada, quasi pelo Governo, é uma medida justa. Neste particular não quer nenhuma intelligencia com os Poderes publicos. E o peor é que com a presente situação deficitaria do orçamento do paiz, aquelle Governo está impossibilitado de pagar os vencimentos do funcionalismo publico na base antiga. E o contribuinte, julgando-se taxado já em excesso, reacciona energeticamente contra uma nova tributação. Como chegar, no caso, á um resultado feliz? Vê-se assim, mais uma vez, quão equivocada é a politica do syndicalismo si se afasta das regras de disciplina e de fraternidade do corporativismo christao.

## MAIS UMA DEMOCRACIA QUE DESGARRA

A crença na Democracia é uma sorte de fanatismo immensamente mais obstinado que o fanatismo religioso. Basta um nada, uma apparencia de apparencia, eis a verdade, para alimentar-o. A esta especie de fanaticos, como é sabido, ficou a illusão de que os Estados Unidos são, nesta hora, o refugio da Democracia. E esta illusão ainda mais se arraigou com a victoria do Partido Democratico daquelle paiz. nas ultimas eleições presidenciaes alli realizadas. O sr. Herriot, por exemplo, era um de taes fanaticos. Assim que so-

brevindo do povo, da imprensa e do proprio parlamento francez a decisão de suspender o pagamento das dividas de guerra á Norte America, elle preferiu sacrificar seu posto no Governo a commeter um acto inamistoso para com uma tão poderosa democracia. Acontece, no emtanto, que mal chega ao Poder, o Sr. Roosevelt passa a acommeter contra os principios democraticos. Para governar elle prescinde de pedir normas de administração ás maiorias parlamentares. Elle trouxe um programma. Elle tem idéas proprias. Elle tem uma noção de Bem. E a esse programma, e a essas idéas, e a essa noção de Bem elle procura render a nação. De tal modo que já se pergunta nos jornaes europeus si Roosevelt não estará sobrepticamente lançando nos Estados Unidos os fundamentos de uma dominação de typo fascista ou racista, de uma dictadura politica como as que estão vingando no Velho Mundo. Esta supposição não é de todo infundada, ainda que o que pareça mais razoavel é que o Presidente americano, curado das illusões liberaes da Democracia, procura restabelecer o principio de autoridade que ella debilitou, concentrando em suas mãos uma parcella maior de poder afim de dar uma efficiencia nova á intervenção do Estado na sociedade para solucionar os seus conflictos.

IMPRESSÕES DE EXCURSIONISTAS

Como é sabido, o Governo hespanhol organizou uma excursão de universitarios á custa dos cofres publicos, a qual realizou um lindo cruzeiro pelo Oriente.

Ainda que, segundo declarações officiaes, a dita excursão se destinasse ao aperfeiçoamento da cultura dos felizes participantes, em veñdade não passou de uma dessas conhecidas liberalidades que os homens publicos costumam fazer aos seus parentes e amigos com o dinheiro do povo. Isto, porém, não nos importa. O interessante é conhecer as impressões dos venturosos turistas. E de todas, a que merece uma referencia particular é a de uma senhorita que se mostra maravilhada com o que viu na Russia. Sobretudo, baba-se de gozo ao referir a situação da mulher alli, liberta de preconceitos, inteiramente livre. E como exemplo dessa liberdade cita o regimen de casamento no paraiso dos Soviets. Cousa simples e humana, diz a entusiasta, uma jovem enamora-se de um homem e casa-se. Consumado o casamento, si acaso verifica que o marido não é o homem dos seus sonhos, não custa nada desfazer o que se fez por equivoco. E outro homem apparecerá a pretendel-a. E assim, successivamente... Aqui, a nosso vêr, cabe apenas um simplissimo esclarecimento: Com effeito, outro homem virá a pretendel-a porque o facto de se ter casado a primeira vez e estar ainda em plena mocidade indica,

na Eva em causa, algum atractivo physico. Isto não tem nada de particular. Ha certas zonas, em todos os grandes centros urbanos, onde uma mulher encontra por dia mais de meia duzia de candidatos para partilhar com ella os prazeres do amor. Com a condicção, bem entendido, de que seja cousa passageira, tal como hoje acontece em Russia, onde um casamento pode ser desfeito no dia immediato ao da união. Agora, quando um homem procura uma mulher para companheira definitiva de sua vida, para estabelecer um lar honesto e estavel, a menos que seja tonto, não vae escolher esposa entre as que estão se prestando a experiencias de alcova. Este homem procura gente de costumes mais austeros e sagra, ao pé do Altar, a união dos seus destinos ao da mulher escolhida. E assim se explica porque muitos socialistas, em Hespanha, como em toda parte, quando casam suas filhas, fazem questão do acto religioso.

#### A MAIS INTERESSANTE REFORMA DO ESTADO

Pelos confins do mundo, não ha canto na terra em que não se conheça,

discuta, applauda ou critique com paixão o "fascismo". Não obstante pouco se fala da mais interessante reforma do Estado, de nosso tempo, que é a que emprehende em Austria seu jovem Chancellor Dollfuss. De facto, em pleno seculo XX se tenta em uma nação centro-europea, formar um Estado christão. Tal é o sentido dos ingentes esforços de Dollfuss. Como é sabido, a Coustituição do paiz está sendo reformada. Em declaração publica sobre os principios que passam a nortear a Carta Politica da nação, disse o intemerato Chancellor o seguinte: "vamos levar o cathecismo á Coustituição." E' firme decisão do jovem estadista estabelecer em Austria o regimen corporativista de base christã, unico que pode evitar a lucta de classe e assegurar uma politica de concordia entre o capital e o trabalho. Um dos primeiros cuidados de Dollfuss constituiu em pôr o seu paiz em bons termos com a Santa Sé, negociando uma Concordata, que, prompto, entrou em execução. Um dos caracteres distinctivos da reforma do Chancellor austriaco consiste em buscar, de preferéncia, a harmonia com todos os cidadãos, não impondo uma doutrina de Estado nem pretendendo mais que o respeito devido á autoridade constituida pela obediencia á lei. Assim, exclue a violencia como arma de catechese e só estabelece a coacção legal para as idéas e os individuos que attentem contra a ordem publica.

## CONTRADIÇÕES DO FEMINISMO

O que se conhece, de um modo geral, com a designação de "feminismo", é um ilícito ajuntamento de ridiculos e de audacias em torno de algumas idéas acceitaveis. Esse triste connubio, como é de prever, é desharmonico pelas suas inevitaveis contradicções. E uma dellas vem a ser que, pugnando pela autonomia da mulher, começa pela renuncia ás virtudes especificas do sexo. Segundo esse feminismo, a mulher independente é a que não é mulher, porém a que não passa de uma contrafacção do homem, isto é, a mulher masculinizada. Assim sendo, insinua e estimula todos os mimetismos em relação ao sexo forte: pratica de esportes violentos, habito de bebidas espirituosas, afeição á vida de rua, de clubs e cabarets, immodestia de maneiras, alguns vicios como o do fumo, etc., etc. Claro que esse feminismo vae dirigido contra os principios christãos. Claro ainda que elle, alterando os costumes da mulher, degradando o primeiro circulo humano de convivencia, a familia, termina por destruir os cimentos da propria nacionalidade. Dahi porque o marxismo, que é uma doutrina de combate á idéa nacional, pelo seu impenitente internacionalismo, se fez o principal factor do dito feminismo. A Allemanha foi a maior victima dos seus estragos. Ultimamente a corrupção da mulher, naquelle paiz, tomava proporções impressionantes. Assim se comprehende a presente campanha em que se acha empenhado o "racismo" no sentido de reeducar a mulher allemã, de restituil-a á dignidade do lar, de despertar suas antigas virtudes domesticas e, sobretudo, de apartal-a de usos e costumes que deram causa á decadencia da sociedade allemã em nossos dias.

## A SITUAÇÃO DO CLERO HESPAÑHOL

A republica, em Hespanha, além de crear para a Igreja uma situação moral das mais vexatorias, pôz tambem o maior empenho em multiplicar entraves materiaes em seu caminho, com o calculado intento de tornar-lhe impossivel a existencia. Obedeceu a este proposito a suppressão do orçamento do culto e clero, que representava um compromisso de honra para a Nação, dado que os gastos com elle resultantes não significavam uma liberalidade do Estado para com a Igreja, porém uma indemnização, em parcella muito exigua, pelos bens ecclesiasticos que incorporara ao seu patrimonio ou a que derá distinctos destinos. Extincta essa fonte de receita e tendo em vista a falta de habito do povo hespanhol de contribuir para o sustento material da Religião, o clero passou immediatamen-



te a soffrer as consequencias de um tal estado de cousas. Uma parte está emigrando. Outra está se desviando para profissões estranhas ao seu sagrado ministerio. O grosso, porém, dos padres hespanhoes, resiste com heroismo á dura provação da hora presente e anima com o seu exemplo de fé, de confiança na Providencia e de acceitação do sacrificio pela gloria de Deus; anima, diziamos, os bons patriotas que se empenham em salvar o paiz das garras dos bolchevisadores, conscientes e inconscientes, que á frente do seu Governo (melhor seria dizer, do seu desgoverno) o infelicitam. E' dolorosa, sem duvida, a actual situação do clero hespanhol. Porém não esqueçamos que, com suas dores, está prestando á Igreja de sua Patria um serviço memoravel: a depuração, já de ha muito sentida como obra inadiavel, do corpo ecclesiastico de Hespanha.

A VOZ DO SANTO PADRE PELA HESPANHA

Em meio das suas presentes tribulações, os catholicos hespanhoes acabam de receber o consolo paternal do Santo Padre que, em substanciosa e commovente Encyclica, erguer perante o mundo o seu protesto contra as espoliações de que está sendo victima, na Republica hespanhola, a Igreja de Christo, e em que subministrou aos queridos filhos daquella peninsula o conforto de seu amantissimo coração. Não attingiria, entretanto, todo o alcance do novo documento pontificio quem limitasse seu effeito ao protesto em apreço e ás consolações que elle terá proporcionado aos nossos irmãos na fé, victimas da mais gratuita e iniqua perseguição em nossos dias. Tenhamos por descontado que a solemne carta de S. S. Pio XI ao episcopado, ao clero e ao povo hespanhol, pela rigorosa analyse a que submete os actos do Governo da citada Republica, attentatorios do direito e da liberdade religiosa; pela irresponsivel refutação que oppõe aos pretextos de que lança mão o mesmo Governo afim de justificar-se perante a opinião mundial; pela exposição clara, firme e documentada dos atropellos a que a Igreja é submettida na Hespanha actual, maçonizada, escravizada ella mesma á tyrannia de um partido marxista, valerá por uma impressionante denuncia da Republica hespanhola perante a consciencia internacional e estimulará as actividades que, em toda parte, se empenham no sentido de anniquillar o que ainda resta do antigo prestigio politico das organizações socialistas.

FOI FIRMADA UMA NOVA CONCORDATA

O Chanceller da Austria firmou solemnemente, no mez findo, uma nova Concordata com a Santa Sé. Já é sabido que as negociações, em torno da mesma, realizaram-se em

uma atmospherã de mutua cordialidade e reciproca boa vontade. Em consequencia disto, pouco tempo se gastou em sua discussão, manifestando-se ambas as partes contentes com os resultados obtidos. Vê-se assim, em que pese á vesania sectaria e á curteza de entendimento de uns tantos desdenhosos da soberania pontificia, que ella continúa a ser tida em conta pelos povos que sabem o que é civilização e pelos Governos que estimam desenvolver sua politica em um ambiente de respeito á consciencia alheia, portanto, de harmonia, de concordia social.

#### CONGRESSO DE JORNALISTAS CATHOLICOS

Está fixada para o anno de 1935, a data da realização de um Congresso Internacional de Imprensa Catholica, devendo reunir-se na Cidade do Vaticano. Ao receber uma peregrinação da Imprensa Catholica Mundial, recentemente, o Santo Padre manifestou seu contentamento pela iniciativa fazendo votos para que o dito congresso alcance o mais brilhante exito. E' de prever que todos os paizes se façam representar nesse certamen. Estamos certos de que o Brasil participará dos seus trabalhos, por meio de delegados da Capital da Republica e da imprensa dos Estados. Parece que é tempo de pensarmos em evitar a humilhação de apparecermos naquella Assembléa, com a triste declaração de que na Capital de nosso paiz não existe um jornal catholico á altura do meio, não existe imprensa diaria catholica, mesmo modesta. Esta é uma lacuna que nos compete sanar sem perda de tempo. Tenhamos por incontestavel que a imprensa neutra, por mais sympathica que acaso se nos apresente, não preenche a finalidade educadora do jornal, e, ademais, quando admite a collaboraçã do jornalista catholico é com a condicção de que elle renuncie nessa collaboraçã precisamente sua qualidade especifica de catholico, isto é, seus deveres indeclinaveis de apostolado.

#### FALTA DE CONVICÇÕES RELIGIOSAS

O novo Primaz de Hespanha, ao empossar-se em sua archidiocese de Toledo, dirigiu aos fieis uma Carta Pastoral que constitue um monumento de saber, uma corajosa replica aos aggravos que o poder publico, em sua terra, vem inflingindo cobardemente á Egreja, e, ainda, uma leal admoestação aos catholicos pela culpa que lhes cabe na perseguição com que a Republica afflige á Religião do povo hespanhol. Trata-se de um documento que merecia ser conhecido, na integra, por todos os catholicos brasileiros, porque lhes aproveitariam muitas das graves advertencias que aquelle illustre principe da Egreja, faz ao seu

novo rebanho. De momento, destacamos a importancia que elle confere, em tão infeliz successo, á falta de convicções religiosas do povo hespanhol. Esse povo, elle reconhece, é catholico. Porém, adverte que o é pouco, "pela escassa densidade do pensamento catholico e pela sua pouca tensão em milhões de cidadãos". A "força expansiva e comprehensiva da verdade religiosa" não opera na maioria dos individuos. Assim, á "roca viva de nossa velha fé, substituiu a areia movediça de uma religião de credulidade, de sentimento, de rotina e inconsciencia". Santo Deus, e que será a religião de tantos milhões de catholicos brasileiros? Que meditemos nas ruinas que hoje ha por toda Hespanha, como um exemplo para nós outros, para que acudamos, quanto antes, protegendo por todos os meios possiveis, aos órgãos de informação da Verdade Religiosa, afim de que, nossa incuria não nos leve a soffrer as calamidades que nesta hora pesam sobre os destinos da Igreja na patria de Santo Ignacio.

#### O ENSINO DE RELIGIÃO EM ALLEMANHA

Entre outros meritos, a Concordata recém-firmada entre a Santa Sé e o Reich allemão, teve o de esclarecer a politica do ensino que dominará no programma de Governo de Hitler. Essa politica, já agora está sabido, é eminentemente religiosa. Ao assumir as responsabilidades do Governo, o Chanceller declarou o seu proposito de dar ás confissões christãs, que se dedicam a cultivar a espiritualidade do povo germanico, todas as facilidades de acção. Seu Ministro de Educação, pouco depois, em discurso pronunciado para os representantes do magisterio publico, do paiz, assegurava o interesse do novo regimen afim de que o ensino confessional proseguisse, em toda Allemanha, sua benefica actividade. Essas promessas se concretisaram na alludida Concordata, na qual, não somente o Governo do Reich se compromette a manter a confessionalidade do ensino primario, sinão ainda do secundario, profissinal e universitario. Quer isto dizer: o ensino confessional privado será respeitado. E o ensino official, de qualquer categoria, será confessionalizado. Em outros termos: em Allemanha só se tolera o ensino religioso. O ensino laico, que todo mundo sabe que não é ensino, que será politica, que será revolução, que será, na melhor hypothese, mera coqueluche democratica, está banido do novo Estado allemão.

O traspasso do Sr. Fernando de los Ríos, da pasta da Instrucção para a do Exterior, em Hespanha, havia de ter um objectivo. Mal se empossou elle do novo cargo, revelou o segredo que trazia

#### UM POSTO MAIS PARA OS SOVIETS

para o novo posto: estabelecer relações diplomaticas com os Soviets. A imprensa hespanhola reclamou contra esse proposito. Os actuaes governantes, alli, porém, têm o maior desprezo pela imprensa, que, em tempo algum da sua historia na Peninsula, conheceu situação tão vexatoria. Baste-nos dizer que da nova Lei de Ordem Publica, que as Côrtes republicanas acabam de approvar nenhuma emenda tendente a favorecer a imprensa logrou, siquer, soffrivel exito. Sem duvida, tal como se acha constituida a Republica hēsphanhola, tomando como espelho Mexico e Russia; com uma legislação agraria, que “La Journée Industrielle” de Paris reconhece seria firmada gostosamente por Lenine; em plena orgia financeira e intoxicada até á medulla, de odio sectario, comprehende-se busque a má companhia dos sêus inspiradores. Acontece, no emtanto, que as relações diplomaticas com um paiz bolchevisado têm para a Russia a significação de um dominio. Assim, quando o Mexico commetteu a imprudencia que a Hespanha acaba de commetter, Moscow se immiscuiu tão descaradamente em sua vida privada que elle terminou rompendo as relações officiaes com o Imperio de Stalin. Não ha paiz algum que tenha colhido proveito com o estabelecimento de relações diplomaticas com a Russia communista. Do ponto de vista commercial essas relações não interessam, dado que, para suas compras, os Soviets preferem o paiz que venda mais barato sem levar conta si é ou não do grupo que o reconheceu oficialmente. Do ponto de vista politico, essas relações só interessam á Russia. E ella usa e abusa de tal modo das facilidades que lhe advêm de taes relações, que termina por próvocar graves incidentes cujo desfecho é sempre a ruptura diplomatica. Assim aconteceu em Inglaterra, em Allemanha, em França, na Suecia. e, como já dissemos, no proprio Mexico. Estes factos não eram desconhecidos do actual Ministro do Exterior de Hespanha. E si apesar disto levou o seu paiz a afrontar os perigos de um reconhecimento official dos Soviets, não cabe outra interpretação no caso sinão a de que a vesania de que está atacado o Governo hespanhol cada vez mais se complica, não existindo já, para o mal, outra indicação sinão a de uma opportuna cirurgia.

Acaba de fallecer na cidade de Amarillo, Estado do Texas, o Padre Bernardo Fresenborg, autor de um famoso livro contra a Egreja, que appareceu com este suggestivo titulo “Trinta annos no Inferno”. Sua historia é curta: allemão de origem, uma vez ordenado emigrou para os Estados Unidos, onde passou a viver em Belleville. Estado de Illinois. Jovem, intelligente, de uma rara

actividade, em pouco tempo conquistou a confiança e a amizade dos seus superiores. Ao fim de 30 annos, occupando um posto de responsabilidade, fez uma serie de declarações audaciosas que affectavam ao dogma. As autoridades ecclesiasticas exigiram-lhe uma retractação. Em vez disto, escreveu uma carta á imprensa local não somente insistindo em suas affirmações como aggravando-as com a declaração de que em materia desta natureza só reconhecia autoridade em sua consciencia. Esgotadas inutilmente novas gestões afim de que rectificasse seu procedimento, foi suspenso de ordens e excommungado.

Tal como acontece agora ao ex-Deão da cathedral de Granada, os inimigos da Igreja, maçons e protestantes, aproximaram-se do apostata e lhe tributaram grandes homenagens. Em inicio dessa exaltação do seu orgulho escreveu elle o famoso livro contra a Igreja, de que se tirou larga edição em varias linguas. Passado, porém, o escandalo, maçons e protestantes esqueceram o Padre apostata e, com elle, as promessas seductoras com que haviam animado sua rebeldia. Abandonado de todos, entregue aos remorsos de sua consciencia o ex- Padre terminou reconhecendo o seu erro e arrependendo-se. Deus lhe deu a coragem necessaria para volver ao seio da Igreja a implorar perdão. Reconciliado com ella e depois de duras provas, que supportou com admiravel espirito de resignação e piedade, foi readmittido na communhão catholica e restabelecido em seu estado sacerdotal, passando a exercer o sagrado ministerio na cidade onde acaba de fallecer tranquillamente, depois de haver celebrado sua ultima missa e quando cuidava das flores do seu pequeno jardim.

Que se propague esta noticia para confusão e regeneração de outros apostatas que permanecem obstinados em sua degradação.

**A ELOQUENCIA DA VERDADE** Em Santander, Hespanha, o Padre Baños, ao concluir recentemente uma serie de conferencias sobre assumptos sociaes, foi surpreendido com um convite de membros do partido communista local afim de que, na propria séde do partido faça, para os seus adeptos, uma exposição da doutrina da Igreja sobre a questão dos trabalhadores.

Poucos dias depois o Magistral da cathedral de Burgos, que a exemplo do Padre Baños, está levando a effeito em sua igreja uma serie de conferencia de igual natureza, recebeu dos directores da Juventude Socialista daquela cidade, convite es-

pecial para repetir ditas conferencias na propria sede da referida agremiação.

Ha que notar, aqui, duas coincidências: dous sacerdotes catholicos convidados quasi ao mesmo tempo para expôr em dous centros marxistas a doutrina social da Igreja, ou melhor, a palavra de Christo, para os operarios.

A Verdade, é innegavel, tem uma eloquencia que tudo vence. Basta querer ouvil-a para que nos convençamos. E a Verdade, para os homens do trabalho, para os filhos de Adão que cumprem, a rigor, a sentença de comer o pão amassado com o suor do seu rosto, só se encontra no ensino d'Aquelle que veio ao mundo partilhar o abandono, as amarguras e as injustiças com que o mesmo mundo trata a pobreza. Fóra dahi não ha mais do que engano, illusão, mentira, habil ou grosseira mystificação.

Ha dous annos uma indigna manobra partil-  
**INGLATERRA E** daria, favorecida pelo Governo local, pre-  
**VATICANO** tendeu envolver as autoridades ecclesiasticas da Ilha de Malta na suspeita de indebita intervenção na vida politica da referida Ilha. O Governo central, mal conduzido por informações interesseiras, deu prestigio aos inventores de tão desprezível phantasia. Como era ue prevêr, a Santa Sé apressou-se em protestar contra semelhante injustiça. Não sendo attendida deu publicidade a documentos officiaes que ao mesmo tempo que demonstravam a innocencia do Clero de Malta, na hostilidade de que era victima, accentuava a perfidia e a parcialidade do Governo connivente nessa perseguição. Deste incidente resultou a chamada a Londres do Ministro inglez junto ao Vaticano, portanto, uma implicita ruptura de relações officiaes com a Santa Sé.

Não obstante isso, o Governo britannico, como é sabido, nomeou uma commissão incumbida de apurar a verdade nos successos da Ilha de Malta. Esta commissão verificou a falta de fundamento das alludidas accusações e a incorrecção do procedimento das autoridades civis nesse conflicto. Já é sabido que o Governo inglez ao inteirar-se dos resultados dessa syndicancia deu toda classe de satisfação aos perseguidos. E o proprio Governador da Ilha, em acto publico, teve a lealdade de confessar seu erro e offerecer ao Clero catholico local as devidas compensações moraes.

A despeito disto permanecia a Legação ingieza junto ao Vaticano sem chefia. Agora o Governo inglez, fiel á sua tradição de cavalheirismo, acaba de encerrar este incidente com a

solemne visita de Mac-Donald ao Santo Padre ao mesmo tempo que chegava a Roma o novo Ministro britannico designado para servir junto ao Vaticano.

#### O CINQUENTENARIO DA MORTE DE C. MARX

A nota sensacional das commemorações do cinquentenario da morte de Carl Marx consistiu no

hasteamento da bandeira racista na propria casa onde nasceu o pae do Socialismo e do Communismo. Alguns não divisaram neste facto sinão um luxo de provocação ou de humilhação ao adversario vencido. Sem embargo, outros terão dado uma importancia muito maior ao successo, convictos de que elle expressa a realidade de uma situação, isto é, a capitulação, de facto, do marxismo, ante o contendor que já o havia vencido no campo da acção e da doutrina.

#### A CONCILIAÇÃO EM ITALIA

O quarto anniversario da Conciliação entre a Igreja e o Estado italiano, commemorado no dia 11 do mez passado, devia ser objecto de reflexão para

os que acaso não tenham juizo formado sobre o regimen de união entre os poderes temporal e espirital. Italia, como é sabido, viveu 60 annos dividida e debilitada pela famosa "Questão Romana", isto é, com a inimizade entre o Estado e a Santa Sé. O Fascismo restabeleceu corajosamente as relações entre um e outro.

Muitos foram os scepticos que auguraram mal desta reconciliação: uns por desconfiar da ideologia fascista, fundada nos principios do absolutismo estatal; outros por temor ao pseudo imperialismo clerical, em seus effeitos sobre a vida publica do Reino. A experiencia, no emtanto, desses 4 annos de approximação, desautoriza a uns e outros.

E' verdade que entre os dous poderes hão surgido differenças e difficuldades no citado periodo. Não occultamos que precisamente ha anno e meio se verificou um grave incidente em suas relações. Mas é verdade tambem que o Governo italiano poudo se inteirar da grave injustiça que estava sendo induzido a praticar contra a Igreja e consentiu em desfazer essa dissidia por meio de um accordo, que ambas partes estão cumprindo com lealdade. E não se teria chegado, certamente, a resultado tão feliz si os dous poderes teimassem em se manter um diante do outro como dous desconhecidos.

O facto é que, depois da assignatura do accordo já assignalado, em Setembro de 1931, Estado e Igreja têm vivido na Italia em plena harmonia. E isto a despeito dos esforços que, em certos sectores, se fazem para impedir a consolidação des-

sa harmonia, pois a Maçonaria não está morta allí, porém, apenas disfarçada.

Não obstante o que se deduz do estudo da presente situação na península italiana é que a obra dos tratados de Latrão vae vencendo todos os obstaculos e que della hão de resultar no futuro, como hoje em dia, fructos de concordia para a sociedade e estimulos de cordialidade nas relações da Igreja com o Estado italiano.

Os Estados Unidos são indicados ao mundo como exemplo de uma grande democracia. Sem embargo disto, em uma questão que o Laicismo considera essencial para o regimen republicano, a do casamento civil, aquella poderosa nação não estabeleceu a obrigatoriedade.

Com effeito, nos Estados Unidos ninguem é obrigado a casar-se perante o Poder publico, porque a legislação americana reconhece a legitimidade do casamento religioso. Do que se deduz que não é por necessidade do espirito do regimen democratico que se impõe o matrimonio civil em outras pseudo-democracias, porém apenas por estreita paixão sectaria.

Ha uma outra observação a fazer, talvez mais opportuna, sobre esta tolerancia em materia de casamento, nos Estados Unidos: a demonstrada superioridade do matrimonio religioso sobre o matrimonio civil. Na realidade ninguem allí ignora que quem quer constituir um lar estavel, não se casa civilmente. Ha pouco tempo celebrou suas bôdas um neto de Rockefeller e as celebrou perante o ministro do seu culto, prescindindo, pois, do acto civil.

Uma outra positiva demonstração de inferioridade apresenta allí o matrimonio civil em suas chocantes desconformidades e contradicções. De modo que uma cousa é permittida num Estado e prohibida em outro; umas formalidades são imprescindiveis segundo o estatuido de um e dispensaveis segundo o de outro.

È essas discrepancias versam, precisamente sobre materia de transcendencia como a fixação da idade para contrahir matrimonio, a permissão dos paes, as penalidades aos infractores da lei, as facilidades para fazer-se e para se desmanchar o casamento, etc.

O estudo do regimen matrimonial, nos Estados Unidos, põe ainda de manifesto, que o matrimonio civil, aggravado com o divorcio, não passa de uma aprendizagem do amor livre...



## A EDUCAÇÃO DOS NOVOS ESTADISTAS HESPAÑHOES

Por ocasião da passagem do aniversário do Santo Padre, o Nuncio Apostolico de S. S. em Berlim offereceu uma recepção a

que compareceu todo o Corpo Diplomatico acreditado junto ao Governo Allemão, com excepção apenas do embaixador de Hespanha, que não é diplomata de carreira.

Per sua vez o mundo official brilhou pela ausencia na recepção do Nuncio em Madrid... Esta descortezia teve pelo menos a vantagem de não empanar o esplendor do acto pois os novos governantes de Hespanha não estão ainda affeitos aos habitos de sociedade, onde commettem "gaffes" de toda sorte.

As massas operarias, nos grandes centros industriaes europeus, haviam desertado em massa, do seu posto na Egreja Catholica. Um gigantesco esforço, surpreendido nestes ultimos tempos, no sentido de atrahir de novo os fugitivos, está se coroando de exito, graças a Deus, na Belgica, na Hollanda, em França, na Allemanha, em quasi todo o Velho Continente.

Não obstante, ha muito que emprehender ainda, afim de que a Egreja retorne a seu antigo prestigio no seio dos trabalhadores.

Aos catholicos de toda parte resta indagar dos motivos dessa deserção e tirar, para a sua actividade social religiosa, os proveitos de tão dura experiencia.

Neste sentido merece ser meditado o artigo da excellente revista franceza "La Vie Intellectuel", de 10 de Fevereiro ultimo, sob a epigraphe: "Crise religiosa e crise social". Trata-se de um depoimento leal e corajoso em relação ás imprevidencias, aos erros e tristes obstinações da maioria dos catholicos naquelle paiz quanto ao problema operario, ou melhor, quanto ao problema das reivindicações operarias. Não se tratou de indagar alli o que havia de justo ou de injusto nessas reivindicações. Não se procurou verificar até que ponto sua legitimidade era reconhecida em documentos officiaes da Egreja como Encyclicas e Pastoraes. Uma grande parte dos catholicos se desinteressou pelos conflictos entre patrões e operarios. E outra, não insignificante, tomou ostensivamente o partido dos patrões.

Deste facto resultou "formar-se alli, nos meios dos trabalhadores, a convicção de que a Egreja não existia para elles.

E agitadores profissionaes lograram persuadil-os de que o Catholicismo é um alliado dos ricos.

E' verdade que em França, ainda que no terreno das aspirações de melhora em sua situação material e moral, os catholicos não se mostrassem solícitos para com o operario, não se contesta que desenvolveram uma intensa actividade na fundação de obras de assistencia ao trabalhador em seu infortunio, queremos dizer, obras de caridade. Porém com todo esse esforço não lograram conquistar a gratidão do operariado porque sua mentalidade estava já formada no sentido, não de aceitar os testemunhos da generosidade alheia, porém de reclamar o quinhão de Justiça a que suppunha ter direito na sociedade.

E este aspecto da questão operaria é digno de ser fixado porque se verifica não só em França como em toda parte. O caso de Hespanha é recente. A Igreja, allí, não havia feito tudo o que devia pelo pobre. E' fóra de duvida, no entanto, que fez muito por elle. E não obstante, o pobre, em Hespanha, não se mostra sufficientemente agradecido aos favores recebidos. E qual a razão dessa attitude sinão a de que ella procurou se esmerar nas organizações de beneficencia e caridade, mostrando um interesse mediocre em ajudal-o na luta pelos seus direitos sociaes?

Reflectamos. Tiremos partido dos desastres alheios. Convençamo-nos de que o campo operario, no momento, é o nosso campo por excellencia. A Igreja não é só dos ricos. E' mais dos pobres porque são os que mais precisam della pela sua propria condição de necessitados. E entre esses na que distinguir os operarios, seja pelas injustiças de que são victimas em nossa organização social, seja pelas idéas subversivas que vão medrando no meio dos trabalhadores.

**DO EPISCOPADO CHILENO** O Episcopado chileno, lastimando os atropellos de que a Igreja está sendo victima na Hespanha, dirigiu eloquente mensagem ao Episcopado daquelle paiz em que accentua que ella "tinha direito a toda sorte de considerações por parte do Estado, fosse qual fosse a ideologia dos seus novos governantes."

**O REGRESSO DA INGLATERRA** O "Osservatore Romano" publicou uma noticia jubilosa para os catholicos: a da adhesão á Igreja, de numerosos ministros anglicanos.

Todos que se acham ao par dos successos do catholicismo nestes ultimos tempos encontram-se sufficientemente informados de que, desde muito, aquelle ramo do Protestantismo soffre a inquietação caracteristica das consciencias honestas quando se sentem afastadas da verdade. Em consequencia disso

um grande numero de respeitaveis figuras do seu clero vem buscando a paz de su'alma no seio da Igreja Romana. E ainda se acham vivos em nossa memoria os écos das memoraveis reuniões de Molines em que, sob a presidencia do venerando Cardeal Mercier, eminentes personalidades da Igreja Catholica e da Igreja Anglicana estudavam, com recta intenção, a posição de uma em face da outra e o sentido da crise espiritual anglicana.

Esta crise, aliás, não é exclusiva da Igreja Anglicana. Ella estende-se a todos os ramos da heresia lutherana como se pôde comprovar das actas dos seus ultimos congressos. Em todo caso não padece duvida que, mais do que nenhuma outra, a Igreja Anglicana tem alcançado a sem razão da sua dissidencia da Igreja-Mãe, e experimentado o amargôr da sua injustiça e da sua ingratição.

Seguramente isto é devido á fidelidade que tem procurado guardar aos principios da espiritualidade christã. O certo é que a historia do Anglicanismo, nesta ultima década, é a de um regresso lento, porém seguro, para o seio da Igreja Catholica.

Assim sendo, a noticia acima autoriza a esperanza em que, em futuro proximo, reconciliada com o Papado, volte a Igreja Anglicana ao reducto da verdadeira fé, a que encheu de santos a Ilha Britannica, e a em que rivalizou com todas as Igrejas do mundo, na defesa da Religião e na devocão ao Santo Padre.

O NATAL NA RUSSIA

A acreditar-se no que dizem os propagandistas do Communismo, o povo, na Russia, chegou já a um tal cumulo de felicidade que não faz conta das promessas de Christo. Ninguem mais necessita de Deus no Paraizo dos Soviets... Em razão do que, todo mundo já renegou da Religião.

Não obstante, ao approximarem-se as festividades do Natal os dirigentes bolchevistas se alvoroçam e mobilizam os sequazes das ligas athéas para que promovam violencias de modo a impedir que o povo expanda, por essa occasião, seus sentimentos religiosos: Essas violencias consistem, principalmente, em impossibilitar, de qualquer modo, os actos do culto nas igrejas e mesmo nas casas de familia.

Ao commercio se prohibe que venda artigos destinados a commemorar a Paschoa. Milhares e milhares de impressos pornographicos e offensivos á Religião são distribuidos por toda parte. Nas casas de diversão, nas proprias ruas multiplicam-se as allegorias licenciosas e blasphemias. Os conferencistas e a imprensa, a jactos continuos, vomitam sordicias contra o Papado,

a Igreja e, especialmente, contra o dogma da Virgindade de Maria Santíssima.

Como de costume, desde que os communistas tomaram de assalto o poder no desgraçado Imperio dos Tzars, realizaram-se as habituaes manifestações de odio religioso. E desta vez, tropas de assalto auxiliaram a acção das ligas atheas no interior do paiz, afim de solidarisar as populações recalcitrantes com os propositos impios do governo.

Em os outros povos anhelantes por uma era de Justiça e Liberdade ajuizem ante factos dessa natureza, si o Communismo corresponde aos seus ancelos de paz e ás suas esperanças de felicidade !

Em dia do mez passado o  
**PELA IMPRENSA CATHOLICA** Santo Padre recebeu em audiencia especial uma numerosa commissão de universitarios catholicos. Ao dirigir-lhes a palavra Sua Santidade exhortou-os a se dedicarem a ajudar a imprensa catholica.

Em verdade se houvesse coherencia entre nossa fé e nossos actos, o Vigario de Christo estaria dispensado desse appello, pois a imprensa catholica, entre todas, seria a mais diffundida e pujante. Desgraçadamente, no entanto, essa não é nossa virtude familiar. Do que resulta que instituições fundamentaes para a sociedade catholica, como a imprensa, encontrem-se necessitadas do clamor do Chefe Supremo da Igreja.

Já os catholicos deviam estar fartos de saber que não ha que fiar na imprensa neutra. Não que ella seja má por essencia, mas porque tem seus interesses, suas paixões, seus negocios. De modo que em quasi tudo quanto escreve põe, occulta, uma segunda intenção. Assim sendo, não está apta a formar nem a dirigir nossa opinião.

Esta função só pôde exercer a imprensa confessional, isto é, a que está em conformidade com nossa crença e adstricta ás normas de consciencia, de justiça e de caridade que informam o espirito catholico.

Não nos falta o material necessario para fazer jornaes capazes de rivalizar com os maiores do mundo. Temos a intelligencia, a technica, a doutrina, o prestigio social, os meios mais efficazes de diffusão. Temos tudo... menos o apoio dos leitores, a preferencia da clientela catholica que se obstina em favorecer a imprensa sem principios e, frequentemente, hostile aos principios da nossa fé.

Até quando, por falta dessa ajuda, estará condemnada a

imprensa catholica no Brasil a viver vida ingrata, penosa, precaria, arrostando o ridiculo e amontoando decepções ?

### OS SACRAMENTOS NEGADOS A UM SYNDICALISTA...

Attingido por mortal ferimento num conflicto em Sevilha, foi recolhido ao Hospital da capital andaluza o syndicalista Fernando Uclér. Sentindo approximar-se a morte supplicou da Irmã de Caridade que o servia, o auxilio de um Padre para administrar-lhe os sacramentos. Um seu irmão presente, no emtanto, impediu que a vontade do moribundo fosse satisfeita, allegando, com protesto do mesmo, que elle se achava em estado de delirio...

Não houve recurso para as autoridades porque estas firmaram a doutrina de que é preciso respeitar a liberdade de consciencia sob a seguinte condição: quando se tratar de consciencia impia...

### O DIA DA IMMACULADA EM BERLIM

Varios ramos da administração publica, como o Reichstag, em Berlim, consideram festivo o dia da Immaculada Conceição. Em todas as fabricas, officinas, casas de commercio, se concedem aos empregados uma hora livre para assistir aos actos de Religião celebrados nas diversas egrejas catholicas da cidade.

### PRESO POR TER CÃO...

Em Segovia, na Hespanha, foi denunciado um sacerdote porque, segundo o denunciante, havia proferido palavras insultuosas á Republica em uma pratica que realizara em sua igreja de Villa de Cuéllar.

Ouvidas 21 testemunhas, todas negaram o facto. O denunciante, que é vice-presidente da Deputação de Segovia, declarou que não havia assistido ao sermão, que tivera noticia do mesmo por uma senhora que estivera presente ao mesmo. porém de cujo nome não se recordava...

Positivada a innocencia do sacerdote, foi-lhe imposta, todavia, uma multa governamental... certamente por não ter proferido os insultos de que era accusado...

### LIVROS ESCOLARES NA YUGOSLAVIA

Os Bispos catholicos do paiz, fizeram uma representação collectiva ao Governo da Yugoslavia, protestando contra as referencias deprimentes á Igreja, que se encontram nos novos livros escolares destinados ao ensino official naquella nação.

Das considerações que aqui fizemos sobre o **SOCIALISMO E CATHOLICISMO** destino do Socialismo, tiramos a conclusão de que, em tempos não muito distantes, elle se fraccionará em dois grupos, de accôrdo com suas tendencias actuaes: um moderado, que passará a incorporar-se ás fileiras catholicas, e um extremista, que será assimilado pelo Communismo. Quiçá venha a parecer estranha a affirmação em relação ao primeiro grupo. Tratemos de justificá-la.

E' indiscutivel que formando parte dos exercitos socialistas encontra-se um grande contingente de catholicos. Pareça embora estranho, é certo que, aqui e alli, as autoridades ecclesiasticas foram permittindo a filiação de catholicos aos syndicatos socialistas. Mesmo um Papa, o Santo Pio X, em documento publico reconheceu que ha circumstancias em que essa filiação é desculpavel, contanto que sejam observados certos resguardos no sentido de preservar os catholicos da influencia da doutrina socialista. O Santo Padre gloriosamente reinante, Pio XI, em sua monumental Encyclica "Quadragesimo Anno", lamenta-se de que as adhesões de catholicos ás organizações socialistas hajam ultrapassado os limites da necessidade e da prudencia, e os concita a retroceder com tanto maior empenho, quanto é innegavel que se acham quasi eliminadas as circumstancias que justificavam a antiga tolerancia. E acrescenta que, existindo hoje um socialismo mitigado, muitoss fieis voltam-se para a sua augusta pessoa como a indagar se a elle se podem incorporar sem prejuizo de seus deveres de lealdade para com a Igreja.

Do exposto se concebe quão numeroso é o nucleo de confrades nossos que engrossam as fileiras socialistas. E tanto que não está fóra de razão suppôr que muito hajam influido para a differenciação ou evolução já assignalada, na theoria e pratica actuaes do Socialismo. Logicamente pois, se conclue que uma grande parte dos socialistas é catholica, e como tal, sua tendencia só se pôde dirigir no sentido da Igreja, tanto mais quanto com o constante progresso dos syndicatos confessionaes é de esperar que se convençam esses irmãos desgarrados, de que as justas reivindicações que pleiteam e as idéas que os seduzem no Socialismo, são partes integrantes da acção e da doutrina catholicas.

#### DESENCANTOS DO LAICISMO ESCOLAR

A França, pôde-se dizer, é a patria do laicismo escolar. Não necessitamos de fazer aqui a longa e penosa historia das vicissitudes soffridas alli pelo ensino da juventude para

justificar nossa affirmação. Pois a França, como era natural, mais do que nenhuma outra nação, tem colhido as mais amargas decepções da sua politica escolar. Uma dellas, e não a menos angustiosa, consiste na presente rebeldia do seu corpo de professores officiaes contra o Governo. E' sabido que em um recente congresso elles votaram conclusões deprimentes para a autoridade publica. O Ministro da Instrucção directamente atingido pela attitude facciosa dos congressistas, em carta confidencial aos inspectores de ensino expediu ordens no sentido de mallograrem no meio escolar as insolitas decisões da affrontosa assembléa. A esta circular replicou o Syndicato Nacional de Professores, com uma incrível ousadia, affirmando seu proposito de dar execução ás deliberações do congresso e rompendo definitivamente com o Governo, ao qual se permittiu a liberdade de fazer referencias desairosas. A primeira resposta positiva do Poder publico a essa insolencia cõsistiu em um decreto reduzindo de modo consideravel a participação official em institutos de ensino laico, medida que attingiu a varias Escolas Normaes, primarias, superiores, de commercio, artes, industrias, etc. Sem embargo, ha que reconhecer que esse conflicto não será facilmente solucionado, por maior energia que empreguem as autoridades, visto como o Syndicato reúne mais de dois terços do magisterio francez. De modo que a rectificação da desastrada politica escolar, que o sectarismo revolūcionario e maçonico impoz ao paiz, em França, constitue um grave problema de administração para os seus estadistas precisamente nesta hora em que sobram naquelle paiz motivos de inquietação.

#### DISTURBIOS NA UNIVERSIDADE CENTRAL DE MADRID

Os jornaes publicaram na secção telegraphica, noticias dos disturbios verificad os recentemente na

Universidade Central de Madrid por occasião das aberturas das aulas. Este acto, que sempre se realizou com expressiva solemnidade, foi perturbado e, por fim, suspenso dada a attitude irrespeitosa, anarchisadora e turbulenta que, durante a mesma, assumiu uma grande parte da assistencia. O inicio dos tristes episodios de que nos occupamos, consistiu no discurso do academico que representava, no acto, o corpo discente, de uma irreverencia grosseira não sómente para com a Religião senão ainda para com a Patria na mais gloriosa de suas tradições, e igualmente para com os mestres, aos quaes não pode conferir tratamento mais respeitoso que o de "companheiros", e a quem fez alvo de uma critica inoportuna e cruel. A seguir a esse im-

pertinente arrazoado succederam-se as vaias, inclusive á pobre cantarola que a Republica elevou ás honras de hymno official de Hespanha. E quando a confusão chegou ao auge um grupo de estudantes entoou entre gritos de applausos e protestos a "Internacional". As autoridades presentes á cerimonia retiraram-se dando por finda a solemnidade sem se ter realizado o seu programma principal que é a distribuição dos premios aos alumnos distinctos do anno findo. Os republicanos, como arma contra a Monarchia, fomentaram a indisciplina nos meios escolares. E estavam na tóla supposição de que, cambiado o regimen politico, os estudantes volvessem ao respeito da autoridade e ás puras lides academicas. E resulta, como está na logica dos factos, aliás, que dia a dia mais se exasperam os conflictos nas Universidades hespanholas, notadamente na de Madrid onde, depois da Republica, já se verificaram repressões tão violentas, que nunca se imaginou possiveis no regimen decaído. E vamos para frente com a orientação laica, apesar disto...

NÃO ATIREM QUE JA' SOU  
MINISTRO....

Conta-se de certo demagogo,  
que tendo promovido uma re-  
volução contra o Governo do  
seu paiz, e ao iniciar o movt-

mento, com as forças estendidas em frente ao palacio do Chefe de Estado, foi intimal-o a depôr a investidura. Este, porém, velho conhecedor dos homens e habil corruptor de improvisados Catões, recebeu com extrema gentileza o chefe revolucionario e, em meio da conversa, insinuou que uma solução admiravel para as dificuldades do momento consistiria em que seu interlocutor se dispuzesse a fazer o sacrificio de aceitar no seu Governo uma pasta de Ministro, para o que fazia um appello ao seu patriotismo. Appello a que o furibundo revolucionario promptamente accedeu. E ao descer as escadarias do palacio notando que seus soldados estavam de armas apontadas para o mesmo, aguardando apenas a ordem de fazer fogo, apressou-se e gritou: "Não atirem, não atirem que já sou Ministro". "Si non é vero..." Este episodio vem a proposito do commentario feito pelo correspondente de um jornal hespanhol em Paris, relativamente á subita transformação operada no espirito bellicoso da chamada "ala moça" do partido radical socialista francez, que ameaçava com os maiores desatinos aos directores do mesmo no proximo congresso da agremiação, realizado, e que, não obstante, não se concretizaram, porque, segundo informações colhidas pelo referido jornalista, se acenou com a possibilidade de contemplar com lugares no Gabinete Daladier a representantes da iracunda



corrente. Repete-se assim o jocoso episodio: não atirem, não atirem que já sou Ministro...

**EACH FOR ALL AND ALL FOR GOD**

Ao lemma: "trabalhadores de todo o mundo, uni-vos", Dudley, S. J. propõe uma rectificação opportuna em solido artigo publicado pelo "Catholic Times". Como é sabido, esse lemma é, principalmente, um grito de guerra do extremismo proletario. Ora, a guerra não constitue solução para nenhum problema, senão sua aggravação. Os problemas de ordem social não poderiam fugir á essa regra. Toda gente de mediano bom senso está sobejamente convencido de que o aplainamento dos obstaculos presentes á harmonia das varias classes, notadamente das patronaes e operarias, tem que ser obra de reciproco entendimento sob os auspicios do Estado para dar força ás deliberações que resultem, e mesmo para remover difficuldades ao seu alcance. E' claro que um tal programma não se póde desenvolver em ambiente de stricta laicidade. Ou Deus é admittido como centro de nossa vida ou esta não tem sentido. E assim, perdida no abysmo de suas contradicções, em vão se tentará encontrar formulas que permittam ao homem viver confiadamente em sociedade. Assentado este principio indeclinavel, Dudley manda substituir o citado appello marxista pela sentença profundamente christã, que assim expressa "each for all and all for God" — um por todos e todos por Deus...

**TAMBEM OS ESTADOS UNIDOS**

Inesperadamente, si assim se póde dizer, os Estados Unidos buscaram um entendimento official com os Sovlets. Nenhum interesse conhecido da grande Republica preconizava a politica de approximação que Roosevelt tão atrevidamente leva a effeito. Do ponto de vista puramente economico, sem relações officiaes estabelecidas, a Russia dera já, quanto podia, ao commercio yankee. E dera, não por sympathia nem qualquer influencia sentimental para com a grande nação do Norte, senão porque assim convinha aos seus interesses. Os conhecedores da vida internacional assignalam nos jornaes europeus que pouco repercutirá na vida de negocios dos dois paizes o acto do reconhecimento da dictadura sovietica pela democracia norte-americana. Como, pois, explicar o alento moral que os Estados Unidos acabam de levar a Stalin e sua camarilha? Até o momento só uma conjectura parece cabivel: a velha e perigosa rivalidade nipponico-americana. A grande (grande no sentido dos interesses que envolve) politica norte-

americana é a politica asiatica. O Japão é em verdade o unico paiz do mundo que tira o somno aos politicos da terra de Tio San. E como, por sua vez, constitue um espantelho em Moscou, salta aos olhos que uma conformidade de vistas entre a Russia e os Estados Unidos em materia de politica asiatica póde se impôr de modo a que ambos esqueçam os motivos de fundada repugnancia que os separam.

#### A OPINIÃO CATHOLICA EM ASSUMPTOS DE ACTUALIDADE

E' frequente verem-se catholicos se expressar sobre os assumptos da actualidade com imprudente ligeireza, emittindo idéas pessoaes, e, não raras vezes, inspiradas por lastimaveis influencias, sem indagar si sobre a materia existe alguma indicação da Egreja através dos Soberanos Pontifices. Este facto deploravel se comprova principalmente quando se trata de questões sociaes e, particularmente, de economia. Com o intuito de fazer sanar esse perigoso inconveniente, a Federação Catholica de Westminster (Inglaterra) tomou a resolução de promover por meio de conferencias, de artigos opportunos na imprensa, de meetings, e dos demais ao seu alcance, uma intensa e pertinaz diffusão dos ensinamentos dos Santos Padres, em tal dominio, com o fim de orientar em sentido catholico a opinião dos catholicos sobre themas tão complexos e de tamanha transcendencia nas relações dos homens entre si e no cumprimento dos seus deveres espirituaes.

A imprensa européa no mez BOATOS DE CONCORDATAS findo, vehiculou insistentemente o boato de uma supposta negociação entre o Vaticano e as Chancellarias de França e da Russia, para os fins de estabelecer uma Concordata com esses dois paizes. Tão persistentes foram taes boatos, que o "Osservatore Romano" julgou opportuno commental-os e desmentil-os categoricamente. Assim, não resta a menor duvida de que, pelo menos na Santa Sé, o assumpto carece de todo fundamento. Comtudo, seria importante saber de onde partiram esses rumores e com que intenção foram lançados aos quatro ventos da publicidade. Sem duvida, em relação á Russia elles affectam todo o character do absurdo. E' verdade que nestes ultimos tempos os Soviets têm operado uma série de retiradas que equivalem a uma rectificação mesmo em pontos fundamentaes da sua ideologia. Ainda assim parece prematuro pensar que elles se aventurem a uma negação tão completa de si mesmos como seria o abandono da politica de hostilidade á Religião. O caso da

França, no entanto, é muito diverso. O ranço anticlerical já passou de moda entre os seus homens publicos que, explicita ou implicitamente se empenham agora em ũma obra de concordia de todas as forças nacionaes, inclusive das forças religiosas. Além disto não lhes passa despercebido a contribuição trazida á obra de cohesão e vigor social que, para a Italia e a Allemanha resultou da Concordata que firmaram com o Vaticano. De modo que, segundo se chegou a dizer na imprensa européa, o boato, em relação á França, partiu mais ou menos dos meios officiaes, á guisa de balão de ensaio, não sendo difficil que o em relação á Russia proceda da mesma fonte para "camouflar" o primeiro...

A Festa da Raça, instituida e adoptada em toda a America Latina, deve constituir um justo orgulho para a Hespanha, pois que, em verdade o que nella se glofifica são o genio, a energia, a fé e a audacia do seu povo. O episodio da descoberta e colonização da America, sem duvida nenhuma, ao tempo em que estende o dominio de Hespanha a regiões tão vastas que, com justa ufania um seu Soberano declarou que em seu imperio nunca o sol se punha, exalta a alturas nunca attingidas a fama de uma raça prodiga em santos, sabios e heroes. Essa epopéa, no entanto, é um milagre de fé, da antiga fé catholica da gente hespanhola, que a pobre gente que agora a governa, sinceramente abomina. E sendo assim, claro que não póde alcançar o espirito da commemoração ás virtudes dos seus antepassados. E comprehende-se, então, porque, desde o advento da Republica a Festa da Raça decorre em Hespanha sem animação e sem estimulos. Este anno, para cumulo, verificou-se durante o acto official, em Madrid, um incidente verdadeiramente grotesco. Ao ser içada no local em que a cerimonia se celebrava a bandeira official da Raça, as autoridades se retiraram porque na mesma figuram tres grandes cruces representativas das cavellas de Colombo... Neste acto, é evidente, está uma desconsideração aos paizes americanos entre os quaes a bandeira foi concebida e que lhe deram a consagração official. E está tambem, será prudente não esquecer, aquelle conhecido horror do anjo das trevas ao symbolo da nossa Redempção.

Estes ultimos annos, como  
 UMA REACÇÃO DO SOCIALISMO é geralmente sabido, se  
 caracterizaram no domi-  
 nio das actividades partidarias pela derrocada do Socialismo.  
 Com effeito, batido aqui, escorraçado alli e abominado acolá,

depois de haver chegado aos pinaculos do Poder o Socialismo não conhece, como diziamos, nestes ultimos annos, senão derrotas e humilhações. E tenha-se em vista seu fracasso na Inglaterra, na Australia, na Italia, na Austria, na Allemanha, na Belgica e mesmo em França, onde, como vimos no ultimo congresso que realizou, não teve forças para tomar deliberações, temeroso de exteriorizar de modo muito patente o processo de corrupção que decompõe as fibras mais intimas das suas entranhas. A actividade, porém, dos grupos marxistas internacionaes se concentrou em Hespanha, com o advento da Republica, que trouxe os socialistas ao Poder. Dois annos de dominio foram bastantes, no emtanto, para desacredital-as inteiramente. De tal sorte que um homem como Lerroux, já em caminho da invalidez, com um ponta-pé certo reduziu a frangalhos o poderio immenso que alardeavam. E viu-se mais uma vez que toda a prósapia do Socialismo governante assenta exclusivamente no prestigio que dá aos seus apaniguados o desfrute dos cargos publicos de relevo. E' isto, precisamente, o que está se verificando em Hespanha. Não obstante, alguns sectores do Socialismo, alli, procuram reagir, sobretudo o grupo da juventude. E neste sentido acabam de lançar um appello a todos os companheiros com o fim de organizarem-se militarmente para a acção social. Este appello, por mais fervoroso que pareça, no fundo é demasiado ingenuo. Pois não vimos ha pouco tempo em Allemanha e em Austria essas organizações militarizadas cederem a um imperioso gesto do Poder ? Bem se vê que o Socialismo hespanhol está em crise de desespero...

DIZ O CHEFE DE ESTADO  
DE UMA REPUBLICA

Nas festas commemorativas do centenario da libertação de Vienna o Sr. Micklas, Presidente da Republica austriaca, pronunciou um notavel discurso, que repercutiu na imprensa mundial. Para nós outros, a parte realmente significativa da allocução, commentada segundo a ideologia de cada jornal, foi aquella em que feriu o problema religioso. Com effeito, o primeiro Magistrado de uma nação centro-européa, que figurou sempre á frente das mais cultas do velho Continente, falando de publico, não se temeu de fazer affirmações como esta: "A época da laicização do espirito europeu, que produziu effeitos tão desastrosos em nossa vida publica e privada, agoniza, chega ao seu termo. Depois da violenta extirpação do espirito christão da vida dos povos, que foi o grande peccado das gerações passadas, impõe-se agora a necessidade de recórrer novamente ás coisas sagradas". No trabalho urgente de reconstrucção do mundo considera

os immensos recursos naturaes e sobrenaturaes da Egreja, de que nenhum povo pode prescindir; exalta o papel de Maria Santissima na defesa do paiz, tantas vezes comprovado em sua Historia gloriosa, e termina rendendo ao Pae Supremo da Christandade esta cálida homenagem: "Com amor, fidelidade, veneração e reconhecimento, o coração da Europa sauda o Papa de Roma". Eis o que diz o Chefe de Estado de uma Republica civilizada, pondo em relevo, mais uma vez, que a verdadeira Democracia pode conviver com a Egreja na mais estreita união, e que os que identificam Republica com laicismo, são pobres espiritos vãos ou tristemente sectarios, que, Deus louvado ! já começam a feder a bolor...

**VOLTAS DO MUNDO...** O Chanceller da Austria, Sr. Dollfuss, foi entusiasticamente applaudido quando pronunciava um discurso na sessão plenaria da Liga das Nações, a 27 do mez passado. Dizem os observadores da imprensa mundial que, uma ovação assim tão expontanea e tão calorosa, só ha noticia de ter sido tributada a Briand. E sem embargo, em sua famosa oração o Sr. Dollfuss accentuou o character emiñentemente catholico do povo austriaco e affirmou que para solucionar os problemas sociaes de sua patria "o Governo austriaco se inspira, sobretudo, nos principios pontificios". Vemos assim em uma assembléa laica por excellencia, consagrados os ensinamentos das Encyclicas na direcção moderna dos povos. Bem razão, pois, tem o Presidente daquella nação, ao dizer, como se terá visto na nota anterior, que "a laicização do espirito europeu agoniza, chega ao seu termo", "Dieu, merci" !...

#### MAIS UMA VICTORIA DIPLOMATICA DA SANTA SE'

A longinqua Republica balcanica da Estonia, acompanhando a politica moderna dos grandes Estados, acaba de estabelecer relações diplomaticas com a Santa Sé, creando no Vaticano uma embaixada, que será correspondida com a designação de um Nuncio para aquelle paiz. Deste modo se eleva a trinta e tres o numero de nações, de todos os continentes, que mantêm representantes junto á augusta pessoa do Soberano Pontifice. Em verdade, raras vezes na Historia se tem noticia de um Pontificado como o actual, de uma tão prodigiosa actividade em todos os sentidos da acção da Egreja e, ao mesmo tempo, de uma tão espantosa felicidade em todos os seus empreendimentos. Não podemos, nem é necessario, aqui, passar

em revista todos os successos de que se corôa a gestão de S. S. Pio XI, bastando-nos referir, mesmo de corrida, os do campo politico. Com effeito, uma das lamentaveis consequencias do estado de espirito que se formou antes da grande guerra, foi a decadencia das relações officiaes dos Estados com o Vaticano. De modo que um dos objectivos do Papa gloriosamente reinante consistiu em restabelecer o prestigio da autoridade do Vigario de Christo junto dos poderes publicos de todos os povos. E do exito desse commettimento já adiantamos o facto eloquente de existirem no momento, com a deliberação do Governo da Estonia, 33 paizes que mantêm representantes acreditados junto ao Soberano Pontifice. Porém a estê proposito não seria demasiado accrescentar uma referencia ás doze Concordatas firmadas no presente Pontificado, das quaes duas, a de Italia e a da Allemanha, como diz "El Debate" de Madrid, "são um reconhecimento pleno da personalidade da Egreja, de sua independencia e de sua liberdade do mesmo modo que uma solemne consagração dos seus direitos espirituaes".

A unica significação clara,  
positiva, da ultima crise  
do Governo hespanhol é a

NOVA QUEBRA DO SOCIALISMO

do fracasso irremediavel do Socialismo que, com o advento da Republica, se apoderara do Poder no antigo reino dos Bourbons. Para quem conhece um pouco as coisas hespanholas, não é segredo que o Socialismo, antes de Primo de Rivera, como força politica activa, nada valia, em Hespanha. Foi graças á falta de visão politica do Marquez de Estrella, e á sua excessiva boa fé, que o marxismo se organizou naquella península. Sabe-se que varios dos seus operosos caudilhos desempenharam funcções publicas de responsabilidade na Dictadura, e poderam desenvolver com a complacencia do mallogrado militar, uma politica social consoante aos seus propositos de subversão das instituições nacionaes. Deve-se em muito, á esse trabalho de sapa, o rapido triumpho do novo regimen que Hespanha padece. A verdade, no emtanto, é que a actuação dos socialistas no Governo foi a tal ponto desatinada e nefasta, que impopularizou, de todo, e para sempre, naquella Republica, sua doutrina e as figuras de prôa do partido. E si acaso o Socialismo ainda apparenta algo de força em Hespanha é porque o novo Governo, ou digamos, o Sr. Lerroux, não perdeu de todo o medo a esse "papão", que, por sua vez, não perdeu a habilidade de se fazer temido mostrando a possante dentadura que possui, dentadura que, não obstante (e isto parece ignorar a nova gente que está nos postos de mando) é artificial, é supposta...

## OUTRA RECTIFICAÇÃO PEDAGOGICA DOS SOVIETS

Ninguém ignora que, a começar mesmo, de Lenine, o Communismo, uma vez trepado no poder, em Russia, tem soffrido uma série de alterações, algumas em materia fundamental do seu programma, o que leva fatalmente a concluir que, ou o Communismo é um sonho ou uma allucinação em pugna com a realidade, ou a infidelidade é a característica da sua concretização pelos Soviets. Em assumpto de ensino, por exemplo, tem malbaratado tempo e dinheiro em experiencias sem ter logrado, até hoje, estabelecer, de um modo definitivo as linhas mestras da sua orientação pedagogica. Ainda agora a imprensa noticia mais uma reïforma no programma escolar em Russia, consistindo na resolução adoptada pelo Comité Central do partido communista da União das Republicas Sovieticas de admittir para leitura da infancia nos estabelecimentos de ensino, livros de litteratura classica, sendo de notar que um dos primeiros autorizados foi "Robson Crusoe", no qual, como é sabido, encontram-se os mais impressionantes estimulos ao individualismo, e em que se patentêam os instinctos capitalistas da humanidade.

## ESCOLA LAICA E PATRIOTISMO EM FRANÇA

Como é sabido, reuniu-se em Paris, nos primeiros dias de Agosto ultimo, o Congresso do Syndicato Nacional de Professores de França. Para se ter idéa da sua significação basta dizer-se que elle fallou por oitenta mil professores socialistas, que a tanto sobe a cifra dos que se acham filiados, naquelle paiz, ao partido marxista. Accrescentemos que em varias das suas deliberações teria agido por noventa mil, pela coincidencia, dessas, com o pensamento dos dez mil professores communistas existentes no magisterio publico francez. Dahi a importancia de que se revestiram as decisões do mencionado Congresso. De taes decisões uma escolhemos para o nosso commentario de hoje: a que recommenda a todos os professores publicos da Republica, que preparem desde logo, pelos meios ao seu alcance, na escola e na sociedade, a grêve geral contra a guerra. Não se faz distincção alguma sobre guerra justa e guerra injusta, sobre guerra de defesa e guerra de aggressão. Para esses, digamos, 90.000 mestres francezes, não tem importancia alguma que a guerra se declare para vingar ultrages feitos ao seu paiz, para salvá-lo de uma invasão imminente, para a defesa do territorio nacional, para preservar do saque a riqueza publica e privada, para proteger a honra

e o lar do povo francez. Não; tudo isso nada vale. A grève deve ser preparada contra a guerra, sejam quaes forem as circumstancias que lhe dêem causa. Claro está que no meio escolar esse preparo consistirá em incutir no animo infantil o desprezo pelas glorias militares do paiz, o desdem pelos heróes que a Historia venera, a diffamação contra os estadistas cujos nomes estejam unidos aos fastos guerreiros da Nação. Isto significa, simplesmente, que a escola laica, depois de libertar-se da hypocrisia que dissimulava sua fundamental hostilidade á Religião, agora despe-se de outra, que apparentava sua possivel convivencia com a idéa de Patria. E haverá ainda papalvos que acreditem sinceramente nas promessas de neutralidade da escola laica ?

FRUCTOS DA DECANTADA  
ARVORE DO DIVORCIO

A razão não serve de nada aos individuos a quem o interesse ou a paixão arrola na defesa de uma causa. Esta, precisamente, é a situação dos divorcistas. Batidos em todos os campos da sua argumentação, sem apoio em nenhum principio de ordem moral ou scientifica, ao contrario, tendo em opposição á sua these a Moral e a Sciencia, sem embargo, obstinam-se em sua prégação, valendo-se de alguns sedícios tropos de litteratura sentimental. Seu dominio, presentemente, o devem ao gosto que ainda existe na sociedade pelo romance, pela novella, em que a realidade vale pouco em comparação do que vale o genio inventivo, o talento de emprestar a um a phantasia da imaginação, a riqueza de colorido, o surto lyrico, a vibração interior, de que somos dotados. De modo que é inutil todo esforço para convencel-os do seu erro. Ha, acaso, exaggero nesta affirmação ? Um facto de observação vulgar demonstrará o nosso acerto. Com effeito, fazendo uso de sua razão o divorcista deante das consequencias, já fartamente conhecidas do divorcio, seria obrigado a confessar: "estou equivocado". E como, em bôa fé, negar-se a esta confissão á vista de factos como o que o "New-York-Times" publica recentemente, isto é, a estatistica dos suicidios verificados nestes ultimos tempos nos Estados Unidos ? Isto porque a dita estatistica revela a porcentagem phantastica, sempre crescente, dos suicidas divorciados. Na realidade, durante o periodo 1921-1931, em Nova York, sobre 100.000 dos seus habitantes, suicidaram-se 34,1 homens casados, 15,0 mulheres casadas, 113,5 homens divorciados e 61,2 mulheres divorciadas ! Parece-nos que a simples enunciação destas cifras dispensa, de nossa parte, o commentario...



OS ESTADISTAS DA NOVA  
REPUBLICA

Uma das figuras altamente representativas da nova Republica hespanhola é o Sr. Angel Gallarza. Deputado ás Côrtes Constituintes, membro de commissões parlamentares das mais importantes, tendo desempenhado nestes dois annos do novo regimen cargos como o de Fiscal da Republica, Director Geral da Segurança (Chefe de Policia) e Sub-Director das Communicações, tudo indica que é um dos pró-homens da situação. Sua actuação contra a Igreja, neste triste periodo de sectarismo que se iniciou em Hespanha com o advento das novas instituições politicas, é alli sobejamente conhecida. Basta recordar que foi a alma damnada da Lei de Congregações, de cujos maiores agravos á consciencia catholica é imputado como autor. Parece, no emtanto, que a sua sêde de evidencia anti-catholica é implacavel. Assim se comprehende seu ultimo gesto, de que os jornaes dão, alli, noticia mais ou menos copiosa, e que consistiu em entrar na cathedral de Zamora, com um charuto na bocca, e sendo disto advertido por pessoa da comitiva, que suppuzera tratar-se de uma distração, não obstante, insistiu na irreverencia, aggravando-a com uma chalaça ao nivel da sua absoluta falta de educação. Aliás, sabido que os homens da nova Republica hespanhola têm como modelo, para cópia servil, Russia e Mexico, nada ha que estranhar nessa recente façanha do sr. Gallarza.

FRUCTOS DO LAICISMO  
EM ARGENTINA

O Sr. Luiz Barrantes, eminente publicista argentino, em livro que acaba de publicar, "Desde un tonel", faz uma analyse corajosa da obra do laicismo em sua patria. As conclusões a que chegou são as mais impressionantes possiveis. Accentua o crescente desenvolvimento da immoralidade naquella Republica, em cuja capital se contam nada menos de 200.000 pessoas atacadas de molestias venereas; a corrupção dos escolares accusada em sua linguagem impudica; a decadencia da cultura; o fracasso dos internatos officiaes; a degradação das Escolas Normaes transformadas em fabricas de anarchistas, etc., etc., sem olvidar uma das terriveis consequencias desse neo-paganismo: a tristeza da juventude, já fatigada da busca inquieta e precoce dos prazeres do mundo. E' tempo de que nós outros meditemos esses exemplos que illustram a historia contemporanea do laicismo em nosso Continente.

**A MODESTIA DOS ESTADISTAS DA  
REPUBLICA DE TRABALHADORES**

paixão do fausto. O anno passado executou uma serie de reformas no palacio que occupa como Presidente de Gabinete, com o objectivo de lhe dar maior sumptuosidade. Para attender, em parte, ás exigencias do luxo desse palacio, o orçamento da Presidencia obteve um accrescimo de cerca de doze milhões de pesetas annuaes...

O Sr. Azaña, Chefe do Governo hespanhol, em que pese á sua procedencia humilde, tem a

**O BOM SENSO TRIUMPHANDO  
EM FRANÇA**

virtude da qual estava suspensa a realização da tradicional procissão de Nossa Senhora de Puy.

O Conselho de Estado da Republica franceza annullou a disposição prohibitiva do alcaide de Clermont, em

**EXERCICIOS ESPIRITUAES  
EM HAYA E EM GENEBRA**

nebra. Ao primeiro compareceram tres Ministros de Estado, cerca de 150 diplomatas, tres generaes, além de outras pessoas de distincção social. Ao de Genebra, promovido pela Princeza Giustiniani Brandini, do Secretariado da Sociedade das Nações, compareceram cerca de 250 membros desta Sociedade, além do Presidente do Estado de Friburgo, e outras pessoas notaveis.

O Padre Lhandi, eminente Jesuita francez, em Maio ultimo prégou um retiro espiritual em Haya e outro em Ge-

**LEY DE CONFESIONES  
Y CONGREGACIONES**

iniquidade". Vejamos algumas de suas consequencias immediatas: quasi um milhão de escolares, 350.000 enfermos, 18.000 loucos, 15.000 leprosos e mais de 38.000 asylados ameaçados de perder a assistencia e protecção dos Religiosos.

O Santo Padre, em discurso a uma peregrinação hespanhola, o mez passado, applicou a essa lei o qualificativo merecido: "Obra prima de

**EM VIGOR O DIREITO DOS PAES**

França e Colonias, realizou o mez passado um grande Congresso no qual se fizeram representar cerca de 40.000 membros. Ao banquete de clausura do mesmo compareceu o Sr. De Monzie, Ministro da Instrucção naquelle paiz, o qual, em discurso que

A Federação Nacional de paes de alumnos de Lyceus e Collegios de

alli pronunciou, fez as seguintes declarações: “Não creio na possibilidade de uma instrução publica que corresponda aos desejos da familia e da nação, si se exclue a liberdade de ensino”. Abordando a questão moral e religiosa, acrescentou: “Os direitos do professor terminam onde começam os vossos. Si algum mestre, em função, commettesse alguma falta a este respeito, os paes dos alumnos teriam, não sómente o direito, sinão o dever de reclamar”. Isto não será motivo, bem o sabemos, paro que esse pobre infatuado que “desdirige” a instrução publica no Districto Federal, o Dr. Anisio, rectifique sua politica escolar de “nouveaux riche” da pedagogia...

#### ACTIVIDADE CATHOLICA EM LONDRES

A Igreja Catholica, na Inglaterra, dá mostras, no presente, de uma actividade infatigavel em actos exteriores. Por todas as dioceses britannicas organizam-se “meetings” aos quaes comparecem os Bispos e em que frequentemente tomam parte, como oradores. Um destes “meetings” se realizou o mez passado em Londres, figurando entre os que discursaram para a multidão, que assistiu, o Arcebispo de Liverpool e o Bispo de Brentwood, deixando de fallar no mesmo, por prohibição medica, S. E. o Cardeal Bourne. Cada orador se occupou de desenvolver de modo succinto, porém claro e convincente, um assumpto de actualidade, entre os quaes tiveram especial relevo a situação russa, o capitalismo, o socialismo, o communismo, os problemas economicos, os da familia, etc. Um telegramma do Cardeal Pacelli, enviando as benções do Santo Padre ao Episcopado britannico e aos fieis presentes ao “meeting”, encerrou, entre applausos, o concorrido acto.

#### UMA DEFESA QUE OS JUDEUS DISPENSARIAM...

O Ministro de Estado de Hespanha, Sr. Zulueta, como é sabido, em pleno Conselho da Sociedade das Nações, tomou a defesa dos judeus, a quem o actual Governo racista impõe restricções para que vivam na Allemanha. A justificação dessa defesa se baseou, sobretudo, na conveniencia de respeitar os tratados e convenios. Parece impossivel que o representante de um paiz que falta escandalosamente ás obrigações de um tratado, como é uma Concordata, e onde, não estrangeiros, porém os proprios nacionaes, por motivo de crença, soffrem na actualidade perseguições as mais iniquas; onde, como tanto se affirmou recentemente, se infringe clamorosamente os compromissos assumidos em Versalhes com respeito

às minorias nacionaes, parece impossivel que seja um representante desse paiz quem tome a seu cargo a tarefa de focalizar na sociedade genebrina a questão judia na Allemanha, que resulta ridicula confrontada com a questão catholica na Hespanha de nossos dias ! Por uma coincidencia digna de nota, aconteceu que precisamente presidisse á sessão em que o Sr. Zulueta condemnou a supposta perseguição judia na terra de Hitler, o representante da Republica do Mexico em Genebra... Esta circumstancia accentua perfectamente a falta de sinceridade e de seriedade da intervenção do Ministro de Estado hespanhol em favor dos judeus.

#### A VERDADEIRA CONFERENCIA INTERNACIONAL

Em sua resposta á mensagem recebida do Arcebispo de S. Francisco da California, assegurando-

lhe as préces do Episcopado Cathólico americano pelo successo do seu Governo, Roosevelt fez uma affirmação que está na consciencia de todo mundo. "A unica Conferencia Internacional em que, de ante mão, escreve o Presidente americano, depositaria grandes esperanças, seria aquella em que os governantes se reunissem para pedir oficialmente a Deus, luzes especiaes para a resolução das ingentes necessidades publicas, cuja falta de resolução ou cuja má resolução, não já em futuro longinquo, senão em momento proximo, ameaçam a sociedade internacional". Na realidade, pouco ha que confiar nessas assembléas em que os homens se reúnem para discutir seus egoísmos ou dos povos que representam e em que, quando algo cedem, é menos pelo imperio da razão alheia do que pelo temôr á sancção da Força. Dahi sua comprovada esterilidade e o scepticismo com que a opinião publica acompanha seus incidentes e recebe suas decisões. Agora, se esses mesmos homens invocassem a inspiração de Deus para os seus trabalhos e estivessem interiormente dispostos para agir segundo as leis da Justiça e da Caridade, não haveria para elles difficuldade insuperavel nem se veriam na contingencia de adiar e adiar quasi indefinidamente suas assembléas para não confessar publicamente seu fracasso, como acontece com a já famosa Conferencia do Desarmamento.

#### PELA CULTURA E PELA DIGNIDADE DO PAIZ

O Conselho Nacional suisso acaba de approvar uma moção em que se pede a repressão dos "sem Deus" em nome da cultura e da dignidade do paiz. Como ninguem ignora, os "sem Deus" são organizações fundadas sob a inspiração e com o patrocínio dos Soviets, afim de destruir as crenças religiosas da

humanidade e dispôr os povos para a revolução universal com que esperam aniquilar nossa civilização e implantar no mundo seu dominio. Trata-se, pois, claramente, de uma obra orientada no sentido de minar as bases christãs da sociedade e a sacrificar aos appetites de mando de um bando de barbaros, a independencia dos povos. Essa obra, necessariamente, implica em deformação da cultura porque subtráe o homem ao conhecimento da sua essencia especifica; implica em attentado á dignidade de um povo porque equivale á imposição de idéas e doutrinas estranhas e oppostas á realidade nacional.

#### A SUBSTITUIÇÃO DO ENSINO RELIGIOSO EM HESPANHA

Como é sabido, estão oficialmente estabelecidos em Hespanha os seguintes prazos para a substituição de todo o ensino religioso: o secundario em 1º de Outubro proximo e o primario em 1º de Janeiro de 1934. Para a substituição do primeiro está pedido um credito de 28 milhões de pesetas. O certo, no emtanto, é que o Governo não sabe ainda quanto vae custar o capricho sectario da substituição que projecta, ou antes, que pleiteou nas Córtes. A' esta altura ainda o Ministerio da Instrucção está a pedir estatísticas dos estabelecimentos confessionaes e do numero de alumnos de cada um ! E isto depois de affirmação rotunda de que já possuía esses dados. Para preparar (preparar é um modo de dizer) o pessoal docente de que vae necessitar, o mesmo Ministerio instituiu cursos electricos. De modo que a fabricação de um professor para os novos institutos officiaes obedecerá ali a processos tão expeditos quanto os de que se lançou mão no quadriennio Hermes para formar os famosos Bachareis de 60\$000 ! Ignorando a extensão dos centros de ensino religioso a substituir, ainda o mez passado, segundo lemos nos jornaes, as autoridades continuavam sem um plano a seguir. E para cumulo de caiporismo os socialistas em reunião celebrada na Casa do Povo, de Madrid, exigem que as novas cathedras sejam distribuidas de preferencia aos seus adeptos, sendo submettidas as restantes a concurso, como si o facto de ser socialista dêsse algum privilegio cultural aos seus apaniguados, e como si não houvessem socialistas bastantes em Hespanha para cobrir os novos empregos em perspectiva ! A falta de dados sobre o ensino a substituir, no Ministerio de Instrucção, no emtanto, não impede que os technicos do ensino se considerem aptos a avaliar o orçamento indispensavel para a dita substituição. Isto porque, de fonte particular, os referidos dados são conhecidos pois ao ser discutida nas Córtes a Lei de Congregações as estatísticas agora solicitadas foram publicadas pelos interessados. Deste modo, com os elementos de informacao a

que nos referimos, os gastos da substituição foram calculados pelos technicos não officiaes, nas cifras seguintes: 33 milhões de pesetas para mobiliario e material escolar e 400 milhões de pesetas para a manutenção annual das 57.000 escolas que o Governo deve fundar. E não constam deste calculo os gastos com a construção de predios escolares. E tambem não constam do mesmo os gastos com o ensino secundario. E menos ainda com o superior, que já se encontra suspenso ha mais de um anno sem haver sido substituido. E adeante-se ainda que o proprio Sr. de los Rios, que exerceu até ha pouco tempo o cargo de Ministro da Instrucção, calculava em 400 milhões de pesetas os gastos com a construcção dos predios escolares necessarios á referida subsbtituição. E junte-se ainda que sem este novo encargo já os orçamentos da Republica se encerram no anno findo, com um deficit de cerca de 4 mil milhões de pesetas... Quanto custa a paixão laica !...

Sempre me impressionou o facto ve-  
**DEUS CHARITAS EST.** rificavel, quotidianamente, de os remediados da fortuna serem mais esmoleres que os ricos. A causa ? Não me interessa perquiril-a no momento. Desejo, apenas, nesta ligeira nota, commentar a "Synopse de 1932", do movimento da Sociedade S. Vicente de Paulo neste Estado e mostrar como os algarismos comprovam aquella observação.

O Bispado de Taubaté, o mais pobre dos dez que possuímos, inclusive a Capital, de S. Paulo, apparece em 1º lugar na estatística, uma vez com indice relativo e seis outras com indice absoluto, mas sempre em primeiro lugar. Entretanto, a sua zona é a das chamadas "Cidades Mortas". Todas as actividades productoras do nosso Estado se assignalam fortemente em outras regiões. A riqueza agricola, industrial e commercial avulta, com a crise ou sem ella, em outras zonas. A do chamado norte do Estado augmenta, por certo, mas de vagar, modestamente. Mas é o Bispado de Taubaté onde a Caridade, essa flor maravilhosa que esplende na terra e eleva o seu perfume até aos céos, mais se cultiva, mais se pratica. Já uma vez assignalei que era esse o bispado brasileiro em que talvez mais padres se ordenassem annualmente. Agora é a Caridade. D. Epaminondas Nunes d'Avila e Silva, tanto quanto diz a heraldica de seu nome e legenda de suas armas ("Deus meus et omnia") redoira todo o exercicio do seu "munus" com o toque da espiritalidade, cujo primado elle assegura em tudo quanto faz.

Mas Deus é a Caridade, portanto, o verdadeiro espirito cheio de Deus póde exceder-se sempre na observancia dessa Virtude divina.

Vamos aos numeros:

**MAPPA DO MOVIMENTO DA SOCIEDADE DE S. VICENTE DE PAULO, NA PROVINCIA ECCLESIASTICA  
DE S. PAULO, EM 1932:**

CONS. CENTR.	CONS. PART.	CONFRE-RENCIAS	Membros activos	SOCCORRIDOS		RECEITA	DESPESA
				Fam.	Pess.		
Bispado de São Paulo.....	21	170	1.952	8.621	34.795	836:972\$370	692:430\$000
Bispado de Campinas .....	3	25	295	396	1.241	90:930:150	72:037\$000
<b>Bispado de Taubaté .....</b>	<b>21</b>	<b>204</b>	<b>2.275</b>	<b>750</b>	—	<b>146:262\$100</b>	<b>118:069\$000</b>
Bispado de Botucatu .....	3	37	546	132	356	31:625\$300	28:944\$000
Bispado de São Carlos .....	6	51	729	372	1.143	119:521\$200	106:165\$000
Bispado de Ribeirão Preto ..	2	27	408	536	1.535	62:490\$400	60:716\$000
Bispado de Santos .....	5	30	353	128	414	60:008\$510	49:352\$000
Bispado de Sorocaba .....	2	19	263	141	480	24:432\$150	19:993\$000
Bispado de Bragança .....	2	13	315	120	334	13:316\$150	12:103\$000
Bispado de Jaboticabal .....	1	13	115	83	218	15:711\$700	15:108\$000
	<b>66</b>	<b>589</b>	<b>7.251</b>	<b>11.279</b>	<b>40.516</b>	<b>1.401:270\$030</b>	<b>1.174:917\$000</b>

A ORDEM

Mas não fica ahí o zelo pastoral de D. Epaminondas, grande alma illuminada de apóstolo.

Ha poucos dias noticiava o "O Estado de S. Paulo", em sua edição de 1º do corrente, a admiravel instituição, em São José dos Campos, das "Pequenas Missionarias de Maria Immaculada". Sete moças paulistas, da velha fibra da nossa "raça", decidiram-se em vestir a tunica modesta de missionarias e provêr, naquella estação climaterica para onde accorrem de preferencia as pessoas pobres atacadas de tuberculose, pela assistencia completa dos desamparados enfermos. Não esperaram a ajuda de governos e nem de particulares. Bastou-lhes a protecção de seu grande bispo humilde, D. Epaminondas, e a fé infrangivel na Divina Bondade, para se lançarem numa luta fermidavel, sem tréguas, ardua, penosa, mas que maravilha pelo arrojo e pela belleza sem par que a sublima.

E' uma grande campanha humanitaria, social e religiosa que já no inicio começa a repercutir na imprensa leiga e a forçar a attenção dos poderes publicos.

O espirito do Egoismo tenta em vão avassalar as consciencias. Quando menos se espera, é a propria contemplação de suas devastações que desperta no homem moderno, saturado das mesquinhas terrenas, sentimentos como esse, da mais pura e elevada caridade christã.

Como são grandes, na verdade, essas pequenas missionarias e como é admiravel o zelo do bispo que as anima !

(S. Paulo, 3- 10-33 — A. N. de S.)

FRUCTOS DO LAICISMO ESCOLAR NO MEXICO

Quando Elias Calles, de sinistra memoria, emprehendeu a destruição do ensino no Mexico, sob o pretexto de reformal-o, seguindo as inspirações da Maçonaria, implantou alli o regimen do laicismo escolar. Como esse laicismo, o que é coisa sabida, não admitta o regimen de liberdade escolar e tolere, menos ainda, a escola confessional, foram suppressos, de golpe, naquella Republica, todos os centros de ensino religioso. Não faltou, então, quem predissesse o fracasso dessa politica sectaria, demonstrando a impossibilidade material em que o Estado se encontrava para substituir o ensino injustamente condemnado. É sabido, tambem, que, obstinando-se o Governo em seu criterio, dois milhões de crianças ficaram de prompto, sem ter onde apprender as primeiras letras. Declarou-se, então, que tal situação seria provisoria pois que o Estado não tardaria em remedial-a. De como cumpriu essa promessa temos um eloquente testemunho no memorial que a Sociedade de Maestros Normalistas mexicanos acaba de dirigir ao Presidente da Republica, de que destacamos



o trecho seguinte para offerecer aos apologistas da presente situação politica, ou melhor, dos dominadores actuaes da nação irmã: "De nossos meninos só a minoria recebe a rachitica instrucção que se dá nas escolas primarias. Os demais, que attingem á pavorosa somma de quasi dois milhões, permanecem injusta e desgraçadamente abandonados, fóra de toda obra educativa consciente, por insignificante que seja". Isto significa, nem mais nem menos, que o numero de escolares que sobrou com o fechamento das escolas religiosas segue sem ser absorvido, não obstante se haver improvisado em escola, naquella Republica, quanta baiuca infecta havia disponivel, e se ter concedido o titulo de professor, a pretexto de emergencia, a quanto semi-analphabeto ousou collocar-se nos postos dos congregados que o Governo excluia do magisterio.

De nossa parte não regatearemos os elogios a que faz jús o senso de propaganda dos Soviets. Ninguem ignora que a esse aspecto da expansão do seu dominio a U. R. S. S. consagra uma consideravel parte das rendas publicas, possuindo a seu serviço um corpo de technicos dos mais peritos que se conhecem em assumpto de tal natureza. Graças a essa excellente organização e ás innegaveis habilidades dos seus agentes no exterior, sabem os Soviets escolher as opportunidades e as pessoas que lhes possam prestar serviços inestimaveis. E' o que se comprova com a visita de Herriot á Russia. Na realidade, em qualquer outra circumstancia essa visita poderia resultar contraproducente, e mesmo perigosa. Com effeito, se o illustre politico francez realizasse uma viagem aos dominios de Stalin como simples particular, sem objectivo politico de nenhuma especie, poderia, ao regressar, dizer algo de inconveniente para a propaganda communista no estrangeiro, como aconteceu com Vandervelde, o chefe socialista belga. Agora, viajando a convite dos Soviets em momento em que, atemorizado deante da perspectiva da nova guerra, que considera inevitavel, e com a idéa fixa de obter allianças para o seu paiz na hora da catastrophe, Herriot não tem liberdade para exteriorizar senão sentimentos de amizade, ainda que insincera, para com as situações politicas que, aqui ou alli, não importa, detém os destinos dos povos. Assim se comprehendem as demonstrações de sympathia, que expressou á imprensa ao regressar de sua recente viagem ao ex-imperio moscovita.

O actual Ministro da Justiça de Hespanha, em dias do mez passado, declarou em uma roda de jornalistas, que para os cargos da Magistratura prefere as convicções republi-

#### JUSTIÇA SEJA FEITA AOS SOVIETS

#### A DECADENCIA DO DIREITO EM NOSSOS DIAS

canas ao saber juridico. Claro que esta opinião não é original. Pertence mesmo ao acervo de doutrinas como o socialismo e o communismo. E até no Brasil não devem causar estranheza pois que é frequente ouvir-se aqui, de proceres da nova situação politica, que não ha direito contra a Revolução. Que se dissesse, no caso do titular hespanhol, que ha incompatibilidade entre o justo e qualquer outro systema politico que não o republicano; ou no caso dos nossos revolucionarios, que o justo é privilegio de sua facção, seria uma comprehensivel manifestação de partidarismo. Porém fazer crer que na administração da Justiça melhor acerta quem melhor se identifique com determinado credo politico, e que o Direito esteja em funcção de qualquer causa revolucionaria equivale á negação da propria ordem juridica. Aliás, desde a Renascença não se tem feito outra coisa. O movimento de autonomia do Direito visando subtrair-o á autoridade de Deus, é um movimento subversivo. E como tal recebe a mais acerba punição nessa negação da propria substancia, dos mesmos fundamentos do Direito.

Um jornal catholico de Antuerpia  
**A REPERCUSSÃO DE** “Gazet van Antwerpen”, em editorial  
**UM MANIFESTO** de 8 de Junho ultimo intitulado “A  
representação dos intellectuaes brasileiros”, commenta elogiosamente o manifesto apresentado á commissão constituinte e assignado por mais de 700 nomes illustres de todos os Estados do Brasil.

Pretende o jornal que os catholicos belgas devem tomar as idéas do sobredito manifesto como regra da sua actuação politica na luta escolar, reanimada na Belgica pela offensiva de liberaes e socialistas.

## B I B L I O G R A F I A

Mirkine Guetzevitch — AS NOVAS TENDÊNCIAS DO DIREITO CONSTITUCIONAL — Trd. de Candido Mota Filho — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1933.

Obra de grande atualidade, na hora presente em que se discute e se vai votar uma Constituição brasileira, nela estuda o autor, comparadamente, em face das novas constituições votadas em diversos países, o problema da racionalização do poder, o principio da unidade do direito publico, as declarações de direitos de após guerra, a votação popular e o parlamentarismo, as revisões constitucionais, o executivo ditatorial e a significação da politica do Executivo.

Menotti del Picchia — POESIAS — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1933.

Menotti del Picchia reuniu, neste volume, versos já publicados e outros inéditos, fazendo uma seleção de cerca de cinquenta das suas poesias.

Ocupam, assim, o livro, todas as fases literarias por que já passou o poeta. Desde o simbolismo rígido até o modernismo sem peias. Neste volume ha versos como este:

Aos seus pés ferve o rio, estala, estoura  
e a cordilheira pára, silenciosa,  
como com medo de pular o rio.

ou como estes:

Saudade, cheia de graça,  
alegria em dôr difusa,  
doença da minha raça  
pranto que a guitarra lusa  
em seu exilio verteu...  
Ah quem sentir-te não hade  
Si foi dentro da saudade  
que a minha Patria nasceu.

ou, então, como estes:

E porque não vê mais de anfora ao ombro  
a imagem da conga nas aguas do Kuango,  
êle fica na porta da senzala  
de mão no queixo e cachimbo á boca,  
varado de angustia,  
olhando o horizonte,  
calado, dormente,  
pensando,  
sofrendo,  
chorando,  
morrendo...

\*  
\*   \*  
\*

Mario Sette — SEU CANDINHO DA FARMACIA  
— Romance — Companhia Editora Nacional — São  
Paulo — 1933.

Mario Sette volta a aparecer como romancista publicando "Seu Candinho da Farmacia". Empolgado pelas tendencias modernas de uma literatura sem moral, o autor escreveu um livro que embora não seja propriamente imoral é, no entanto, amoral. Amoral pelos tipos que apresenta, pela linguagem solta que adóta, pelo desfecho mesmo do romance. Tudo neste livro de Mario Sette respira a vitoria dos instintos baixos. Seu Candinho, homem sem escrupulos, sem bríos, sem pudor, mulherengo e perverso, e, por isso mesmo, vencendo a probidade, a dignidade, a inteireza de carater de José da Penha, que sucumbe porque não sabe ser ruim e não quer ser mau. Amparo, menina de bons sentimentos, que tinha a sustentá-la o amor sincero do filho de José da Penha, acaba entregando-se ao vicio da cocaína, porque não suporta os escândalos maternos e, no entanto, promete um fim peor do que o da propria mãe. Os fuxicos, os murmurios do poviléu, as cenas populares, tudo é aproveitado pelo autor para triunfo da maldade humana. Um livro simples, bem escrito, leve e atraente, mas deixando nos que o leem, "a idéa de que a moral chegou a ser impraticavel e que a impossibilidade de ser sinceramente virtuoso coloca a consciencia humana na alternativa da hipocrisia ou da abdicação ante o prazer", como já o disse o cardial Mercier.

Rudyard Kellman — ENGLISH AND PORTUGUESE COMMERCIAL CORRESPONDENCE — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1933.

Até agora a nossa literatura técnica comercial, no tocante a livros como este ha sido muito para desejar. A “Correspondencia comercial de inglês e português” vem, pois, muito a proposito. Bem concatenados os assuntos, bem distribuida a materia, farta applicação de exemplos e notas inumeras no texto muito facilitam aos alunos de inglês e português comercial.

\*

\* \*

Monteiro Lobato — NA ANTEVESPERA — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1933.

Segundo o proprio autor, “este livro enfeixa uma serie de reacções ocorridas num periodo bem atormentado da vida brasileira”. E, por isso, tambem traz no bojo um punhado de desilusões. Com o passar dos tempos ficou o autor sabendo que “as revoluções revolvem... mas não melhoram o material revolvido”.

Coletanea de escritos variados, verdadeira colcha de retalhos, “Na Antevespera”, como toda colcha de retalhos, é uma reunião de pedaços de bom pano e de pano ruim. E’ esse o maior defeito das coletaneas de crônicas esparsas. Meia duzia de bons artigos não justifica o restante de pechisbeques, que servem apenas para completar o livro.

## CENTRO DOM VITAL BIBLIOTECA

Catulo da Paixão Cearense — FABULAS E ALEGORIAS — Civilização Brasileira Ed. — Rio de Janeiro — 1933.

O poeta do “luar do sertão” versou tambem a fabula, aproveitando assuntos populares. Livro já em segunda edição, dispensa, por isso, qualquer comentario, pois só esse fato de se haver esgotada a sua primeira tiragem prova que o poeta sertanejo tambem agradou como fabulista.

Elinor Glin — CEGUEIRA DE AMOR — Con-  
cordia Merrel — ADAO E ALGUMAS EVAS —  
Comp. Ed. Nacional — São Paulo — 1933.

Como parte da "Nova Bibliotheca das Moças", acaba a Companhia Nacional Editora de publicar os dois volumes acima. Embora escritos por senhoras, os temas versados são um pouco fortes. Não tanto para a geração avançada da mulher de hoje, que frequenta cinemas de fitas livres e se despe nas praias de banhos. Mas para muitas moças que ainda se querem conservar jovens no corpo e na alma.

\*  
\*   \*  
\*

SURTO — Publicação dos alunos da Fac.  
de Dir. da Univ. de Minas Gerais. — Ano I —  
Ns. I e II.

**L. A.**

Quem conhece as dificuldades materiais que, entre nós, encontra uma publicação como esta, não deixará preliminarmente de avaliar o preço da iniciativa. Em nosso meio, só as revistinhas de mundanices do Sr. G. Barroso, em que legisla o Sr. B. Portela, conseguem angariar um publico numeroso recrutado entre poetas meticulosamente poetas e mademoiselles literatas.

As revistas de cultura e de pensamento não têm pulmão para tais ares, e justamente o maior perigo, que as espera, é degenerar ao cabo de certo tempo numa retrogradação invencível, transformismo ás avessas. E' uma observação prévia que desejamos lembrar aos jovens escritores de "Surto".

Os rapazes da revista reuniram-se heterogeneamente e fizeram da propria diversidade — que, em vez de separá-los, os juntou — um nucleo de orientação comum, literariamente comum. O que devem a todo transe evitar é uma coisa de que se notam tendencias leves — a cooperativa de louvaminha reciproca, de que aliás não precisam eles.

O primeiro numero conta com trabalhos dignos da maior atenção, e assim o segundo. Mas não interessa muito ao nosso registro apontar aqueles que nos parecem melhores. Isto fica ao publico, naturalmente selecionado pela especie da revista. Aqui nos interessa apontar o sentido da empreza e pesar-lhe o

valor. Teríamos reparos a fazer quanto aos propositos contidos na apresentação, reveladora duma incaraterização procurada, que nos parece detestavel, e cônica dum efemero, que lhe parece agradavel. Os homens, quando se reúnem para obra de pensamento, devem ter um sentido profundo, que os identifique. Porque toda obra de inteligencia, para perdurar, deve ser antes de tudo uma obra de unidade.

Estão aliás os jovens intelectuais mineiros, assim, dentro da deshierarquização que um mundo gidiano lhes oferece. Nem todos, é preciso dizer. Mas a verdade é que seu boletim tem coisas muito boas.

## S. FRANCISCO DE ASSIS E O SR. AGRIPINO GRIECO

### L. AMOROSO ANASTACIO

Com esse livro — “S. Francisco de Assis e a Poesia Cristã” — o ultimo do Sr. Agripino Grieco, tem-se uma agradável sensação de subida.

Todos aqueles, que acompanham com o olhar agudo o pequeno mundo intelectual brasileiro — não desconhecem a laboriosa atividade, que ultimamente se acentua, do Sr. Agripino Grieco. E o implacavel distilador de perfidias — que não raro é dum veneno mortifero — pôde gabar-se dum publico que o lê com gosto, numeroso, para desacato do burguês conservador...

E' certo a meus olhos que o Sr. A. Grieco cultiva lá consigo uma carinhosa atenção ao publico que o aprecia pelo lado satirico. E o resultado é que essa atenção exagera talvez o gosto espetaculoso da satira, de modo que, em muitos de seus escritos, pôde notar-se, com desagrado para os captadores profundos do espirito, uma demasiada complacencia ao **efeito**.

Não quero dizer que seja o Sr. A. Grieco um mero fabricante de armadilhas engenhosas — esse humorista ferroviario que ás vezes parece lançar seus epigramas com uma regularidade de horario de estrada de ferro correta.

O Sr. Grieco é antes de tudo um espirito claro de meridional cuja visualidade poderosa o arrasta aos excessos previstos num temperamento de mediterraneo que a America só fez avolumar, transformar, mas nunca — contrariar. Esse temperamento — que só compreende a Inglaterra quando o inglês é um Keats, helenizado — sofre ás vezes o efeito dessa natureza que é capaz dum estilo exuberante. De maneira que, em muitos casos o Sr. Grieco me parece um estilo sem tẽma,



tal a procura, a viagem, através as idéas e os assuntos, desse Horacio de paletó cujo epicurismo é temperado, desse Juvenal das sátiras que ardem.

Nem sempre isto é um bem, pois a extensão póde excluir a sondagem vertical, e a superfície, que o empolga, póde esconder um mundo inexplorado em que sua sensibilidade se extasiára.

Não creio que tal atitude seja uma estação definitiva do seu "itinerario" interior. Penso mesmo, sobretudo agora, que o Sr. Agripino não se deterá no provisorio, em que tem vivido, pois não póde estar longe do Calvario quem escreveu estas palavras: "A legenda franciscana é uma canção tão formosa que, á maneira de frei Masseo, quem quer que encontre a felicidade nela, não poderá jamais cantar outra canção" (Pag. 16). A impressão, portanto, que me ficou dessa leitura, é que o espirito itinerante continuará a procurar — ele que já o pressentiu — o verdadeiro caminho de Roma, como aquele Venillot de que nos dá um tão pitoresco reflexo. Falei em pitoresco, e creio que é o termo que dá a medida de muito do Sr. Grieco, pois não conheço quem melhor do que ele saiba tirar das coisas um toque tão decorativo e um lampejo tão paisagista. Se o Sr. Grieco fôsse pintor, suas télas seriam paisagens cheias de sol, de cascatas, de flôres e frutos; faria então, também, retratos, isto é, voluntarias caricaturas do homem sapiente, que iriam ridicularizar a paisagem...

Nem ele é tão do epigrama de horario, de que acima falava, pois ás vezes tem como ninguem o senso do inesperado que faz um dos encantos da prosa desse europeu intelectual que vive combinando as duas latitudes, a de lá e a de cá — num verdadeiro caso de dupla nacionalidade literaria...

Agripino tem sido um deslizador de superficies, mas o fato é que muitas dessas superficies são transparentes, deixando vêr o futuro sem os trabalhos fatigantes do escafandro. E ha superficies que escapam a olhos grosseiros, feridos irremediaveis duma miopia da ironia. Mas esse livro — em que já se nota alguma coisa de mais serio que a **piada** diabolica — promete uma nova posição da intelligencia do Autor. Pois o que se nota, relativamente ao que vimos dizendo, é uma outra attitude, cheia de penetração, incisiva, que lhe dá, em muitos trechos, um carater grave de profundez e uma prodigiosa compreensão das coisas.

Mas a riqueza propriamente cultural prejudica, não raro, essa visão segura que já é bem uma real sedução das paragens profundas e das sondagens intimas.

Mas penso que o maior obstaculo a uma completa e continua quéda em profundidade é ainda sua natureza de tonto da luz, que lhe traz ao estilo um acentuado sabor pagão, agora franciscanizado nessa especie de panteismo cristão que é a simpatia aberta a toda sedução poetica do cosmos.

Em ultima analise, o que falta mesmo ao Sr. Agripino Grieco, para integrar-se numa esfera construtora, como este volume já esperança — é crear ás suas intenções um senso de eternidade, em que ele se realize plenamente.

Pois estou certo que a Religião profunda será para o Sr. Agripino Grieco uma verdadeira "perfeição técnica" á sua obra, como da moral (desintencionada) para a arte dizia René Schwob. Assim, a sua obra só será definitivamente grande quando os reagentes do espirito revelarem, num laconismo de laboratorios de pesquisas: — traços de eternidade. Posso afirmar que não está longe o critico fluminense. Este livro é uma mensagem disto.

Mas... pouco falei propriamente do conteúdo, se bem que me pareça já ter exposto o que eu julgo ser o seu sentido.

Por um escrupulo de vulgarizador, em que me transformo, verei uns pontos que reputo mais interessantes.

Os estudos contidos desenvolvem-se num conjunto cujo feixe organico é o fundo de cristianismo, conciente ou não, que os autores estudados apresentam.

Sem querer dar um julgamento doutoral, penso que os melhores capitulos são: "A Legenda Franciscana", que abre o livro, mimo que a literatura franciscana tem de incorporar-se com orgulho; o que se segue, sobre "Dante", é outro ponto culminante dessa orografia variada e internacional — cadeia de montanhas, cuja espinha dorsal é ininterrupta, e que desconhece fronteiras, pois essa continuidade é o terreno comum do Monte Gólgota. Vemos depois passar uma onda de fogo com Santa Tereza, apaixonada do Amor que a consumiu. Vemos muito da França espiritual e cristã, de Lamartine e Chateaubriand, de Baudelaire e Verlaine, e outros — terminando por esse magistral estudo de Mistral que resgata a mediocridade de certos estudos como o de Southey e Leigh Hunt. Os capitulos de Keats e Cristina Rossetti, plenos de simpatia creadora, são extremamente delicados, como é feliz a observação arguta sobre o nucleo da tragedia wildeana. E' pena que Antero tenha merecido tão pouco, no quadrante português, magnifico, e que o trio brasileiro seja apenas um trio. O estudo sobre Alfonsus, sem falar no seu valor, é duma oportunidade e propriedade que desejo mencionar. Poucos os que conhecem aquele que deixou

os símbolos mais sedutores nos versos mais musicais — versos que, decorados, não deixam nunca a gente e voltam sempre que um crepusculo desmaia, e quando uma evocação de ternura, um perfume, uma sugestão delicada nos enche a alma daquela cariciosa

... "saudade tão calma  
que nos faz tanta vez pelos mortos rezar" ...

Rio — Out. 933.

## CRONICA DE TRANSCRIÇÕES

### SOBRE AÇÃO E CULTURA CATOLICA BRASILEIRA

Por JUAN B. CARBALLA

O viajante, a quem se perguntasse, depois duma breve estadia no Rio de Janeiro, qual o criterio religioso que proporciona a observação das massas, só teria uma resposta: um catolicismo enormemente difundido, manifestado com sinceridade e praticado com verdadeira unção. U'a missa dominical, por exemplo, é uma festa do espirito na qual só se põe de manifesto a fé e o desejo de cumprir com os deveres cristãos. Quasi me aventuraria a afirmar que o catolicismo brasileiro é uma das poucas atividades que carecem de classificação em um país dado a classificar todas as atividades. Os bondes têm primeira e segunda classe, os collegios seus uniformes de corpo, os transportes sua importancia progressiva e até as diversões, culto do povo em sábados e domingos, têm suas escalas por graus de importancia. E assim se explica que nos chame a atenção a concurrencia de u'a missa das onze ou de meio dia, quando nos lembramos de nossas igrejas onde, a essa hora, a seleção é tanta que, quasi afirmariamos, expulsa a piedade.

No catolicismo de combate, formado, em sua esfera superior, por homens de ampla cultura, o espirito de luta se acompanha sempre da qualidade intelectual. Afirmações como esta não requerem mais prova que o sumário esboço das instituições de cultura católica do Brasil.

No artigo anterior, dedicado á personalidade de Tristão de Athayde, dei uma idéa do que é o Centro Dom Vital. Ao Cardeal Leme pertence esta afirmação: "O Centro Dom Vital é a maior afirmação da intelligencia cristã da Coligação Catolica Brasileira". Desta se deriva uma série de obras que tem como órgão executivo de suas atividades especificas o Secretariado da Ação Catolica. São eias: **Ação Universitaria**, **Confederação**

Nacional de Operarios, Liga Eleitoral, Instituto de Estudos Superiores, Confederação da Imprensa e Associação das Bibliotecas. (N. do Trad. — A tradução está literal em este e outros pontos que demandariam, a rigor, pequenas modificações accidentais.)

O Centro Dom Vital deve seu nome ao bispo Dom Vital Oliveira que, em consequencia da questão religiosa com o Governo Imperial, foi encarcerado na Fortaleza de São João, em 1874, por injusta imposição do Supremo Tribunal. D. Vital defendeu a independencia do poder espiritual deante do poder civil e, mais tarde, como bispo de Olinda, se empenhou em sanear o catolicismo brasileiro, cuja fé, segundo suas proprias palavras, "é ainda débil e titubeante por falta de instrução religiosa". Assim sintetiza Athayde, em um discurso, a silhueta do seu antecessor. Vejamos agora como desenna, com a mesma exata presteza, a do Fundador do Centro Jackson de Figueiredo: "alma de fogo, inteligencia profunda e penetrante cuja curiosidade animada vagára por todos os sistemas filosoficos mais complexos, e, desiludida de todos, encontrou o caminho verdadeiro nas palavras mais simples e mais profundas que jamais se pronunciaram neste mundo: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". (Discurso de 3-9-1931).

O Centro Dom Vital tem como fim o desenvolvimento por todos os meios intelectuais legitimos da cultura católica superior. Entre esses meios assinaiam especialmente seus estatuios a organização de cursos, a fundação de uma bibliotéca, a publicação de livros e a promoção de reuniões periodicas na Capital Federal. Todas essas são coisas que já formam parte da atividade corrente do Centro são exemplo duma organização invejavel. Póde dizer-se que realiza um labor em si e nos institutos afins a que tem dado origem. Os socios se repartem em quatro comissões de estudo: teologia e liturgia, apologetica e historia, filosofia e ciência, sociologia e letras, — contraindo o compromisso de especializar-se nas materias da comissão a que pertencam. Todas as sextas-feiras se realizam reuniões nas quais, depois dum discurso pronunciado pelo socio designado para isto, se implanta o debate sobre os problemas por êle tratados.

Tem tambem o Centro Dom Vital uma revista denominada **A ORDEM** cujo aspecto exterior é semelhante ao de "Nosotros", e de cujo conteúdo omitimos opinião porque temos esperança de que muito breve se difunda e se leia em nossa cidade.

Tudo isto á parte da ação cultural propriamente dita, confiada aos cursos que o Centro organiza por meio do Instituto Católico de Estudos Superiores. Para dar uma idéa da importancia da obra, bastaria difundir entre nós o programa dos cursos que ali se professam sobre calculo infinitesimal, intro-

dução ás matemáticas, introdução ao direito, biologia, teologia, filosofia, sociologia e liturgia.

A esta altura de nosso artigo, vêm-nos á memoria duas afirmações de indiscutível autoridade: uma do Dr. Dardo Regules que manifestava não sem certo tom de reproche, numa assembléa estudantina de ha poucos anos, que era mal sintoma para uma juventude como a nossa a falta de interesse demonstrada deante da infinidade de manifestações culturais, especialmente de cultura católica; outra, do sr. Eduardo J. Couture, na dissertação com que brilhantemente fechava os cursos de cultura católica, e onde poz em relevo que o verdadeiro problema do ensino religioso em nosso país não era o da criança, já resolvido por multiplas instituições docentes, mas o do jovem universitario inatendido até agora. E bem, no Brasil, onde o conceito de gratuidade do ensino não repugna ás taxas impostas ás matriculas dos cursos do instituto católico, pois que significam pelo menos um sacrificio patrimonial, não são élas obstaculo para que o registro de alunos chegue a conter mais de 150 nomes, o que equivale, segundo o nosso calculo, a encher totalmente as aulas da Praça 15 de Novembro e a atender eficientemente á juventude universitaria católica.

A Confederação de Operarios Católicos, outra das instituições do Centro Dom Vital, tem um significado social de amplas projeções. Seu objecto principal é orientar os operarios na formação de obras sindicais e de previsão, instruindo os dirigentes e propagandistas dentro das idéas cristãs e dos sãos principios do movimento corporativo e sindical. E dissemos que tem um significado de amplas projeções sociais, pensando na futura organização do senado corporativo, que deve ter por força uma preparação social prévia, e que abre caminho na opinião do vizinho país, em vias de redigir uma nova constituição politica. O estudo dessa realidade brasileira pôde perfeitamente servir de referencia a quem, entre nós, seja partidario e propulsor do sistema.

A obra da Bibliotéca e da Confederação da Imprensa tem suas similares em nosso país.

Quanto á organização politica, creou-se recentemente a Liga Eleitoral Católica. Não é uma organização politica partidaria. Seus fins civicos e patrioticos se alcançam mediante o alistamento de grande numero de cidadãos a quem se orienta no exercicio do voto e quanto ás doutrinas dos partidos politicos em que desejam militar. Exerce influencia nos programas partidarios e tem por finalidades mais altas a defesa da Família e da Patria. Sobre as vantagens e inconvenientes que esta organização pôde ter do ponto de vista politico e católico, só se

poderia opinar com um conhecimento acabado da atualidade politico-social de nossos vizinhos, que não possuímos.

E, para encerrar com fêcho de ouro, segundo a socorrida expressão, este quadro admiravel de quanto se tem feito em prol da cultura, da alta cultura católica, que é talvez o mais importante da hora em que vivemos e de que é o Brasil um esplendido exemplo — o Centro Dom Vital organiza continuamente conferencias a cargo do Padre Jesuita Leonel Franca. O Pe. Franca mereceria especialissima consideração nas paginas de "El Bien Publico"; não obstante, por uma homenagem aos seus altos meritos faz-se imprescindivel um conhecimento mais estreito de sua pessoa, que o que poderã dar uma entrevista fugaz. Uma afirmação, ainda que remota de Athayde, nos permite, sem embargo, formular uma promessa.

As conferencias do Pe. Franca realizam-se no Colegio dos Jesuitas, em Botafogo, a uma hora pouco propicia e só para homens, o que equivale, nos assistentes, a não pouco sacrificio pessoal que põe uma vez mais, de manifesto, o interesse que a cultura desperta, o despreço da "comodidade" que é a teoria mais difundida em nosso meio, e o alto valor científico dos temas estudados, cujos titulos copio, mais que como garantia da bondade que demonstram, afim de que, se alguém se interessa especialmente, possa contar com a referencia dos mesmos em A ORDEM. São êles: "anti-inteletualismo e demonstrabilidade da existencia De Deus"; "Deus, a contingencia e as perfeições do ser"; "teologia cosmica"; "teologia e intelligência ordenadora"; "o problema do mal"; "Deus e as conclusões da ciência positiva"; "personalidade e transcendência de Deus". (Conferencias de 26 de maio a 24 de novembro. Todas as ultimas sextas-feiras).

E aqui tem o leitor a impressão do viajante que começa a emocionar-se com a beleza da terra carioca e termina entusiasmado-se com as manifestações mais puras de sua espiritualidade; que sente nascer sua admiração ante os cumes de linhas e côres esplêndidas e cái em oração deante da imagem do Corcovado, de cujos braços abertos se sente descer a paz sobre o coração dos homens.

(Trad. de "El Bien Publico", 1-XI-933)

## A CONCORDATA ENTRE A SANTA SÉ E A ALLEMANHA

Publicamos, linhas abaixo, em sua integra, o texto da Concordata assinada entre a Santa Sé e a Alemanha, no dia 20 de julho deste ano.

Segue-se, como parte integrante, um Protocolo final cujas disposições, como diz o "L'Osservatore Romano" são indispensaveis para a exata e completa compreensão dos artigos da mesma concordata:

Sua Santidade o Sumo Pontifice Pio XI e o Presidente do Reich Germanico,

concordes no desejo de consolidar e desenvolver as relações amistosas existentes entre a Santa Sé e o Reich Germanico,

querendo regular as comunicações entre a Igreja Catolica e o Estado para todo o territorio do Reich Germanico de um modo Estavel e satisfatorio para ambas as partes,

resolveram concluir uma solene Convenção que complete as Concordatas concluidas com alguns Estados particulares (Laender) da Germânia e assegure aos outros um criterio uniforme no modo de tratar as questões relativas.

Para tal efeito, Sua Santidade o Sumo Pontifice Pio XI nomeou seu Plenipotenciario a

Sua Eminencia Reverendissima o Senhor Cardial Eugenio Pacelli, Seu Secretario de Estado,

e o Senhor Presidente do Reich Germanico nomeou seu Plenipotenciario o Vice-Chanceler do Reich Germanico, Senhor Franz von Papen,

os quais, tendo trocado os seus plenos poderes respectivos e tendo-os encontrado em boa e devida forma, concordaram nos seguintes artigos:



Artigo 1. — O Reich Germanico garante a liberdade da profissão e do exercicio publico da religião catolica.

Reconhece o direito da Igreja Catolica, no ambito das leis gerais vigentes, de regular e administrar livremente os proprios negocios e de emanar, no campo de sua competencia, leis e disposições que obriguam os seus membros.

Artigo 2. — As concordatas concluidas com a Baviera (1924), a Prussia (1929) e Baden (1932) permanecem em vigor, e os direitos e a liberdade da Igreja Catolica nelas reconhecidos, ficam inalterados nos territorios dos respectivos Estados. Para os restantes Estados aplicam-se integralmente as disposições acordadas na presente Concordata. Estas são obrigatorias, tambem para os suditos dos tres Estados, em quanto se referem a materias que não foram reguladas nas mencionadas concordatas particulares ou completam a regulamentação já determinada.

No futuro, a conclusão de Concordatas com os Estados particulares se fará unicamente de acordo com o Governo do Reich.

Artigo 3. — Para cultivar as boas relações entre a Santa Sé e o Reich Germanico, um Nuncio Apostolico residirá como até agora na capital do Reich Germanico e um Embaixador do Reich Germanico junto á Santa Sé.

Artigo 4. — A Santa Sé goza de plena liberdade de comunicação e correspondencia com os Bispos, o clero e com quantos pertencem á Igreja Catolica na Germania. O mesmo vale para os Bispos e as outras autoridades diocesanas nas suas comunicações com os fieis para tudo que se refere ao seu ministerio pastoral.

As instruções, avisos, cartas pastorais, boletins diocesanos officiais e todos os outros atos relativos ao governo espiritual dos fieis, que emanam das autoridades eclesiasticas no ambito de sua competencia (art. 1, cap. 2) podem ser publicados livremente e levados ao conhecimento dos fieis nas formas usadas até agora.

Artigo 5. — No exercicio de sua atividade sacerdotal os eclesiasticos gozam da proteção do Estado da mesma maneira como os empregados do Estado. Isto impedirá, segundo a norma das leis gerais do Estado, as ofensas ás suas pessoas e a sua qualidade de eclesiasticos, como tambem que eles sejam estorvados nos atos do seu ministerio, e ha de garantir, onde

fôr necessaria, a proteção da parte das autoridades civis. (1)

Artigo 6. — Os clérigos e os religiosos são isentos da obrigação de assumir cargos públicos e incumbências que, segundo as normas do Direito Canônico, não são compatíveis com o estado eclesiástico ou religioso. Isto vale de modo particular para o ofício de policiais, de jurados, de membros de comissões de impostos e de tribunais de finanças.

Artigo 7. — Para assumir um emprego ou ofício do Estado ou de entidades públicas dependentes do mesmo, requer-se para os eclesiásticos o “nada obsta” do seu Ordinário diocesano, como também do Ordinário do lugar; o “nada obsta” fica sempre revogável por graves motivos de interesse eclesiástico.

Artigo 8. — As subvenções, de que gozam os eclesiásticos em razão de seu ofício, não são penhoráveis, na medida em que não o são os estipendios e ordenados dos empregados do Reich e do Estado.

Artigo 9. — Os eclesiásticos não podem ser convidados por magistrados ou outras autoridades para dar informações sobre cousas ou assuntos que lhes foram confiados no exercício da cura de almas e que, por isso, cáem sob o segredo do seu ofício espiritual, (2)

Artigo 10. — O uso do habito eclesiástico ou religioso da parte de seculares ou da parte de eclesiásticos e religiosos, aos quais tenha sido interdito pela competente autoridade eclesiástica por disposição definitiva, comunicada oficialmente á autoridade do Estado, é punível com as mesmas penas com que é punível o uso abusivo da divisa militar.

Artigo 11. — E' conservada a atual organização e circunscrição diocesana da Igreja Católica na Alemanha. A ereção de uma nova diocese ou provincia eclesiástica ou outras mudanças de circunscrições diocesanas, que parecessem, eventualmente, necessarias no futuro, ficam reservadas, tratando-se de uma nova disposição dentro dos confins de um Estado particular da Alemanha, a acordos com o competente governo do respetivo Estado. Para novas ereções ou mudanças, que ultrapassam os confins de um Estado particular da Alemanha, terá lugar um acordo com o governo do Reich, ac

---

(1) A autoridade, protestante, garante o exercício integral do ministério católico. (N. da R.).

---

(2) Os protestantes respeitando o segredo da Confissão. (N. da R.).

qual será deixado o cuidado de assegurar-se o consentimento dos Estados interessados. O mesmo vale para a nova erecção ou mudanças de provincias ecclesiasticas, quando nelas estão interessados mais Estados particulares da Germania. Estas normas não se applicam nos casos de alteração de confins ecclesiasticos que se fazem unicamente no interesse da cura local de almas.

No caso de eventuais mudanças na estrutura territorial interna do Reich Germanico, o governo do Reich se porá em comunicação com a Santa Sé para o novo ordenamento da organização e circunscrição diocesana.

Artigo 12. — Salvo as disposições do art. 11, os officios ecclesiasticos podem ser livremente erétos ou alterados, uma vez que não se exijam contribuições dos fundos do Reich. O concurso do Estado na ereção e na mudança de paróquias ou de semelhantes comunidades ecclesiasticas terá logar segundo diretivas que se fixarão de acordo com os Bispos diocesanos; o governo do Reich atuará junto aos governos dos Estados particulares para a maior uniformidade possivel de tais diretivas.

Artigo 13. — As paróquias e outras comunidades ecclesiasticas catholicas semelhantes, as associações paroquiais e diocesanas, as sédes episcopais, as dioceses e os cabidos, as ordens e as congregações religiosas, como tambem os institutos, as fundações e os bens patrimoniais da Igreja Catolica, administrados por órgãos ecclesiasticos, conservam ou adquirem a personalidade juridica para o fôro civil segundo as normas comuns do direito estatal. Ficam entidades de direito publico as que já o são, ás outras pódem ser concedidos direitos iguais, segundo as normas das leis gerais em vigor.

Artigo 14. — A Igreja Catolica tem em principio o direito de conferir livremente todos os officios e beneficios ecclesiasticos, sem o concurso do Estado e dos municipios, a exceção dos casos previstos pelos acordos estabelecidos nas concordatas das quais se trata no art. 2. Quanto ao que diz respeito ao provisionamento das sédes episcopais das duas dioceses sufraganeas de Rottenburg e de Moguncia, como tambem das dioceses de Meissen, applica-se a elas, correspondentemente, a norma fixada para a séde de Friburgo, Metropolitana da provincia ecclesiastica do Alto Rheno. O mesmo vale, nas duas dioceses sufraganeas referidas, para o provisionamento das conezias do cabido episcopal e para a regulamentação do direito de padroado.

Além disso, concordou-se nos seguintes pontos:

1) Os sacerdotes catolicos, que ocupam um cargo eclesiastico ou exercem uma atividade na cura de almas e no ensino, devem:

- a) ser cidadãos germanicos;
- b) possuir um atestado de maturidade que os habilita ao estudo numa escola alemã superior;
- c) ter realizado ao menos por um trienio, os estudos filosofico-teologicos numa alta escola alemã do Estado ou num instituto academico alemão eclesiastico, ou numa alta escola pontificia em Roma.

2) Antes da expedição das bulas de nomeação para os arcebispos, bispos, para um coadjutor *cum jure successionis* ou para um prelado *nullius*, será comunicado ao logar-tenente do Reich (*Reichsverwalter*) junto ao competente governo do respectivo Estado o nome da pessoa escolhida para verificar que contra ela não existem objeções de ordem politica geral.

Mediante entendimento entre a autoridade eclesiastica e governativa, se poderá prescindir dos requisitos enumerados nos num. 1) alinea 2, let. a) b) c).

Artigo 15. — As ordens e congregações religiosas não estão sujeitas, da parte do Estado, a nenhuma restrição referente á sua fundação, residencias, numero e, salvo o art. 15, alinea 2, á qualidade dos seus membros, á sua atividade na cura de almas, no magisterio, na assistencia aos doentes e nas obras de caridade, na regulamentação dos seus negocios e na administração dos seus bens.

Os superiores religiosos, que têm a sua residencia no Reich Germanico, devem possuir a cidadania alemã. Os superiores provinciais e gerais, residentes fóra do territorio do Reich Germanico, tambem se forem de outra nacionalidade, têm o direito de visitar as suas casas situadas na Germania.

A Santa Sé cuidará que a organização provincial para as casas religiosas existentes no territorio do Reich seja regulada de modo que elas, possivelmente, não sejam submetidas a superiores provinciais estrangeiros. Pódem ser admitidas exceções, de acordo com o Governo do Reich, especialmente nos casos em que, devido ao numero exiguo de casas não seja oportuna a constituição de uma provincia germanica ou em que haja razões especiais para conservar uma organização provincial historicamente fundada e que praticamente se mostrou boa.

Art. 16. — Os Bispos, antes de tomar posse das suas dioceses, prestarão nas mãos do logar-tenente do Reich (*Reichsverwalter*) junto ao Estado competente ou então do

presidente do Reich um juramento de fidelidade segundo a formula seguinte:

“Na presença de Deus e sobre os santos evangelhos, juro e prometo, como convem a um Bispo, fidelidade ao Reich Germanico e ao Estado. Juro e prometo respeitar e fazer respeitar por meu clero o Governo estabelecido segundo as leis constitucionais do Estado. Preocupando-me, como é de minna obrigação, pelo bem e os interesses do Estado Germanico, procurarei, no exercicio do ministerio sagrado que me é confiado, impedir qualquer dano que possa ameaça-lo.”

Artigo 17. — A propriedade e os outros direitos das entidades de direito publico, dos institutos, das fundações e das associações da Igreja Catolica sobre os seus proprios bens serão garantidos segundo a norma das leis gerais do Estado.

Por nenhum motivo poderá ter logar a demolição de um edificio dedicado ao culto, sem previo acordo com as competentes autoridades eclesiasticas.

Artigo 18. — Quando se quizer proceder á abrogação das prestações do Estado devidas á Igreja Catolica e fundadas sobre leis, convenções ou titulos juridicos particulares, se procurará em tempo um entendimento amigavel entre a Santa Sé e o Reich, antes de determinar os criterios a serem observados nessa abrogação.

Entre os titulos juridicos particulares se enumera tambem o costume fundado em direito.

A abrogação deve oferecer aos interessados uma compensação conveniente pela cessação das atuais prestações do Estado.

Artigo 19. — São conservadas as Faculdades de Teologia catolica nas Universidades do Estado. As suas relações com a autoridade eclesiastica são reguladas segundo as disposições estabelecidas nas respectivas Concordatas e anexos Protocolos finais, e de acordo com as relativas prescrições eclesiasticas. O Governo do Reich se esforçará por assegurar em todas as mencionadas Faculdades catolicas da Germania uma pratica uniforme que corresponda a todas as disposições vigentes nessa materia.

Artigo 20. — Salvo outros acordos vigentes, a Igreja tem o direito de erigir, para a formação do clero, escolas de filosofia e de teologia, que dependem exclusivamente da autoridade eclesiastica, uma vez que não se exigem subsidios do Estado.

A ereção, direção e a gestão dos Seminarios e Convictos

eclesiasticos pertencem unicamente ás autoridades ecclesiasticas, dentro do ambito das leis gerais em vigor.

Artigo 21. — O ensino da religião catolica nas escolas elementares, profissionais, médias e superiores é materia ordinaria do ensino e será ministrado em conformidade com os principios da Igreja Catolica.

No ensino religioso se cuidará particularmente da educação da consciencia em relação aos deveres patrios, civis e sociais, segundo as maximas da fé e da lei moral cristã, o que tambem se fará no restante ensino. (3)

O programa do ensino religioso e a escolha dos respectivos livros de texto serão fixados de acordo com a autoridade ecclesiastica superior. A's autoridades ecclesiasticas superiores será fornecido ensejo para examinar, de acordo com as autoridades escolares, si os alunos recebem instrução religiosa em conformidade com as doutrinas e as exigencias da Igreja.

Artigo 22. — A admissão de professores da religião catolica será feita de comum acordo entre o Bispo e o Governo do Estado particular.

Os professores, que, devido á sua doutrina ou conduta moral, o Bispo tenha declarado inaptos para continuar a ministrar a instrução religiosa, não pódem ser empregados nesse ensino, enquanto perdurar o impedimento.

Artigo 23. — A conservação e a nova ereção de escolas confessionais catolicas ficam garantidas. Em todas as comunas, nas quais os pais, ou quem fizer suas vezes, o exigirem, serão eretas escolas elementares catolicas, uma vez que o numero dos alunos, tomando na devida consideração as condições da organização escolar no logar, faça julgar possivel, segundo as prescrições do Estado, o funcionamento regular da escola. (4)

Art. 24. — Em todas as escolas elementares catolicas serão empregados sómente professores que pertençam á Igreja Catolica e que ofereçam garantia de corresponder ás exigencias particulares da escola confessional catolica.

---

(3) Os protestantes aqui se batem contra o ensino religioso nas Escolas. Na Alemanha o Estado protestante considera o ensino da religião catolica materia ordinaria nas escolas elementares, médias e superiores, ficando a sua ministração a cargo da Igreja. (N. da R.)

(4) O Estado protestante não só obriga o ensino religioso nas escolas mas conserva e criará escolas unicamente catolicas, quando os pais catolicos isso exigirem. Fossem os pais catolicos pedir isso ao Governo do Brasil e o mundo viria abaixo. Mas nós somos um povo civilizado e os alemães não o são... (N. da R.)

No quadro da formação profissional geral dos professores deve haver institutos que assegurem uma formação de professores católicos correspondentes ás exigências particulares da escola confessional católica. (5)

Artigo 25. — As ordens e congregações religiosas são autorizadas a fundar e dirigir escolas privadas, segundo a norma do direito comum e das condições determinadas pela lei. Tais escolas privadas conferem as mesmas habilitações como as escolas do Estado, contanto que cumpram as condições vigentes para estas ultimas em materia do programa de ensino.

Para a admissão ao magisterio e a nomeação de professores nas escolas elementares, médias e superiores, valem para os membros das ordens e das congregações religiosas os requisitos comuns.

Artigo 26. — Sem prejuizo de uma ulterior e mais ampla regulamentação das questões de direito matrimonial, ha acordo em que o matrimonio religioso pode ser celebrado antes do áto civil, além do caso de doença grave de um dos esposos a qual não permita dilação, tambem no caso de grave necessidade moral, cuja existencia deve ser reconhecida pela competente autoridade episcopal. Nestes casos, o paroco é obrigado a informar, sem demora, o officio do Estado civil.

Artigo 27. — Ao exercito do Reich Germanico será concedida uma cura de almas isenta para os officiais, funcionarios e militares católicos que a ele pertençam e as suas respectivas familias.

A direção da assistencia espiritual do exercito pertence a um Bispo Castrense. Sua nomeação eclesiastica será feita pela Santa Sé, depois que a mesma tiver entrado em comunicação com o Governo do Reich para a designação, de acordo com elle, de uma pessoa idonea.

A nomeação eclesiastica dos parocos militares e dos outros capelães militares é feita pelo Bispo Castrense, depois de ter ouvido a competente autoridade do Reich. O Bispo Castrense só pode nomear aquellas pessoas eclesiasticas que tenham obtido do seu Bispo diocesano a licença de entrar na cura de almas do exercito e o respectivo certificado de idoneidade.

Os eclesiasticos que têm cura de almas junto ao exercito

---

(5) O Estado alemão pagará professores declaradamente católicos para ensinar nas escolas católicas. No Brasil impõem-se professores comunistas aos alunos católicos. (N. da R.).

têm competências paroquiais sobre as tropas e as respectivas famílias, que lhes são confiadas.

As normas precisas para a organização da assistência espiritual católica junto ao exército serão emanadas por meio de Breve Apostólico.

O regulamento da situação dos capelães militares em quanto funcionários do Estado será feito pelo Governo do Reich. (6)

Artigo 28. — Nos hospitais, nas penitenciárias e nos outros estabelecimentos mantidos por entidades públicas, a Igreja será admitida, no quadro do horário geral da casa, para provêr às necessidades espirituais das almas e para ali realizar as funções religiosas. Si em tais institutos vem estabelecida uma assistência espiritual regular e si para tal fim são chamados eclesiásticos, como empregados do Estado ou de qualquer maneira públicos, isto será feito de acordo com a autoridade eclesiástica superior. (7)

Artigo 29. — Os católicos residentes no Reich Germanico e pertencentes a minorias étnicas não alemães terão, a respeito da admissão de sua língua no culto, no ensino religioso e nas associações eclesiásticas, um tratamento não menos favorável do que aquele que corresponde á condição de direito e de fáto dos cidadãos de origem e de língua alemã no territorio do respetivo Estado estrangeiro.

Artigo 30. — Nos domingos e festas de preceito, nas igrejas catedrais, como também nas igrejas paroquiais, filiais e conventuais do Reich Germanico se recitará no fim do principal serviço religioso, em conformidade com as prescrições da sagrada liturgia, uma oração pela prosperidade do Reich e do povo germanico.

Artigo 31. — As organizações e associações católicas que tenham fins exclusivamente religiosos, culturais e caritativos e que como tais dependam da autoridade eclesiástica, serão protegidas nas suas instituições e na sua atividade.

---

(6) No Exército alemão haverá capelães católicos e até um Bispo para a direção geral da assistência espiritual dos soldados, cabendo a esse Bispo a nomeação dos capelães. Que dirão a isso os nossos sociólogos-mirins, que entendem que a farda e batina são incompatíveis? (N. da R.).

---

(7) Nas cadeias, hospitais e demais estabelecimentos públicos do Estado a Igreja entrará na hora ordinaria e ali realizará funções religiosas. E haverá capelães para se ocuparem desse ministerio. (N. da R.)



As organizações católicas que, além dos fins religiosos, culturais e caritativos, têm ainda outros, entre os quais também os de caráter social ou profissional, gozarão, sem prejuízo de sua inserção eventual nas uniões do Estado, da proteção de que fala o art. 31, alínea 1, em quanto ofereçam garantia de que desenvolvem a sua atividade fóra de todo partido político.

O catalogo das organizações e associações, que caem debaixo das disposições deste artigo, será feito de acordo com o governo do Reich e o Episcopado alemão.

Nas organizações de jovens, esportivas ou outras, sustentadas pelo Reich e pelos Estados particulares, se cuidará que aos seus membros se torne possível o regular cumprimento dos seus deveres religiosos nos domingos e nos outros dias festivos e que não sejam obrigados a fazer cousas não compatíveis com as suas convicções e seus deveres religiosos e morais.

Artigo 32. — Devido ás atuais circunstancias particulares da Germania e em consideração das garantias, creadas pelas disposições da presente Concordata, de uma legislação que salvaguarde os direitos e a liberdade da Igreja Católica do Reich e nos seus Estados, a Santa Sé baixará disposições as quais excluirão para os eclesiasticos e os religiosos filiação a partidos politicos e a sua actividade a favor dos mesmos.

Artigo 33. — As matérias, relativas a pessoas ou cousas eclesiasticas, das quais não se tratou nos artigos precedentes, serão regulados no campo eclesiastico segundo o direito canonico vigente.

Si no futuro surgisse qualquer divergencia sobre a interpretação ou a applicação de uma disposição da presente Concordata, a Santa Sé e o Reich Germanico procederão de comum entendimento a uma solução amigavel.

Artigo 34. — A presente Concordata, cujo texto alemão e italiano fazem a mesma fé, deverá ser ratificada e os instrumentos da ratificação devem ser trocados quanto antes. Entrará em vigor no dia da troca dos referidos instrumentos.

Em cuja fé os Plenipotenciarios firmaram a presente Concordata.

Feito em duplo original.

Cidade do Vaticano, 20 de Julho de 1933.

L. S.

Eugenio Cardinale Pacelli

L. S.

Franz von Papen.

**PROTOCOLO FINAL**

Nô momento de proceder á assinatura da Concordata concluída entre a Santa Sé e o Reich Germanico, os abaixo assinados Plenipotenciarios, devidamente autorizados, fizeram as seguintes declarações, que formam parte integrante da mesma Concordata.

Ao art. 3. — O Nuncio Apostolico junto ao Reich Germanico é, em conformidade com as Notas trocadas entre a Nunciatura Apostolica em Berlim e o Ministerio do Exterior em data de 11 e de 27 de março de 1930, o decano do Corpo Diplomatico ali acreditado.

Ao art. 13. — O direito da Igreja de exigir taxas fica garantido.

Ao art. 14, alinea 2, nr. 2. — Si existem objeções de natureza politica geral, devem ser comunicadas dentro do mais breve tempo possivel. Si nenhuma declaração desse genero é apresentada ao termo de vinte dias, a Santa Sé terá o direito de julgar que contra o candidato não existem tais objeções. Até a publicação da nomeação será mantido o mais rigoroso sigilo sobre a pessoa em questão.

Esta alinea não importa um direito de veto da parte do Estado.

Ao art. 17. — Os edificios e os fundos do Estado, destinados a fins da Igreja, lhes são deixados como até agora, salvo os contratos eventualmente existentes.

Ao art. 19, alinea 2. — A regra fundamental é constituída, no momento da estipulação da Concordata, especialmente pela Constituição Apostolica "Deus scientiarum Dominus" de 24 de maio de 1931 e da Instrução de 7 de julho de 1932.

Ao art. 20 — Os convitos, sujeitos á direção da Igreja, junto a altas escolas e ginasios, serão reconhecidos, no que diz respeito ás taxas, como instituições essenciaes da Igreja em sentido proprio e como partes constitutivas de organização diocesana.

Ao art. 24. — Uma vez que segundo a nova regulamentação das escolas normais, institutos particulares possuem os requisitos geralmente exigidos pelo Estado para a formação de professores e professoras, se terá na admissão dos mesmos a devida consideração tambem aos institutos existentes das ordens e das congregações religiosas.

Ao art. 26. — Verifica-se uma grave necessidade moral, quando dificuldades insuperaveis, ou que não se pódem re-

mover sem excessivo incomodo, impedem a aquisição, no prazo devido, dos documentos necessarios para a celebração do matrimonio.

Ao art. 27, alinea 1. — Os officiais, empregados e soldados catholicos e as suas familias não pertencem ás paróquias locais e não são obrigados ás respectivas contribuições.

Alinea 4. — O Breve apostolico será emanado, depois de ouvido o Governo do Reich.

Ao art. 28. — Nos casos urgentes deve ser permitido ao ecclesiastico o ingresso a qualquer momento.

Ao art. 29. — Tendo o Governo do Reich se mostrado pronto a aceitar tais disposições favoraveis para as minorias não alemãs, a Santa Sé declara que, em confirmação dos principios por Ela sempre defendidos acerca do direito á lingua materna na cura de almas, na instrução religiosa e na vida das organizações catholicas, procurará, por ocasião da estipulação de futuras Concordatas com outros Estados, fazer inserir nelas uma igual disposição para a tutela dos direitos das minorias alemãs.

Ao art. 31, alinea 4. — Os principios fixados ao art. 31, alinea 4, valem tambem para a organização do trabalho obrigatorio.

Ao art. 32. — Fica entendido que serão simultaneamente tomadas medidas pelo Governo do Reich, a respeito das confissões não catholicas, iguais disposições acerca da atividade politica nos partidos.

A attitude imposta, na execução do art. 32, aos sacerdotes e aos religiosos não significa limitação de especie alguma no ensinar e explicar, como é seu dever, as doutrinas e as maximas da Igreja, não só dogmaticas, mas tambem morais.

Cidade do Vaticano, 20 de Julho de 1933.

L. S.

**Eugenio Cardinale Pacelli**

L. S.

**Franz von Papen.**

# INDICE

VOLUME X — DOS NUMEROS 41 A 46 — (NOVA SERIE)

		Pgs.
— A —		
ACKER — (Leonardo van).....	Chronica Pedagogica .....	611
	A Lição da Moderna Pedagogia Russa .....	722
ANISIO — (Mons. Pedro).....	A quem Pertence a Educação .....	811
ATHAYDE — (Tristão de).....	Oração de Paranympo...	854
— B —		
BACKHEUSER — (Everardo)....	Escola Unica .....	527
— C —		
CAMARA — (Pe. Helder).....	Educação Progressiva.....	544
CARNEIRO — (Fernando) .....	Catholicismo e Communismo .....	576
CASASANTA — (Mario) .....	Don Bosco Educador.....	675
CANNABRAVA — (Euryalo V.)..	Será a psychologia sciencia natural ou cultural?.....	821
CABRAL — (Passos) .....	Acto de Fé .....	864
— D —		
DELGADO — (Luiz) .....	Raça e Assimilação.....	540
— G —		
GIBBONS — (Cardeal) .....	A Apostolicidade da Igreja	649
GOMES — (Perillo) .....	A Restauração do Direito.	550
GUEDES — (Pereira) .....	A Lei de Confissões e Congregações Religiosas na Hespanha .....	753
— J —		
JOSE' — (Madre Maria).....	O Dia da Carmelita.....	702
— K —		
KOELLER — (D. Thomaz O. S. B.)	A Liturgia .....	658
— L —		
LOPES — (Osorio) .....	Immigração Judaica.....	584
LOPES — (Paulo Corrêa) .....	Tres Preces .....	840

— M —		Pgs.
MACHADO — (Brasil Pinheiro)..	Apontamentos .....	567
MARIA — (D. João, Bispo de Lins)	O Verdadeiro e Falso Nacionalismo .....	594
MATTOS — (D. Xavier de, O. S. B.)	Psychologia Educacional...	501
MENDES — (Oscar) .....	A Politica dos Catholicos	581
MORAES — (E. Vilhena de).....	Sciencia e Religião.....	745
	D. Antonio de Macedo Costa e o Seminario Brasileiro em Roma.....	510
MORAES — (José Mariz) .....	O Menino que Nasceu Cégo	752
— N —		
NABUCO — (Mons. Joaquim)....	Um modo novo de Construir Igrejas .....	740
NERY — (Pe. João de Castro)...	Estudos sobre a Psychologia Forense no Brasil.....	517
NOGUEIRA — (Hamilton) .....	Fundamentos Biologicos da Monogamia .....	571
— O —		
OLIVEIRA — (P. de) .....	O Verdadeiro Perigo Comunista .....	555
OLIVEIRA — (Lourenço).....	Technocracia .....	588
— P —		
PEREIRA — (Lucia Miguel).....	Chronica Feminina.....	760
PINTO — (H. Sobral) .....	Chronica Politica.....	768
PAWLOW — (Ivan) .....	Carta Inédita .....	838
PENIDO — (M. T. — L.).....	Chronica de Philosophia..	865
— R —		
REDACÇÃO .....	A União Eucharistica da Bahia .....	483
	Significação do Congresso Eucharistico .....	643
	1932-1933 .....	799
RODRIGUES — (F. Contreiras)..	Socialisação do Trabalho.	672
ROY — (Alberto le) .....	Estatutos dos Funcionarios e Operarios do Vaticano .....	781
— S —		
SANTOS — (Lucio José dos).....	A proposito da Maçonaria no Brasil .....	487
SERRANO — (Jonathas) .....	A Proposito da Maçonaria no Brasil .....	662
	Letras Catholicas .....	615
	Letras Catholicas .....	764
SOMBRA — (Severino) .....	Letras Catholicas .....	873
	Cartas do Exilio .....	750
	A' margem do "Diario" de Gama e Castro.....	841
— T —		
TORRES — (José) .....	Idéas Transformistas.....	705
— V —		
VALMONT — (Ubyratan) .....	Monotonia .....	853